

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE

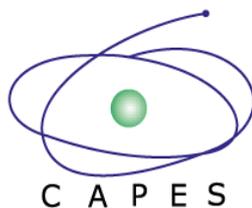
CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

MARCO ANTÔNIO VASCONCELOS

**OS (DES)MASCARADOS: REFERENCIAÇÃO, IDEOLOGIA E CRÍTICA NA
CONSTRUÇÃO DISCURSIVO-IDENTITÁRIA DO BLACK BLOC NA MÍDIA
BRASILEIRA**



FORTALEZA – CEARÁ

2016

MARCO ANTÔNIO VASCONCELOS

OS (DES)MASCARADOS: REFERENCIAÇÃO, IDEOLOGIA E CRÍTICA NA
CONSTRUÇÃO DISCURSIVO-IDENTITÁRIA DO BLACK BLOC NA MÍDIA
BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Linha 3: Estudos Críticos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Ruberval
Ferreira

FORTALEZA – CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Vasconcelos, Marco Antônio.

Os (des) mascarados: referência, ideologia e crítica na construção discursivo-identitária do Black Bloc na mídia brasileira [recurso eletrônico] / Marco Antônio Vasconcelos. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 * pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 144 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira.

1. Black Bloc. 2. Identidade. 3. Referência. 4. Ideologia. 5. Crítica. I. Título.

MARCO ANTÔNIO VASCONCELOS

OS (DES)MASCARADOS: REFERENCIAÇÃO, IDEOLOGIA E CRÍTICA NA
CONSTRUÇÃO DISCURSIVO-IDENTITÁRIA DO BLACK BLOC NA MÍDIA
BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 02/12/2016.

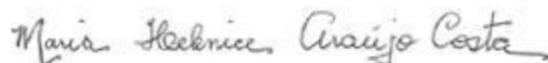
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Raimundo Ruberval Ferreira (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Hildemar Luiz Rech
Universidade Federal do Ceará – UFC



Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa
Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses dois anos, várias pessoas me ajudaram a escrever as páginas dos dias e desta dissertação. Às vezes em prosa enxuta, pedregosa, telúrica; às vezes em prosa líquida, incessante, passarinheira; ajudaram-me a compor este capítulo da minha vida. Por isso, meu total e completo obrigado a: Albenízia e a Ieda, minhas mães de sangue e de criação, que, com o cabralino e a palo seco cante de seu amor, me deram forças para sempre ser, mesmo ao meio-dia.

Elayne Gonçalves, a Lidiane Bach, a Rafaela Costa e a Marília Pontes, amigas queridas, que, ao longo dos dias e, por vezes, ao longo das noites, me ofereceram, respectivamente, sua dialógica e medeiriana amizade; sua passarinheira e quintanesca companhia; seu realisticamente fantástico carinho; e seu scherlockiano olhar e afeto.

Priscila Caxilé, minha amiga e namorada, meu ódio-amor (risos), cuja presença é hilsteaneamente o rio onde me lavo e terra por onde caminho.

Rafael Felipe e a Joana, companheiros-irmãos de docência, que, respectivamente, com sua hobsbalmesiana erudição e ontológico companheirismo; e, com seu millorfernandiano humor e amizade, dividiram boas horas de alegria comigo.

Thaysa Maria, minha amiga e parceira intelectual, que, com suas saramaguianas palavras, me ajudou a ter lucidez e a escapar da cegueira do papel em branco e das más articulações.

Ruberval Ferreira, meu querido orientador, que clariceamente – com suas sugestões estilísticas, teóricas e existenciais – me dá sopros de vida e me ensina a lidar com o coração selvagem da práxis científica.

Helenice Costa, professora admirada, que rubemalveamente, com seu amor pela docência e pelo aprender, incentivou e me ajudou a ser um melhor pesquisador, docente e ser humano.

Professores João Batista e Dina Martins Ferreira, esta que derrideamente fez-me o raciocínio entrar em ovulação; aquele que, com suas sugestões, me ajudou a tecer a manhã deste trabalho.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, que, sobretudo através das pessoas de suas, respectivamente, secretária Jamille Azevedo e ex-secretária Keliane Dantas, me ajudou a percorrer o, por vezes, kafkiano castelo da burocracia nacional.

O povo brasileiro, que através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), continua iluministicamente a acreditar que o conhecimento é uma forma de transformar e melhorar o mundo.

“A luta fundamental pelo poder é a batalha pela construção do significado na mente das pessoas”

CASTELLS

“Sócrates, mesmo antes de estabelecer relações contigo, já ouvia dizer que nada fazes senão caíres tu mesmo em aporia, e lebares também outros a cair em aporia. E agora, estás-me parecendo, me enfeitiças e drogas, e me tens simplesmente sob completo encanto, de tal modo que me encontro repleto de aporia.”

PLATÃO

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma investigação da construção discursivo-identitária do *Black Bloc* na mídia brasileira. Partindo do pressuposto de que toda identidade é uma construção de linguagem, objetivamos discutir de que maneira a revista *Veja* – eminente representante da *mídia hegemônica* – a revista *Carta Capital* – ponta de lança da *mídia contra-hegemônica* – e a página do *Facebook* do *Black Bloc* – RJ – tomada aqui como representante da *mídia radical* – construíram discursivamente a identidade do *Black Bloc*, no espaço dos Protestos de 2013. Imbuídos de uma perspectiva bakhtiniana de linguagem articulada a uma crítica da ideologia de base zizekiana e através das categorias *Introdução referencial*, *Anáfora* e *Dêixis*, intentamos a) descrever os processos de referenciação e seus possíveis efeitos de sentido nas reportagens *O Bloco do quebra-quebra*, publicada em *Veja*, *o Black Bloc está na rua*, publicada em *Carta Capital*, e *Black Bloc, questão de escolha*, postada na página do *Facebook* do *Black Bloc* - RJ; b) analisar comparativamente as identidades do *Black Bloc* presentes no âmbito dos três textos mencionados e c) discutir a dimensão ético-política imbricada nessas construções discursivo-identitárias do *Black Bloc*. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico-metodológico a teoria da Referenciação; as ideias de Bakhtin e o Círculo a respeito do papel da linguagem no espaço da vida social e as propostas de uma crítica zizekeana da ideologia. Como resultado da investigação, pudemos ver que *Veja* constrói o *Black Bloc* como um movimento de baderneiros e de vândalos, o qual deveria ser criminal e duramente punido; já *Carta Capital*, como uma tática de protesto anticapitalista desinteressante no que se refere à efetivação de conquistas sociais concretas e, por fim, o *Black Bloc* - RJ, como espécie de heróis que se erguem contra os desmandos do Estado e do capitalismo.

Palavras-chave: *Black Bloc*. Identidade. Referenciação. Ideologia. Crítica.

ABSTRACT

This thesis presents an investigation of the discursive-identity framing of the Black Bloc movement in the Brazilian media. Based on the assumption that all identity is a linguistic construction, we aim to discuss in which way the magazine *Veja* - notable exponent of the hegemonic media - *Carta Capital* magazine - spearhead of the counter-hegemonic media - and the Black Bloc - RJ Facebook page - taken here as representative of the radical alternative media - discursively built the Black Bloc's identity in the 2013 Protests' context. Imbued with a Bakhtinian perspective of language conjugated with a critique on Zizekian-based ideology and through the categories "Referential Introduction, Anaphora and Deixis", we try to a) describe the processes of reference and their possible effects of meaning on the articles "The Bloc of vandalism", published by *Veja*, "Black Bloc is in the street", published by *Carta Capital*, and "Black Bloc, matter of choice", posted on the Black Bloc-RJ Facebook page; b) to comparatively analyse the identities of the Black Bloc movement present within the three mentioned texts and c) to discuss the ethical-political dimension imbricated in these discursive-identity constructions of the Black Bloc movement. To do so, we will use as theoretical-methodological reference the theory of Reference, Bakhtin's ideas and the Circle of the role of language in the space of social life and the proposals of a Zizekian critique of ideology. As a result of the investigation, we could conclude that *Veja* treats the Black Bloc movement as a bunch of thugs and vandals, that should be considered criminal and harshly punished; *Carta Capital*, on the other hand, sees it as a tactic of anti-capitalist protest that is uninteresting with regard to the concretization of real social achievements; and finally, the Black Bloc-RJ page sees itself as a kind of heroes who stand up against the mismanagement of the state and capitalism

Keywords: Black Bloc. Identity. Reference. Ideology. Critique.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2	REFERENCIAÇÃO E PERSPECTIVA BAKHTINIANA DE LINGUAGEM: ALGUNS PONTOS DE ARTICULAÇÃO	21
2.1	FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA REFERENCIAÇÃO: VISÃO NÃO REFERENCIAL DE LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO INTERACIONAL DE SENTIDOS	21
2.2	A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM PERSPECTIVA SOCIOGNITIVA: RELAÇÕES ENTRE TEXTO E CONTEXTO.....	29
2.3	PROGRESSÃO REFERENCIAL EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA: A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO.....	33
2.4	CÍRCULO DE BAKHTIN: DIALOGISMO E TRANSLINGUÍSTICA	37
2.5	“E O SIGNO SE FAZ ARENA”: IDEOLOGIA, VOZES SOCIAIS E HETEROGLOSSIA/PLURILINGUISMO.....	42
2.6	DIÁLOGOS ENTRE REFERENCIAÇÃO E PERSPECTIVA BAKHTINIANA DE LINGUAGEM	47
3	O <i>BLACK BLOC</i> COMO SINTOMA SOCIAL DO CONTEMPORÂNEO	52
3.1	CRISES E O SURGIMENTO/TRANSFORMAÇÃO DE ATORES E DE MOVIMENTOS SOCIAIS	52
3.2	O BLACK BLOC COMO SINTOMA/ESPECTRO DO LAÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO: CARACTERÍSTICAS E ORIGEM DOS MASCARADOS...61	
3.3	CRÍTICA DA IDEOLOGIA NO CONTEMPORÂNEO: LER BAKHTIN/VOLOCHÍNOV COM ZIZEK.....	68
4	METODOLOGIA E ANÁLISE	78
4.1	DA NATUREZA DA PESQUISA.....	78
4.2	DO <i>CORPUS</i> : PROCEDIMENTOS DE COLETA E COMPOSIÇÃO	78
4.3	DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	81
4.4	ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÕES	82
4.4.1	O Bloco do quebra-quebra	82

4.4.2	O Black Bloc está na rua	96
4.4.3	Black Bloc, questão de escolha	109
4.5	ANÁLISE COMPARATIVA	117
4.6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	121
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
	REFERÊNCIAS	128
	ANEXOS	134
	ANEXO A – O bloco do quebra-quebra	135
	ANEXO B – O Black bloc está na rua	139
	ANEXO C – Black Bloc, questão de escolha	144

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escurece no Rio de Janeiro. Uma ordem distinta de seres e de coisas comumente não figuradas brota nas ruas brasileiras: uma multidão de manifestantes. Eles gritam palavras de ordem, como “Fora Cabral”, “Ou pára a roubalheira ou paramos o Brasil”, à medida que caminham em direção à sede da prefeitura municipal. Apesar do vento noturno, o tempo está abafado; julho de 2013 mostra-se um mês anormalmente quente. No rosto dos que marcham, gotas de tensão e de suor escorrem lentas, enquanto o medo de excessos policiais, retratados nos jornais no dia anterior, queima-lhes a alma.

Um pouco distante do movimento da turba, brilhos e *flashes* rápidos, entrecortados por sons de vidros se despedaçando, chamam a atenção. Chegando mais perto, vê-se que a porta de entrada de uma poderosa instituição bancária mostra-se completamente estilhaçada. Os fragmentos de vidro intensificam a luz dos *flashes* lançados por curiosos e por jornalistas, com celulares e com câmeras fotográficas em punho.

Dentro do banco, com paus e com pedras, um grupo de mascarados ataca com ferocidade os caixas eletrônicos. Juntos, com suas roupas e máscaras negras, estes revoltosos ficam estranhamente semelhantes, relativamente uniformes, dissolvidos na negrura de suas máscaras e na similaridade de seus gestos. Apesar do rosto coberto, os olhos destes garotos fazem-se visíveis e, como labaredas de fogo que estivessem consumindo toda a maldade e o sofrimento do mundo, flamejam a cada golpe desferido nos aparelhos bancários.

Passado algum tempo, um pouco distante dali, o conjunto dos manifestantes chega à sede da prefeitura municipal. Os gritos e as palavras de ordem tornam-se mais frequentes e aumentam de intensidade. Pedras são jogadas no prédio governamental. Policiais, com suor arrastando-se viscoso ao longo da face, afoitamente, colocam as mãos nos cassetetes e nas armas, carregadas de balas de borracha. Na boca, a tensão dá um gosto acre à saliva.

Manifestantes tentam ultrapassar o cerco montado pela polícia. Os ânimos intensificam-se. Bombas de gás lacrimogênio são lançadas: começa a repressão. Em meio ao cheiro e ao ar mefíticos, alguns manifestantes aparecem sangrando e machucados; os cassetetes, as bombas de efeito moral e as armas carregadas de balas de borracha já não apenas decoram a cintura dos policiais, agora, caminham vigorosas pela praça, dominadas e dominadoras dos homens que as impunham. Gritos e xingamentos são lançados aos policiais,

que, ainda mais tensos e afobados, avultam a repressão. No céu, a lua vai, aos poucos, sendo coberta pelas nuvens.

No meio da fumaça que cobria o lugar, aos poucos vão se delineando as silhuetas e os rostos mascarados do mesmo grupo que antes fora visto destruindo os caixas eletrônicos. Diferentes dos outros manifestantes, que correm, assustados, com medo da repressão policial; os mascarados se portam altivos e fortes, enfrentando a polícia e cuidando daqueles que por ela foram agredidos.

Ao longe, enquanto um confronto entre mascarados e policiais se materializava, ouvem-se vozes dizendo, “olha, são os *Black Blocs*, eles estão enfrentando a PM”. No céu, a lua já não se mostrava, e a escuridão de tudo tomava conta. Era noite. O sol ainda ia demorar a nascer.

Nessa pequena narrativa, somos imersos, através de uma narrativa de certo sabor literário, em um dos protestos que, no ano de 2013¹, balançaram as grandes cidades brasileiras. Não bastando isso, temos, em particular, contato com um grupo de manifestantes que protestam de uma forma, no mínimo, diferente: os chamados *Black Blocs*. No âmbito da nossa narrativa, estes são os mascarados, que, ao mesmo tempo em que procuram destruir grandes símbolos do capitalismo, defendem, fisicamente, os atingidos pelos excessos cometidos por uma despreparada e, por vezes, repressiva polícia.

A literatura sociológica, por exemplo, Dupuis-Déri (2014) e Solano (2014), vai ao encontro do que foi por nós exposto de forma narrativa, uma vez que os autores veem no *Black Bloc* uma forma de protesto que consubstancia uma crítica radical ao sistema político-econômico:

Os Black Blocs são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formadas durante uma marcha ou manifestação. A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças, em parte, às máscaras e roupas pretas. Embora os Black Blocs por vezes recorram à força para exprimir sua crítica radical, eles costumam se contentar em desfilar calmamente. O principal objetivo do Black Bloc é indicar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 10)

¹ Não há consenso no que se refere à nomeação dos protestos ocorridos no Brasil durante o ano de 2013. Alguns, como Judensnaider *et al* (2013), chamam de Manifestação dos 20 centavos ou jornadas de junho; outros, tal qual Rolnik (2013), nomeiam de revoltas de junho etc. Em nosso trabalho, adotaremos a nomeação Protestos de 2013, por acreditar que esta forma de nomear seja, entre as elencadas, a mais abrangente.

Ou seja, de acordo com o autor, *Black Bloc* não é um grupo organizado, mas sim uma forma específica de ação coletiva na qual as pessoas, com roupas e máscaras pretas, para preservar o anonimato, formam um bloco em movimento, visando realizar uma crítica radical do sistema econômico e político.

Nos protestos de 2013, eles foram personagens centrais, participando ativamente das manifestações e recebendo bastante atenção midiática. De fato, os *Black Blocs* tiveram ampla cobertura midiática, seja nos veículos de comunicação ligados à *mídia hegemônica*², seja nos ligados à *mídia contra-hegemônica*³ ou ainda, naqueles ligados à *mídia radical*⁴.

Para além da grande cobertura midiática ou, talvez, em decorrência dela, após algum tempo, a ação do *Black Bloc* gerou uma série de reações político institucionais, sobretudo, após a morte do cinegrafista Santiago Andrade⁵. De início, por exemplo, o governador do Rio de Janeiro sancionou, em meados de 2013, a lei 6528, que veda o uso das máscaras no espaço de manifestações sociais⁶. Após isso, quando a participação do *Black Bloc* tornou-se mais efetiva no espaço dos protestos, houve a busca de enquadrar aqueles que

² Peixoto (2014, p. 152) define *mídia hegemônica* como veículos de mídia que “têm alta média de circulação nacional, estão incorporados aos maiores conglomerados empresariais de comunicação do país e detêm poder de pauta jornalística”. Sabendo disso e recorrendo-se aos dados apurados pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revista) e ao IVC (Instituto Verificador de Comunicação) - que apurou como sendo a revista *Veja*, entre os anos de 2013-2014, a publicação semanal de maior circulação no Brasil - elegemos, para nosso estudo, a revista *Veja* como representante da *mídia hegemônica impressa*. Disponível em: <<http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>>.

³ *Mídia contra-hegemônica* é definida como sendo veículos de mídia que “têm baixa média de circulação nacional, possuem vínculos com médios e pequenos grupos empresariais de comunicação e assumem uma posição de contra-argumento às notícias pautadas pelos congêneres hegemônicos;” (PEIXOTO, 2014, p. 52). Das publicações que têm essas características, destaca-se a revista *Carta Capital*, que, entre suas congêneres contra-hegemônicas - *Carta Maior* e *Caros Amigos*- é aquela que tem o índice de circulação mais alto, de acordo com a ANER (Associação Nacional de Editores de Revista) e o IVC (Instituto Verificador de Comunicação), estando em 18º lugar no que se refere aos números de circulação. Em decorrência disso, optamos por eleger esta revista semanal como representante da *mídia contra-hegemônica* no espaço de nosso trabalho. Disponível em: <<http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>>.

⁴ Dias (2007, p.203) define mídia radical como instâncias midiáticas que “operam em torno de projetos não mercantis, pautando-se numa mistura de noticiabilidade, atualidade, informação (como no jornalismo padrão) e de engajamento (como no campo político).”.

⁵ No dia 10 de Janeiro de 2014, quatro dias após ser atingido por um rojão disparado por um manifestante durante um protesto contra a alta da tarifa de ônibus no Rio, Santiago Andrade, cinegrafista da Rede Bandeirantes, faleceu. Diferente dos casos de Cleonice Viera de Moraes, Douglas Henrique de Oliveira, Valdinete Rodrigues Pereira e Luiz Felipe Aniceto de Almeida, jovens mortos durante as manifestações; o caso de Santiago Andrade ganhou ampla repercussão, favorecendo, de certa forma, o endurecimento ou mesmo, de certa maneira, a criminalização dos protestos. Para saber mais sobre os casos citados aqui, ver *Os vivos e os mortos*, de Vladimir Safatle. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/tag/santiago-andrade/>>.

⁶ Lei 6528/13 | Lei nº 6528 de 11 de setembro de 2013, que regulamenta o artigo 23 da Constituição Federal (1988). Disponível em: <<http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1036049/lei-6528-13>>.

usavam a tática no espaço do crime de associação criminosa⁷. Ademais, por fim, voltou-se a discutir a possível implementação da Lei de Segurança Nacional (Lei nº 7.170, de 14/12/1983, que vigorava nos anos da Ditadura⁸). Ou seja, houve um progressivo endurecimento do governo em relação ao *Black Bloc*, podendo-se falar em verdadeira tentativa de hipercriminalização⁹ da tática.

Por consequência, interessante colocar que os mascarados passaram a ser hostilizados tanto pelas instâncias governamentais quanto pela opinião pública, que, de uma maneira geral, tendeu a enquadrá-los dentro da nomenclatura baderneiros ou vândalos. Talvez, em decorrência disso, as questões anticapitalistas que procuraram introduzir no debate pouco repercutiram, já que suas ações antes se tornaram produto de consumo espetacular do que elemento propulsor de debate em torno dos regimes políticos, econômicos e sociais aos quais estamos submetidos no contemporâneo.

Por que isso aconteceu com os adeptos da tática? De que maneira a mídia pode ter influenciado o processo de hipercriminalização do qual o *Black Bloc* foi vítima? Dessas reflexões é que surge o objetivo de nossa pesquisa: discutir de que maneira a revista *Veja*, eminente representante da *mídia hegemônica*, a revista *Carta Capital*, ponta de lança da mídia *contra-hegemônica* em nosso país, e a página do *Facebook* do *Black Bloc* - RJ, tomada aqui como representante da *mídia radical*, construíram discursivamente a identidade do *Black Bloc*.

Mais especificamente, vinculados ao projeto *Marchas, redes, paradas e primaveras no social contemporâneo: sujeitos, políticas de representação, antagonismo e subversão na era da complexidade política e os desafios de um pensamento crítico da linguagem*, coordenado por Ferreira (2014); buscamos descrever os processos de

⁷ “Há aqueles que defendem a aplicação aos manifestantes agressivos de uma nova lei, sancionada este ano: a de número 12.850, que cria a figura da organização criminosa, caracterizada como a associação de quatro ou mais pessoas, de forma estruturada e organizada, com o objetivo de obter vantagens pela prática de infrações penais. Aquele que dela participe ou que financie suas atividades está sujeito a penas de três a oito anos de prisão, sem contar a multa aplicável. A mesma pena é imposta aos que atrapalhem as investigações de suas atividades.”. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2013-out-17/pierpaolo-bottini-enfrentamento-excessos-nao-autoriza-uso-arbitrario-leis>>.

⁸ “A norma, promulgada na ditadura militar, prevê punição para quem lesar ou ameaçar a integridade territorial, a soberania nacional, o regime vigente ou os chefes dos Poderes da União”. Disponível em: <<http://oab-rj.jusbrasil.com.br/noticias/100705888/lei-da-ditadura-para-enquadrar-black-blocs>>.

⁹ Utilizo o termo hipercriminalização por achar que este é o mais preciso no que se refere à maneira como os *Black Blocs* foram tratados no Brasil. Por suas ações - ataques a caixas eletrônicos e enfrentamento da polícia - o *Black Bloc* pode sim ser criminalizado; no entanto, no Brasil, é pertinente dizer que ocorreu uma hipercriminalização da tática, na medida em que houve, por exemplo, a proibição do uso das máscaras e a tentativa de enquadramento dos adeptos no crime de associação criminosa.

referenciação e seus efeitos de sentido nas reportagens *O Bloco do quebra-quebra*, publicado em *Veja*, *O Black Bloc está na rua*, publicado em *Carta Capital*, e *Black Bloc, questão de escolha*, postado na página do *Facebook* do *Black Bloc - RJ*; com vistas a uma compreensão dos processos de construção da identidade do *Black Bloc*, nos Protestos de 2013. Depois, temos o propósito de analisar comparativamente as identidades do *Black Bloc* presentes no âmbito dos três textos mencionados. Por fim, intentamos discutir a dimensão ético-política imbricada nessas construções discursivo-identitárias do *Black Bloc*.

Para tanto, utilizaremos como referencial teórico-metodológico a teoria da Referenciação, na perspectiva de autores como Mondada & Dubois (2003), Marcuschi (2002; 2007), Cavalcante (2011) e Costa (2007); as propostas de Bakhtin e o Círculo¹⁰ a respeito do papel da linguagem no espaço da vida social e da relação entre linguagem e ideologia, recorrendo para isso ao próprio Bakhtin/Volochínov (1998), a Faraco (1999) e a Ponzio (1999); e as reflexões de Eagleton (1997), de Sloterdijk (2012), de Žižek (1996) e de Safatle (2008) a respeito da crítica da ideologia no contemporâneo.

Sobre os motivos que justificam a realização deste trabalho, três nos parecem mais importantes. O primeiro de ordem social, o segundo de ordem teórica e o terceiro de ordem pessoal.

No que se refere à primeira razão, pode-se dizer que discutir a forma como as revistas *Veja*, *Carta Capital* e a página do próprio *Black Bloc* construíram a identidade dos adeptos da tática no espaço dos Protestos de 2013 é uma interessante maneira de refletir sobre os conflitos sociais que assolam a sociedade brasileira e sobre as medidas que devemos tomar para contorná-los.

A sociedade brasileira é marcada por diversos embates sociais, que são notáveis em inúmeros âmbitos, sobretudo, talvez, no econômico e no político. Apesar de, no período recente, termos presenciado uma redução da diferença de renda entre os grupos sociais, ainda vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela desigualdade, como nos mostra o trabalho de Medeiros, Souza e Castro (2014). De acordo com estes, em 2012, os 5% mais ricos da população detinham 44% da renda do país, isto é, no Brasil, assim como em vários outros

¹⁰ “Grupo de intelectuais que se reuniu regularmente de 1919 a 1929, primeiro em Nevel e Vitebks e, depois, em São Petersburgo. Era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto)”. (FARACO, 2009, p.13).

países do mundo¹¹, um pequeno grupo detém boa parte das riquezas. Essa informação mostra que, a despeito da redução da desigualdade ocorrida na primeira década do século XXI, as disparidades de renda em nosso país continuam enormes.

Essa desigualdade tão marcante no plano econômico acaba por, de certa forma, reforçar disparidades de representação, atavicamente presentes no campo político nacional¹², na medida em que os representantes políticos acabam por ficar mais suscetíveis às investidas do poder econômico, como nos mostram os frequentes casos de corrupção no Brasil e, em particular, o número de empresários indiciados na chamada operação Lava-jato¹³.

Sabendo dessa situação de profunda desigualdade econômica e, política, pode-se dizer que a sociedade brasileira é uma sociedade marcada pela presença de uma intensa *violência objetiva ou sistêmica*. Consoante Zizek (2014), esta não se confunde com a *violência subjetiva*, dos socos e dos pontapés, caracterizando-se, antes de tudo, por ser a violência que ancora o estado “normal” de desigualdade com o qual, de certa forma, nos acostumamos a conviver. Tomando as palavras de Zizek (2014, p. 18), “a violência objetiva é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento”.

Em direção a isso, é pertinente dizer que os Protestos de 2013 e o uso da tática *Black Bloc* são sintomas dessa profunda *violência objetiva* que sustenta o tecido social brasileiro. De acordo com Judensnaider *et al.* (2013), entre as principais demandas presentes nos protestos, tivemos o pedido de maior rigor com os crimes de corrupção, da feitura de uma reforma política, de redução das passagens e de maior investimento em educação e em saúde. As duas primeiras demandas dão a ver como o brasileiro se sente, de uma maneira geral, politicamente, sub-representado; enquanto que, as três últimas demandas dão a ver a precariedade dos serviços a que a população, sobretudo, de baixa renda tem acesso. Ao encontro disso, pode-se ver o *Black Bloc* como aqueles que, de certa maneira, repercutem de forma mais intensa esse mal-estar contemporâneo e brasileiro, haja vista que o eixo de ação

¹¹ Piketty (2014), em abrangente estudo sobre a desigualdade econômica, discute o quanto esta ainda se faz presente no mundo e o quanto seu recrudescimento, sobretudo em épocas de crise, pode ser perigoso para a democracia.

¹² Ver *A construção política do Brasil*, de Bresser-Pereira (2014).

¹³ Operação Lava-jato é o nome de uma investigação realizada pela Polícia Federal do Brasil, objetivando apurar um grande esquema de lavagem de dinheiro, no qual partidos políticos, instituições públicas e grandes empresas estariam envolvidas. A operação recebeu esse nome devido ao uso de uma rede de lavanderias e de postos de combustíveis pela quadrilha para movimentar os valores de origem ilícita supostamente, desde 1997. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/>>.

dos adeptos da tática é guiado pela crítica ao capitalismo e pelo desencanto com as atuais formas de representação político-social.

Sendo assim, discutir de que maneira a mídia hegemônica, contra-hegemônica e radical construíram a identidade discursiva do *Black Bloc* faz-se fundamental para compreender tanto a maneira como o Brasil coloca para si as questões relacionadas ao desencanto político e à disparidade econômica quanto de que maneira, em anos vindouros, pode lidar com este espinhoso tema. Isso se torna ainda mais importante quando atentamos para o caráter oligopolítico e da imensa influência, em particular, da mídia hegemônica na política nacional¹⁴.

Em relação à segunda razão, de nível teórico, que motivou a feitura dessa pesquisa, pode-se dividi-la em duas, uma de cunho gnosiológico e outra de cunho epistemológico. No que se liga ao primeiro ponto, este estudo visa suprimir uma lacuna no âmbito das pesquisas em torno da participação do *Black Bloc* no espaço dos Protestos de 2013; enquanto que em relação ao segundo ponto, nosso trabalho visa contribuir com estudos teóricos da Linguística Aplicada, na medida em que propõe a articulação de propostas teóricas que ainda pouco dialogam no campo científico: Referenciação e perspectiva bakhtiniana de linguagem. Além disso, contribuindo com os Estudos Críticos da Linguagem, neste trabalho, propomo-nos também pensar a função da crítica da ideologia no contemporâneo. Vejamos agora a dimensão gnosiológica do trabalho.

O uso da tática *Black Bloc* surge em meados dos anos 1990, como uma forma de protesto à globalização e ao capitalismo financeiro. Pelo seu caráter questionador do *modus operandi* do social, desde cedo chamou a atenção de teóricos sociais, como nos mostram os trabalhos de Thompson (2010), de Dupuis-Deri (2014), de Natale (2010), que procuram investigar a relação entre *Black Bloc*, movimentos antiglobalização, crítica ao capitalismo e ao modelo de Estado Moderno. No Brasil, as discussões em torno do *Black Bloc* vão aparecer, sobremaneira, a partir de 2013, quando este assume um papel de relevância no espaço dos protestos ocorridos nesse ano. Em Língua Portuguesa, sobre os *Black Bloc*, podemos citar os trabalhos de Solano, Bruno e Paes (2014) e Costa (2010), que procuraram investigar os

¹⁴ De acordo com Ramos (2014, p. 10), “a imprensa no Brasil é altamente concentrada. Na década de 1990, nove famílias dominavam o setor de mídia do país (entendida principalmente como informação e cultura em várias plataformas – jornais, revistas, emissoras de rádio e TV): Marinho (Globo), Abravanel (SBT), Saad (Bandeirantes), Bloch (Manchete), Civita (Abril), Mesquita (Estado), Frias (Folha), Levy (Gazeta) e Nascimento Brito (Jornal do Brasil). Hoje, restaram apenas seis, já que as famílias Bloch, Levy e Nascimento faliram.”

motivos que levaram ao uso da tática no Brasil, o modo de funcionamento desta, bem como as demandas de seus adeptos. Nesses trabalhos, de uma maneira geral, nota-se uma carência em torno dos estudos que busquem discutir, a partir de uma perspectiva linguístico-discursiva, a relação entre *Black Bloc* e mídia, em particular no Brasil. Além disso, mesmo quando as investigações buscam analisar a maneira como os *Black Bloc* foram representados na mídia, como os trabalhos de Quadrado (2015) e de Roque *et al.* (2014), a discussão não é de cunho linguístico-discursivo, sendo realizada a partir do ponto de vista do jornalismo de Revista ou da política editorial. Procurando sanar essa lacuna, é que realizamos essa pesquisa.

Em relação à dimensão epistemológica, por razões que esclarecemos na fundamentação teórica, em nosso trabalho buscamos articular o modelo teórico da Linguística Textual, em particular as que giram em torno da Referenciação com uma perspectiva bakhtiniana de linguagem. Essa articulação teórica tem um quê de inovação, na medida em que propõe o diálogo entre uma teoria e uma perspectiva sobre linguagem que ainda pouco conversam no âmbito dos estudos linguísticos, fato que se dá, talvez, pela razão dos estudos de cunho textual se ligarem, majoritariamente, a perspectivas de caráter cognitivo, as quais, de certa forma, não enfatizam tanto quanto a postura bakhtiniana a dimensão social e ético-política dos usos linguísticos. Ademais, quando estes dois campos teóricos são articulados, como podemos observar nos trabalhos de Barbosa (2010) e de Lê (2012), são utilizados para pensar antes questões ligadas à relação dialógica entre textos e à dimensão sociodiscursiva do sujeito do que em questões ligadas à materialidade ideológica e social do signo. Nosso trabalho se concentrou nesse último aspecto, mostrando, na esteira de Ferreira (2007), o quanto a articulação entre referenciação e as ideias de Bakhtin e o Círculo podem ser interessantes para os Estudos Críticos da linguagem.

Não bastando isso, visando uma possível solução para os impasses vividos pela crítica da ideologia no contemporâneo, articulamos as propostas de Bakhtin e o Círculo sobre este tema com as de Žižek (1996). Com efeito, através do diálogo entre os dois autores, os quais ainda pouco academicamente conversaram, pretendemos começar a desenhar a ideia de uma possível solução para os impasses gerados pela inflação do conceito de ideologia e pelo funcionamento cínico desta no contemporâneo, questões a serem exploradas no capítulo 2 deste trabalho.

Por fim, há uma razão pessoal que me¹⁵ levou a querer discutir a relação entre *Black Blocs* e mídia. Esta se liga à minha experiência pessoal e à responsabilidade que nós, sujeitos de/na linguagem, temos com a manutenção/transformação de uma determinada situação político-social.

Cresci em um bairro periférico da cidade de Fortaleza, Barra do Ceará, um lugar em que se morre, muitas vezes, de tiro antes dos 30 e de doença e vício um pouco por dia. Nas margens da 5ª capital mais desigual do mundo¹⁶, são recorrentes os assassinatos, sobretudo de jovens, e o vício no uso de drogas, sem falar no adoecimento da alma, oriundo da falta de oportunidade de estudo ou da rotina estafante do, quase inescapável, cotidiano proletário. Em minha trajetória nesse lugar, onde moro até hoje, vi – pelo assassinio, pelo vício, pela ignorância e pela exploração trabalhista – serem socialmente violentados parentes e bons amigos, fato que me entranhou algumas agulhas e pedras no espírito.

Durante boa parte da minha ainda curta vida, não tive linguagem para nomear esse mal-estar que carregava comigo. Apenas na faculdade de Letras, com as discussões nela realizadas, é que pude dar nome e perceber a não naturalidade da *violência subjetiva e sistêmica* com a qual, desde criança, convivi. Após essa percepção, decidi tomar para mim, a responsabilidade de contribuir para transformar essa realidade, incumbindo-me de problematizar as formas de construção social e linguística do mundo. Através desse trabalho, procuro caminhar ao encontro da justiça e, concomitantemente, dirimir a melancolia que vez ou outra me corta a alma. Daí a escolha do objeto *Black Bloc*, tática que visa a transformação do mundo social.

Em resumo, as justificativas deste trabalho são de três campos: político-social, acadêmico e pessoal. Primeiro, visamos¹⁷ contribuir para a problematização e transformação da situação de violência sistêmica/objetiva presente no Estado brasileiro; segundo, pretendemos contribuir, gnosiológica e epistemologicamente, com os estudos de Linguística Aplicada, na medida em que objetivamos colaborar no fechamento de uma das lacunas nas pesquisas sobre os Protestos de 2013 e, ao mesmo tempo, contribuir com o avanço teórico ao

¹⁵ Passo a utilizar a primeira pessoa do singular pelo fato de que, nesse momento, minha voz, de certa maneira, descola-se da voz do meu orientador e dos amigos e professores que ajudaram na feitura desse trabalho, ligando-se mais fortemente à minha subjetividade e à minha história de vida.

¹⁶ Os dados estatísticos referentes a essa informação encontram-se disponíveis em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2013/01/19/noticiasjornalpolitica,2991525/o-preocupante-quadro-da-desigualdade-social-em-fortaleza.shtml>>.

¹⁷ Retorno à primeira pessoa do plural.

articularmos duas propostas que ainda pouco dialogam – Referenciação e perspectiva bakhtiniana de linguagem – e procurar aventar soluções para o problema da crítica da ideologia no contemporâneo; finalmente, terceiro, decidimos fazer este trabalho por achar que ele pode ajudar a fazer da existência dos seres sociais algo mais justo e feliz.

Assim, no capítulo 2, discutimos os fundamentos epistemológicos e as bases analíticas da teoria da Referenciação em abordagem sociocognitiva, articulando esta com uma perspectiva bakhtiniana de linguagem. Para tanto, dividimos o capítulo em seis momentos. No primeiro, discorreremos sobre os fundamentos epistemológicos da teoria da Referenciação, isto é, visão não referencial de linguagem e construção interacional de sentidos. No segundo, procuramos discutir a relação entre texto e contexto, no espaço de uma abordagem sociocognitiva, buscando entender através de que mecanismos um texto negocia/constrói sentidos e de que maneira o contexto influencia e é influenciado por elementos textuais. No terceiro, discutimos os mecanismos que engendram a progressão referencial, mais especificamente, buscamos entender a partir de quais categorias analíticas é possível investigar a maneira como um texto (re)constrói seus *objetos de discurso*. Na quarta, investigamos o conceito fundamental das propostas bakhtinianas: o *dialogismo*; depois, vemos como as propostas do Círculo de Bakhtin, de uma maneira geral, inserem-se no espaço dos estudos linguísticos. Na quinto momento, tematizamos os conceitos estruturantes de uma perspectiva bakhtiniana de linguagem: ideologia, vozes sociais e heteroglossia. Nessa parte, argumentamos em favor de, ao encontro das propostas bakhtinianas, uma abordagem de linguagem que leve em consideração o caráter constituinte da ideologia e os conflitos de poder que ocorrem no espaço sógnico. Por fim, na última subseção, procuramos articular Referenciação e uma perspectiva bakhtiniana da linguagem, discutindo as possibilidades e as vantagens dessa articulação do ponto de vista analítico e do ponto de vista das contemporâneas propostas da Linguística Aplicada.

No capítulo 3, o objetivo é situar e discutir o campo social e ideológico no qual o *Black Bloc*, os textos analisados e nós, autores deste trabalho, estamos situados. Dessa maneira, inicialmente, discutimos as crises que, como nos diz Ferreira (2014), marcam o social contemporâneo – econômica, representacional e identitária – correlacionando-as ao surgimento de novos atores e de movimentos sociais. Posteriormente, na segunda seção, argumentamos em favor da tese de que o *Black Bloc* é, ao mesmo tempo, um sintoma e uma resposta para os impasses oriundos das crises. Por fim, analisamos o modo de funcionamento da ideologia no contemporâneo, discutindo como o modo de funcionamento hegemônico

desta gera alguns problemas para a crítica da ideologia de acepção bakhtiniana e como a conjugação das propostas de Zizek (1996) com as propostas de Bakhtin e o Círculo podem ser interessantes para uma possível superação dos impasses crítico-ideológicos apresentados.

O capítulo 4 é dedicado à explanação dos procedimentos metodológicos que orientaram o processo analítico e à análise e discussão da construção referencial/sígnica do *Black Bloc*. Nele, inicialmente, esclarecemos a natureza da pesquisa e os procedimentos de coleta e composição do *corpus* – constituído de três textos – e mostramos o passo a passo seguido quando formos à análise dos textos. Posteriormente, analisamos a construção referencial/sígnica do *Black Bloc* nos diversos textos, fazendo um estudo comparativo dos resultados encontrados e discutindo a dimensão ético-política dessas construções, tendo em vista nosso referencial teórico.

Antes, uma ressalva faz-se importante. Nosso intento é fazer deste trabalho um local de problematização de construções discursivas. Mais do que a defesa de grupos sociais minoritários e o questionamento de relações assimétricas de poder, ideias com as quais simpatizamos, intentamos produzir conhecimento e inserir *negatividade*¹⁸ no debate social, lançando um olhar problematizador e questionador a toda e qualquer construção discursiva que nos seja colocada diante dos olhos. Portanto, nosso compromisso aqui é, sobretudo, com a criatividade presente num modelo de crítica da ideologia que, mais do que desvelar sentidos, procure, através do fazer científico, leva-los à dissolução. Sabendo disso, passemos ao capítulo 2.

¹⁸ Para Safatle (2008) e Zizek (1996), vivemos em uma época de crise da crítica. Segundo os autores, o modelo de crítica da ideologia que se orientou “pela identificação de déficits de realização de critérios normativos referentes a valores partilhados de maneira intersubjetiva”. (SAFATLE, 2008, p.25). Encontra-se no seu crepúsculo, haja vista que, de acordo com ele, o poder se manifesta hoje de uma forma *cínica*, isto é, forma que, em seu funcionamento, aprendeu a articular as próprias críticas que lhe são dirigidas. Tendo em vista isso, Safatle (2008) e Zizek (1996) dão a entender que, enquanto não se tem um novo paradigma crítico, a atitude mais responsável seria apenas introduzir certos questionamentos no seio dos funcionamentos ideológicos, mostrar a sua não obrigatoriedade, dando a ver que a realidade poderia ser pensada de outra forma. Ou seja, introduzir certa *negatividade* no âmbito das discussões, mostrando o caráter de não obrigatoriedade de determinados modos de funcionamento social.

2 REFERENCIAÇÃO E PERSPECTIVA BAKHTINIANA DE LINGUAGEM: ALGUNS PONTOS DE ARTICULAÇÃO

2.1 FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA REFERENCIAÇÃO: VISÃO NÃO REFERENCIAL DE LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO INTERACIONAL DE SENTIDOS

Imagine que você vai à feira fazer compras. Chegando lá, com sua lista em punho, pede tomates ao feirante, que, parecendo não entender o seu pedido, não lhe dá atenção. Irritado, você sai em busca de outras barracas com comerciantes mais receptivos e inteligentes. No entanto, ao chegar ao comércio seguinte, qual surpresa não tem ao perceber que, novamente, o feirante não compreende o seu pedido e pior, quando você entrega a ele a lista de coisas que você procurava adquirir, ele diz que ali não havia nada escrito. Bastante chateado, você decide voltar para seu lar e, por não ter trazido o que ela pedira, enfrentar a fúria de sua esposa. Mas, para seu espanto, ao chegar em casa, o cenário de irrealismo continua, os números haviam sumido. Os algarismos do calendário e do relógio, simplesmente, não estavam mais ali; no lugar onde deveriam estar, apenas o espaço embranquecido, descolorido da escuridão dos algarismos. Depois de certo momento de desespero, naquele dia em que os nomes, aparentemente, se descolaram dos fenômenos, você, com os olhos angustiados e a tez febril, conclui: o mundo também se cria pela linguagem.

A pequena narração realizada acima foi uma espécie de adaptação do conto *O homem que descobriu o dia da negação*, de Ignácio de Loyola Brandão (2014). Nesta história, como acredito que foi possível ver, confrontamo-nos com um protagonista que, subitamente, passa a viver em um mundo onde a linguagem, pelo menos na forma como é comumente concebida e utilizada, perece, definha, míngua. Este acontecimento o faz refletir e notar o quanto a linguagem é parte do fazer dos homens e da constituição do mundo, indo ao encontro do que advoga a teoria da Referenciação.

No âmbito epistemológico da teoria da Referenciação, duas características são centrais: caráter não referencial de linguagem e abordagem interacional da construção dos sentidos. A primeira se liga ao fato dessa abordagem teórica ver a linguagem não como uma forma de etiquetagem do mundo, mas sim como um lugar de (re)construção deste; a segunda se relaciona ao fato da Referenciação enfatizar o caráter social e dinâmico do processo de semiotização do mundo.

Como atestam Martins (2004), Marcuschi (2007) e Demétrio (2014), a contenda em torno da relação entre linguagem e mundo, isto é, o debate em torno da referência, é bastante antigo. Desde a Antiguidade, na Grécia do período clássico, com a discussão entre sofistas e platônicos, questões relacionadas à capacidade referencial da linguagem são colocadas em pauta. Para o herdeiro de Sócrates, Platão, “*as palavras têm por propósito representar a realidade*, não a realidade fenomênica, mas a realidade essencial das coisas.”. (MARTINS, 2004, p. 461, grifos nossos); ou seja, para ele, a linguagem é um instrumento através do qual essências são reproduzidas, um instrumento através do qual a verdade do mundo dá-se a ver. De maneira diferente, para os Sofistas, a verdade é uma construção, e as palavras são tijolos através dos quais esta é construída; nas palavras de Demétrio (2014, p. 18), para os sofistas “o real não pode ser representado pela linguagem porque não há uma realidade autônoma que se dá a conhecer; há uma realidade que se manifesta no e pelo discurso”; ou seja, a palavra (re)configura o mundo.

Na história da Filosofia Ocidental, a visão essencialista platônica é que se tornou hegemônica no Ocidente. Dessa forma, como nos explica Oliveira (1996), sustentada em duas proposições – concepção instrumentalista da linguagem e significação como ato espiritual –, acabará por influenciar áreas bastante diversas do conhecimento, como Linguística, Antropologia, Psicologia Cognitiva, etc. Somente no século XX, através das propostas, sobretudo, de Wittgenstein (1999) e de Austin (1990) é que essa hegemonia, mais incisivamente, passará a ser questionada.

Em seu *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1999) vai de encontro às propostas da filosofia da linguagem no Ocidente, criticando seus dois sustentáculos, explicados há pouco por nós. Em contraposição ao caráter instrumental da linguagem, o autor enxerga nesta uma dimensão transcendental; enquanto que, de encontro ao caráter espiritual e individualista vinculado pela tradição, acredita que a constituição da linguagem e a significação podem ser vistas como ações sociais.

Nesse trabalho, Wittgenstein critica a tese, que ancora a visão objetivista de linguagem, de que existe um mundo “em si”, independente do elemento linguístico, o que o leva, por consequência, a atacar também a tese da significação como ato espiritual. Para ele, na verdade, “a linguagem não é um puro instrumento de comunicação de um conhecimento já realizado, é, antes, condição de possibilidade para a própria constituição do conhecimento enquanto tal.”. (OLIVEIRA, 1996, p. 128). Ou seja, não existem objetos e/ou fatos puros,

dissociados do elemento linguístico, todo processo de conhecimento só se dá por e na linguagem.

Partindo dessa visão da linguagem como condição do conhecimento, o filósofo nos diz que não há essência a ser descoberta nos objetos ou nos fatos, propondo que, no máximo, o que há são certas semelhanças entre os usos que fazemos da linguagem. Nas palavras do próprio Wittgenstein (1999, p. 52):

Em vez de indicarmos algo que é comum a tudo aquilo que chamamos linguagem, digo que não há alguma coisa comum a esses fenômenos, em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra, - mas sim que estão *aparentados* uns com os outros de muitos modos diferentes. E por causa desse parentesco ou desses parentescos, chamamo-los todos de linguagem [...] Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família” pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 52, grifos do autor)

Para o pensador vienense, não há uma essência, um núcleo comum por trás de todo fenômeno linguístico. Na verdade, o que há entre os fenômenos é, no máximo, certa rede de semelhanças, que os unem, à maneira de uma família.

Partindo dessa proposta, pode-se dizer que a significação não é um processo definitivo e exato, sendo um processo mutável, dependente da família em que determinado termo está inserido. Com efeito, “é impossível determinar a significação das palavras sem uma consideração do *contexto socioprático* em que são usadas.”. (OLIVEIRA, 1996, p. 131, grifos do autor).

Assim, Wittgenstein (1999, p. 35) vê a linguagem não como um instrumento de designação ou de catalogação do mundo, mas sim como algo constitutivo da existência, isto é, como uma *forma de vida*. Por conseguinte, no espaço dessa proposta, só é possível compreender a significação no espaço da vida humana, nos contextos em que os termos ocorrem, ou seja, em seu uso.

Se só é possível compreender-se a significação dos termos no uso que se faz deles, o processo significativo não é de cunho espiritual, individual, como acreditava a tradição, mas sim de cunho social, intersubjetivo. Por conseguinte, para se conhecer o significado de um termo, não seria interessante recorrer tão somente ao falante e à sua vontade significadora, mas sim recorrer à relação que as expressões linguísticas materializadas por este mantêm com o contexto no qual foram utilizadas. Para Wittgenstein (1999), as palavras têm significação

diferente dependendo do contexto no qual estão inseridas ou dos diferentes *jogos de linguagem* dos quais participam.

Através do uso do termo *jogo*, é pertinente dizer que o filósofo busca salientar o quanto a significação é decorrente de uma relação intersubjetiva, na medida em que, à semelhança das regras de um jogo, os sentidos são acordados pelos humanos e variam dependendo do acordo realizado entre estes. Ademais, com esta metáfora, ressalta-se o caráter social da significação, em contraponto a tradição naturalista, na medida em que jogar é uma atividade criada pelos homens e por eles sustentada e realizada. Por fim, através do uso deste termo, enfatiza-se o caráter não mecânico do processo de significação, já que, à maneira do que ocorre nos jogos, participar de algo assim implica reflexão e decisão.

Em resumo, no seu *Investigações filosóficas*, Wittgenstein faz duras críticas à tradição filosófica ocidental – iniciada com Platão e alçada ao cume pelo próprio Wittgenstein em seu *Tractatus Logico-Philosophicus* – indo de encontro aos seus dois sustentáculos: concepção instrumentalista da linguagem e significação como ato espiritual. Em contraponto ao primeiro sustentáculo, o filósofo propõe que a linguagem tem uma dimensão *transcendental*, isto é, ela é não meio, mas sim uma das próprias condições para o conhecimento; nessa perspectiva, a linguagem seria, acima de tudo, um dos locais de construção da vida, ou seja, uma instância constitutiva de nossas *formas de vida*. Por consequência, indo de encontro ao segundo sustentáculo, o significado de um termo dependeria antes do uso e da forma como este uso participa dos diferentes *jogos de linguagem* do que de uma vontade espiritual, individual de significação. Através dessas propostas, Wittgenstein nos leva, tanto no nível filosófico quanto no nível linguístico, a pensar a partir de outra perspectiva, sugestionando-nos uma forma antiessencialista de pensamento, mais preocupada com os usos da linguagem e com as observações de diferentes *formas de vida* e *jogos de linguagem* do que com a caça de essências e de significados universais.

Na mesma época em que Wittgenstein desenvolvia seus trabalhos filosóficos em Cambridge, outro filósofo, dessa vez de Oxford, através de uma arguta reflexão, também questionava a tradição filosófica ocidental, seu nome era: John Langshaw Austin. Ao longo de sua vida, ele, assim como Wittgenstein, procurou analisar “a linguagem a partir das dificuldades que ela coloca a certos procedimentos filosóficos tradicionais.” (OTTONI, 2002, p. 22), investigando, mais especificamente, os laços entre sentido, significado e referência. Austin (1990), ancorado nos conceitos de performativo, de ilocucionário e de ato de fala,

propõe uma nova concepção a respeito da relação entre linguagem e mundo: uma visão performativa.

Em seu *Quando dizer é fazer*, Austin (1990), inicialmente, propõe uma distinção entre dois tipos de enunciados: os constatativos e os performativos. Os primeiros seriam declarações de cunho factual, que buscam descrever determinado estado de coisas no mundo, ou seja, constatar determinada realidade; enquanto que os segundos são tipos de sentença que nada descrevem, relatam ou constata, estando para além da dicotomia verdade x falsidade, sendo antes a realização de ações do que a constatação de um estado de coisas no mundo.

Ao dizermos, por exemplo, o enunciado “chove”, podemos julgar se ele é verdadeiro ou falso à proporção que observamos a realidade, analisando se o que é descrito pelo enunciado se manifesta no mundo: esse é o enunciado constatativo; em contrapartida, quando um padre ou um juiz, em uma ocasião apropriada, diz “eu vos declaro marido e mulher”, temos uma transformação da realidade, visto que ali não ocorre apenas a descrição do mundo, mas a própria alteração deste através da palavra: esse é o enunciado performativo. Nesse ponto, é importante salientar que Austin, à maneira de Wittgenstein, já se coloca de encontro à tradição, uma vez que propõe uma visão de linguagem, que a entende não somente como uma forma de representar o mundo, mas também de agir sobre ele.

Após fazer a distinção entre constatativos e performativos, Austin (1990) investiga mais pormenorizadamente a estes. Diante da insuficiência da oposição verdadeiro-falso, para analisar sentenças performativas, o pensador britânico propõe as categorias *felicidade* e *infelicidade*, para a análise desse tipo de dizer. Feliz, seria se a ação pretendida pelo enunciado fosse realizada; infeliz, se ocorresse o oposto, isto é, a ação pretendida não fosse realizada. Não bastando isso, o professor de Oxford discute quais seriam as condições de felicidade para uma sentença. Nesse âmbito, as circunstâncias que cercam o ato de fala ganham maior destaque. Consoante à reflexão de Fiorin (2010, p. 171) em torno dos enunciados performativos:

A enunciação de certas palavras em determinadas circunstâncias tem, por convenção, um determinado efeito. Portanto, as pessoas e as circunstâncias devem ser aquelas convenientes para a realização do enunciado em questão. Por exemplo, se um faxineiro e não o presidente da Câmara diz *Declaro aberta a sessão*, o performativo não se realiza, porque o faxineiro não é a pessoa que pode executar a ação de abrir a sessão. (FIORIN, 2010, p. 171, grifos do autor).

Ou seja, diferente dos enunciados constataativos, submetidos ao parâmetro de verdadeiro-falso, os performativos estão submetidos à dicotomia feliz x infeliz, a qual se pauta na realização ou não da ação materializada pelo dizer. Aprofundando-se no performativo, Austin nos fala sobre o caráter contextual deste, argumentando que esse dizer-fazer só atinge felicidade se for realizado por sujeitos autorizados e em condições sócio-históricas apropriadas.

Para pensar as sentenças performativas de maneira ainda mais eficaz, Austin cria o conceito de ato de fala, que visa salientar a dimensão acional presente em um determinado tipo de enunciado. Ademais, desdobra-o em três atos simultâneos:

Em primeiro lugar, distinguimos um conjunto de coisas que fazemos ao dizer algo, que sintetizamos dizendo que realizamos um *ato locucionário*. O que equivale, grosso modo, a proferir determinada sentença com determinado sentido e referência, o que, por sua vez, equivale, grosso modo, "significado" no sentido tradicional do termo. Em segundo lugar dissemos que também realizamos *atos ilocucionários* tais como informar, ordenar, prevenir, avisar, comprometer-se, etc., isto é, proferimentos que têm uma certa força (convencional). Em terceiro lugar também podemos realizar *atos perlocucionários*, os quais produzimos *porque* dizemos algo, tais como convencer, persuadir, impedir ou, mesmo, surpreender ou confundir. (AUSTIN, 1990, p. 95, grifos do autor).

Dito de outra forma, o ato locucionário é a dimensão linguística propriamente dita do enunciado, sua materialidade, sua instância produtora de sentido. O ato ilocucionário é o ato de realização da ação através do dizer, é o momento no qual a força do dizer se faz presente, é a ação do sujeito no enunciado, marcada, sobremaneira, por um verbo no início dos enunciados: eu *prometo*, eu *afirmo*, eu *nego* etc. Por fim, o ato perlocucionário é o efeito produzido no interlocutor através de um determinado dizer.

Após analisar, através do conceito de ato de fala, de maneira mais pormenorizada o performativo, Austin (1990) retorna à análise dos constataativos. Observando-os mais detidamente, começa a se perguntar se há tanta diferença assim entre estes e os enunciados performativos. Observando a estrutura dos constataativos, o filósofo nota que estes, na verdade, são enunciados performativos disfarçados, isto é, frases como “chove” podem ser lidas, mais apropriadamente, como sendo “eu afirmo que chove”, “eu sugiro que chove”, “eu aposto que chove” etc. Ou seja, na medida em que contém um momento ilocucionário, sentenças declarativas – constataativas – são, na verdade, performativas:

Observando as afirmações constataativas, verifica-se que também nelas o falante realiza um ato ilocucional, o ato de afirmação, idêntico àquele que executa quando jura, adverte, ordena, aconselha, etc. Numa frase como Choveu pouco este mês, há um ato ilocucional, que pode ser explicitado pela forma performativa afirmo. Assim,

em todo performativo, há uma parte, o que se afirma, que pode ser submetida à prova da verdade e da falsidade. Quando se diz Ele é um bom estudante, temos um ato ilocucional Afirmando que ele é um bom estudante. O ato de afirmar não é nem verdadeiro nem falso, pois ele simplesmente se realiza, enquanto o conteúdo afirmado, ou seja, ele é um bom estudante, pode ser submetido à prova da verdade. (FIORIN, 2010, p. 173 – grifos do autor).

Dito de outra forma, no espaço das propostas de Austin (1990), é pertinente afirmar que todos os enunciados são de cunho performativo, uma vez que, mesmo sentenças que à primeira vista parecem ser constatações ou declarações, possuem um caráter ilocucional, de ação, sendo, de fato, performativos disfarçados. Nas palavras do próprio Austin (1990, p. 112),

Sem dúvida que, até em seus mínimos detalhes, declarar algo é realizar um ato ilocucionário, como, por exemplo, avisar ou proclamar. É claro que não se trata de levar a cabo um ato de alguma maneira física especial, exceto na medida em que pressupõe, quando o ato de declarar é verbal, a realização de movimentos dos órgãos vocais. Mas o mesmo se pode dizer de avisar, protestar, prometer ou designar. "Declarar" parece satisfazer todos os critérios que utilizamos para distinguir o ato ilocucionário. (AUSTIN, 1990, p. 112)

Através dessa discussão em torno da paridade entre constatativos e performativos, a distinção, proposta no início de *Quando dizer é fazer*, entre enunciados que descrevem situações no mundo e enunciados que realizam ações mostra-se falha, podendo antes ser vista como um engenhoso recurso argumentativo utilizado pelo filósofo no caminho de sua proposta de que todo dizer é fazer do que como uma distinção apropriada para se pensar os fenômenos linguísticos. Através dessa, nas palavras de Ottoni (1990) – *Visão performativa da linguagem* – Austin questiona um elemento central da tradição filosófica ocidental: a distinção entre sujeito e objeto.

De acordo com Ottoni (1990), à proporção que mostra a inexistência de enunciados puramente constatativos, o filósofo de Oxford produz uma virada na questão da referência, porquanto a relação entre linguagem e mundo passa a não estar mais centrada na dicotomia verdade x falsidade, mas sim na imbricação entre palavra e mundo, de tal maneira que este passa a ser uma construção *performativa* daquela. Com isso, podemos dizer que o contemporâneo de Wittgenstein funde sujeito e objeto, à medida que mostra o quanto o segundo é dependente dos enunciados do primeiro.

Através das propostas de Wittgenstein (1999) e Austin (1990), há uma, de certa maneira, derrocada da metafísica essencialista e a ascensão de uma perspectiva pragmática de verdade, que, de certa forma, vai ao encontro das propostas sofísticas. No âmbito desta perspectiva epistemológica de verdade, é que se situa a Referência.

Nessa direção, dentro dos estudos de texto, com Mondada e Dubois (2003, p. 20), temos uma passagem da noção de referência para a de referenciação:

[...] o problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo. [...] Como diz Rastier, a referenciação não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

Isto é, para as autoras, dizer o mundo não é uma atividade de etiquetagem, mas sim de (re)construção, na qual lidamos com objetos construídos através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas. Em consequência disso, todo objeto com o qual lidamos é, antes de tudo, *objeto de discurso*.

Dizer que o mundo é *também* uma construção de linguagem não implica adotar uma postura subjetivista e/ou antirrealista, na qual o indivíduo, como uma espécie de divindade, legisle sobre o significado dos textos e dos objetos ou na qual o mundo seja visto unicamente como uma construção de linguagem. Na verdade, seguindo Marcuschi (2007) e Salomão (1999; 2005), podemos dizer que as mais recentes abordagens dos estudos de Referenciação ancoram-se, sobremaneira, em uma perspectiva sociocognitiva e, conseqüentemente, interacional da construção do sentido.

Partilhar de uma postura sociocognitiva relaciona-se, nas palavras de Salomão (2005, p. 165), antes de tudo a “reconhecer que o mundo existe e que a mente é inseparável do mundo em sua materialidade e em sua história: de fato, a mente é parte do mundo e, nesta condição, não o representa, mas atua nele, e o transforma ao transformar-se” (SALOMÃO, 2005, p. 165).

Dito de outra forma, a mente atua sobre o mundo e transforma-o, mas dele não prescinde. Longe de ser uma atividade solipsista, essa (re)construção de sentidos e do mundo “é uma fabricação socialmente elaborada (mediante atividades coletivas) e linguisticamente comunicada (com mecanismos textuais estabilizados em instrumentos semiológicos supraindividuais)”. (MARCUSCHI, 2007, p. 90).

A construção de sentidos é algo que se dá – mediada por textos, pela língua e pela linguagem – no espaço interacional, no qual, através das negociações, acordos e negativas dos sujeitos sociais, os significados são (re)construídos e, relativamente, estabilizados.

Após discutirmos sobre a relação entre linguagem e mundo, passemos a discutir de que maneira o sentido se constrói em textos e de que maneira estes se relacionam com o contexto de produção no qual vieram à tona.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM PERSPECTIVA SOCIOGNITIVA: RELAÇÕES ENTRE TEXTO E CONTEXTO

Para começar nossa discussão em torno do conceito de texto e das possíveis formas de abordagem deste, leiamos o poema *Rios sem discurso*, de João Cabral de Melo Neto (1979, p.23):

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Neste poema, o enunciador nos fala sobre o modo de funcionamento do discurso (texto)-rio, dizendo-nos que este é não um amontoado de poças d'água-palavra, mas, acima de

tudo, um conjunto de fios verbais de água se dirigindo para o mesmo lugar. Se se corta esse curso do discurso(texto)-rio, a água-palavra se torna muda, estanque, deixando de fazer parte do rio textual do qual participava. É pertinente dizer que o poema, de modo figurado, está discutindo o conceito de texto e advogando para este uma abordagem que o veja como algo além de um amontoado de palavras e de frases.

No espaço dos estudos linguísticos, uma das áreas que tem o texto como seu objeto central é a Linguística Textual. De acordo com Koch (2004), essa abordagem tem como um de seus grandes méritos trazer o texto para o centro das discussões linguísticas. Ainda de acordo com Koch (2004), em meados dos anos 60, época do seu surgimento, a linguística textual via o texto como um grande conjunto de frases, um grande mecanismo interfrástico. Por consequência, deixava de lado fatores de cunho socioconitivo – os quais hoje são vistos como os grandes responsáveis pela formação do rio textual-discursivo – acabando por enfatizar em suas investigações os mecanismos de articulação entre frases.

Com o tempo, foi-se percebendo que analisar textos apenas através da observação de seus elementos internos era insuficiente para lhes captar a articulação, os nuances e as particularidades. Com vistas a sanar esse problema, a Linguística textual passou, à medida que convocava cada vez mais elementos sociais e cognitivos para suas investigações, a adotar um conceito de texto cada vez mais complexo. Beaugrande (1997), através do conceito de texto como evento, e Hanks (2008), através de sua proposta de relação fluida entre texto e contexto, mostram-se como autores representativos da assunção dessa complexidade textual por parte dos estudos de texto.

Beaugrande (1997) entende o texto como um evento no qual fatores linguísticos, cognitivos e sociais estão unidos. No espaço das propostas do autor, a investigação do funcionamento textual passa, além da análise dos mecanismos internos, por uma compreensão do conhecimento prévio dos interlocutores e da situação comunicativa na qual eles estão inseridos.

Já Hanks (2008, p.119), de certa maneira dialogando com Beaugrande (1997), entende o texto como “qualquer configuração de signos coerentemente interpretável por alguma comunidade de usuários”. Consequentemente, enxerga o texto não como uma instância autossuficiente, mas como um lugar de interseção entre fatores linguísticos e culturais. Não obstante, ao entender o texto dessa forma, altera a maneira com a qual

trabalhamos o conceito de contexto, tornando este não como um elemento acessório, mas sim como algo fundamental e presciente para a construção de sentidos.

Se o texto é um evento no qual fatores linguísticos, cognitivos e sociais estão amalgamados, ele é único e irrepetível. De fato, em virtude dessas características, seu sentido irá flutuar a depender dos leitores que a ele têm acesso, das circunstâncias históricas nas quais o texto e os leitores estão inseridos, dos meios de comunicação nos quais ele está sendo vinculado, etc. Desse ponto de vista, torna-se quase imperativo dizer, indo ao encontro do que Marcuschi (2002, p. 45) reivindicou, que: “uma boa teoria linguística demanda uma boa teoria social.” Com efeito, dentro dessa abordagem, para se analisar um texto, é necessário convocar tanto teorias e reflexões que busquem discutir os mecanismos estritamente linguísticos do texto quanto propostas que busquem refletir sobre as formas de inter-relação humana no espaço de uma determinada época, isto é, teorias sociais. Mesmo com essa articulação, importante salientar que não teremos acesso à verdade do texto, ao seu sentido último, tendo tão somente acesso a alguns de seus possíveis efeitos de sentido.

Tendo em vista isso, em nossa análise, não pretendemos revelar a totalidade de sentidos do texto analisado, sua verdade; muito longe disso, pretendemos construir, levando em conta seu contexto de produção, de circulação e potenciais leitores, possíveis efeitos de sentido que desses textos podem advir.

Pelo que discutimos até aqui, de certa maneira, é possível dizer que chegamos à conclusão de que o laço entre texto e contexto é inextricável. No entanto, como abordar essa relação? Como eles se amalgamam? Visando responder essas questões, é que traremos à baila as propostas de Hanks (2008).

Hanks (2008) enxerga a relação texto-contexto a partir de uma perspectiva fluida e dialética; para ele, através de um processo de *emergências* e *incorporações*, o contexto constrói o texto e, ao mesmo tempo, é construído por este.

De acordo com o teórico da linguagem, de início, no plano textual temos a *emergência* de uma *situação*, um “espaço de possibilidades de monitoramento mútuo, no interior do qual todos os indivíduos co-presentes têm acesso sensorial uns aos outros por meio de seus sentidos”. (BENTES; REZENDE, 2008, p. 38). Posteriormente, a *situação* é *incorporada* por um *cenário social*, no qual dispomos “em camadas na situação os atos socialmente identificáveis, as expectativas, a compreensão mútua entre as partes e um sistema

de relevância.”. (HANKS, 2008, p.179). Após isto, este *cenário social* é incorporado a um *campo demonstrativo*, que “inclui os gestos e outros aspectos perceptíveis dos participantes, tais como a postura, o ato de apontar, a direção do olhar e o som da voz do falante”. (HANKS, 2008, p. 182). Cabe salientar que no interior dessa última dimensão os enunciados tanto refletem como transformam o contexto, orientando a atenção dos participantes e tematizando objetos discursivos. As três dimensões mencionadas são chamadas emergentes em virtude de seu desdobramento no tempo, diferindo, portanto, do *campo social*, a ser explicado a seguir.

Por exemplo, suponhamos que um determinado leitor, no contexto do ano de 2013, esteja lendo, seja em papel ou em tela, a reportagem *O bando do quebra-quebra*, na qual *Veja* discute o *Black Bloc*. Em termos didáticos, quando ele, leitor, apenas tem diante de seus olhos a reportagem, ele acaba por se vincular a uma determinada *situação*. Já quando vê a chamada da reportagem, a revista ou site na qual o texto foi publicado, o tema do qual trata o texto e começa a retomar e criar uma série de expectativas sociais, ele, leitor, repito: em termos didáticos, passa a fazer parte de um determinado *cenário social*. Por fim, quando este leitor começa a dar ênfase a determinados segmentos do texto, olhar de forma mais detida algum comentário que tenha chamado seu interesse por uma razão qualquer, nesse momento, ele se insere dentro de um determinado *campo demonstrativo*. Cabe salientar, até mesmo correndo o risco de redundância, que essa segmentação das dimensões contextuais é apenas didática e teórico-metodológica, haja vista que, no efetivo processo de interação e de leitura, esses processos ocorrem simultaneamente. Outrossim, importante ressaltar o papel ativo que o leitor desempenha nessa dimensão emergente, já que, em virtude de suas experiências e de suas expectativas, acaba por influenciar o processo de construção de sentidos.

De certa maneira descolado do aspecto linear dos elementos contextuais supracitados, temos os *campos sociais*. De acordo com Hanks (2008), estes são os diversos campos aos quais os *campos demonstrativos* podem ser incorporados, caracterizando-se por serem:

[...] espaços delimitados de posições e de tomadas de posição por meio das quais valores circulam, no interior do qual agentes possuem trajetórias ou carreiras e se engajam [...] O que é diferente sobre o campo social é seu âmbito (não-local) e a forma como ele é organizado (não-radialmente), o caráter de seus limites [...] e os valores que nele circulam (poder e capital econômico e simbólico opostos à produção dos sentidos por meio da indicialidade, da referenciação e da descrição. (HANKS, 2008, p.187)

Isto é, o *campo social* é a dimensão histórico-social do contexto, no qual sujeitos sociais são, de certa forma, previamente posicionados e, em certo sentido, coagidos, em virtude do poder do capital e do poder simbólico, a assumir determinados comportamentos sociais e linguísticos.

Por exemplo, como vamos explicar no capítulo 3, qualquer leitor contemporâneo dos textos de *Veja*, de *Carta Capital* ou do próprio *Black Bloc*, estará situado histórica e socialmente num *campo social* de crises. De fato, o social contemporâneo é marcado por uma atmosfera de crises econômica, representativa e identitária, as quais acabam por influenciar o posicionamento social dos sujeitos. Com isso, a despeito de sua vontade, o leitor será inserido dentro de um determinado espaço social, sendo, de certa forma, coagido a construir determinados efeitos de sentido para o texto.

É importante salientar que o termo incorporação não foi utilizado a esmo. Na proposta de Hanks (2008), as dimensões das quais falamos não são estanques e separadas, na verdade, mantêm uma relação de implicação ordenada e de conexão, *incorporando-se* umas às outras. Isto é, constituem-se mutuamente e continuamente reconstroem-se. Nesse sentido, na abordagem de Hanks (2008), o contexto passa a ser visto não como um simples elemento a ser adicionado posteriormente ao texto, mas sim como uma instância que se relaciona, constitutiva e dialeticamente, com este.

Por fim, cabe salientar que, mesmo a engenhosa proposta de Hanks (2008) em relação à conexão texto-contexto é passível de crítica, na medida em que, em alguns momentos – quando fala, por exemplo, do campo social – parece objetivar aprioristicamente a ideia de contexto, indo de encontro ao que propõe Derrida (1991) e na esteira deste Martins Ferreira & Alencar (2014), que veem o contexto sempre como algo fugidio e precário, continuamente (re)construído em todas as suas dimensões pelas práticas linguístico-sociais.

Após compreender as relações entre texto e contexto, vejamos agora de que maneira objetos de discurso são construídos no espaço textual.

2.3 PROGRESSÃO REFERENCIAL EM PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA: A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO

Seguindo o que foi por nós exposto, em todo e qualquer texto, lidamos não com elementos extralinguísticos, mas sim com *objetos de discurso*, isto é, objetos constitutivamente discursivos, que se elaboram progressivamente na dinâmica textual. Com

efeito, se os objetos são (re)construídos nos textos, investigar a forma como um determinado material textual (re)configura objetos de discurso é uma investigação bastante importante para a compreensão do funcionamento do texto. A linha de estudos que visa fazer isso, os estudiosos do texto dão o nome de estudos de Progressão referencial.

Ao longo de boa parte do século XX, adeptas de uma abordagem cognitivista – que, de acordo com Koch (2003, p. 277), “têm tendido a trabalhar com uma diferença bem nítida e estanque entre os processos cognitivos que acontecem dentro da mente dos indivíduos e os processos que acontecem fora da mente” – as investigações em torno da Progressão referencial caracterizaram-se, sobretudo, pela abordagem rígida e pela ênfase classificatória. Ainda de acordo com Koch (2003), por volta da década de 70, intensificam-se as críticas a essa abordagem e surgem estudos que buscam dar maior ênfase na relação entre sociedade, cultura e mente no que se refere à construção de sentidos e de objetos de discurso, perspectiva nomeada de sociognitivismo.

De acordo com Costa (2007), com Ciulla e Silva (2008), com Marcuschi (2005) e com Cavalcante (2011), apesar da pretensa abordagem sociointeracionista e sociocognitiva, os estudos de texto, de uma maneira geral, não cumpriram sua promessa de articular sociedade, cultura e mente, no espaço da análise das progressões referenciais; uma vez que, em grande parte das vezes, dedicaram-se à feitura de etiquetas e de classificações, ao gosto de uma visão essencialista. Visando a superação dessa abordagem, os autores supracitados procuraram reconstruir o aparato teórico para as análises de progressão referencial nos estudos de texto, dando maior ênfase aos fatores sociais e interacionais, conseqüentemente, priorizando o aspecto funcional e embaralhando a tipologia classificatória legada pela tradição. Cabe salientar que esta discussão é aprofundada por Ferreira (2007), que, em seu trabalho, articula essa forma de entendimento da Referenciação com a discussão de tensões e antagonismos sociais; antecipando o que, de certa forma, pretendemos fazer ao longo de nosso trabalho.

Voltando à questão da Referenciação, de acordo com Cavalcante (2011, p. 82), “os processos referenciais não precisam, necessariamente, estar associados à menção de expressões referenciais para serem introduzidos no universo de discurso criado pelo texto”. Ou seja, a referência, mesmo quando ainda nem foi mencionada no cotexto – rede de articulações internas do texto – pode estar acessível no universo contextual do interlocutor, de tal maneira que, ao ser mencionada no texto, determinado referente é não introduzido, mas

sim (re)categorizado. Com isso, para a autora, os efeitos de sentido dependeriam não de uma materialidade textual idealizada e imanente, mas da relação consubstanciada entre texto e leitor. Ressalta-se que, através dessa proposta, Cavalcante (2011), na esteira de Costa (2007), começa a embaralhar os estudos de texto tradicionais, que veem diferenças claras entre, por exemplo, introdução referencial e anáfora, categorias que são explicadas mais adiante.

O conhecimento prévio do objeto de discurso pelo leitor, fato que – como foi dito, obnubila, por exemplo, os limites entre introdução referencial e anáfora – seria oriundo das práticas sociais materializadas na sociedade onde ele, leitor, se encontra inserido. De acordo com Costa (2007) e Cavalcante (2011), essas práticas criariam certos “estereótipos perceptuais”, que, ao se sedimentarem na mente dos sujeitos sociais, condicionariam certos regimes de sentido. Por consequência, as formas linguísticas presentes no texto não seriam o único elemento componente da construção do sentido, sendo, na verdade, uma espécie de trilha, de indício, para a constante reelaboração semântico-pragmática que determinado processo de referenciação corporificaria.

Tendo em vista essa proposta, o processo de análise referencial não seria uma caça de segmentos linguísticos e de estabelecimento de sequências lógicas entre partes do texto, sendo, na verdade, um processo sociocognitivo e discursivo de identificação e de interação com as pistas textuais, que estabeleçam relação com a memória discursiva dos sujeitos sociais.

Ciulla e Silva (2008) e Cavalcante (2011) pormenorizam a discussão a respeito da influência da situação comunicativa e da memória discursiva na construção de objetos de discursos, propondo uma abordagem funcional para o estudo da progressão referencial. Em nosso trabalho, utilizar-nos-emos da abordagem sugerida particularmente por Ciulla e Silva (2008), que, a nosso ver, consegue, concomitantemente, dar ênfase à dimensão formal e funcional do texto.

Como forma de operacionalização da nossa análise, fazendo as devidas ressalvas quando necessário, à maneira de Marcuschi (2005) e Ciulla e Silva (2008), apropriar-nos-emos das categorias centrais de investigação textual legadas pela tradição dos estudos de texto: Anáfora, Dêixis e Introdução Referencial. Através delas, esperamos, ao mesmo tempo, dar certa objetividade à nossa análise e trabalhar com uma perspectiva centrada na interação e no uso.

A anáfora “é o processo em que há uma referência a um objeto que, ao mesmo tempo, ativa alguma fonte que já foi mencionada explicitamente no texto e/ou que se encontra armazenada na memória comum dos interlocutores”. (CIULLA & SILVA, 2008, p. 73). Dito de outra forma, a anáfora é uma referência a um objeto discursivo que já foi ativado, seja pelo texto, seja pela situação, seja pela memória discursiva do interlocutor.

Por exemplo, nesse segmento do texto *Black Bloc, questão de Escolha*, o referente *Black Bloc* é diversas vezes anaforicamente retomado, seja de maneira direta ou indireta:

Ao aderir **a tática Black Bloc** você esta EXIGINDO o mais rápido possível, mudanças concretas. **Black Bloc** não é bonde, não é rolê, não é como "um bando de pitboys de preto". Toda ação tem uma causa. **Black Bloc** não sai para implantar o terror, não e milícia, é **uma tática usada por cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual**. (ONLINE, 2013 – grifo nosso).

Em suas propostas, Koch (2004) elenca várias subdivisões para a anáfora: direta, indireta, associativa e encapsuladora. Em nossa análise, excetuando situações em que acharmos que o uso dessas subdivisões pode ajudar a esclarecer determinadas construções de sentido, não utilizaremos essa classificação, em virtude de, à maneira de Marcuschi (2005) e Ciulla e Silva (2008), percebermos certa contradição entre essas categorias. Como mostra o trabalho dos dois autores, quando se leva em conta o caráter situacional da atividade linguística, mesmo uma menção direta a um objeto pode ser vista como algo que leva a uma recategorização ou uma delimitação que afeta o conjunto, fato que, de acordo com os autores, mostra a existência de sobreposição entre os territórios de anáfora direta, indireta e associativa. Tendo em vista isso, grosso modo, utilizaremos, no que se refere à anáfora, apenas a grande categoria homônima, convocando suas subclassificações somente quando acreditarmos que estas podem salientar o aspecto funcional do texto.

No que se refere à Dêixis, podemos dizer que esta é o processo em que se dá a ver “o posicionamento do enunciador no tempo ou no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente”. (CIULLA & SILVA, 2008, p. 73). Dito de outra forma, através de partículas dêiticas, o enunciador se marca no tempo e no espaço, construindo certa relação de seu ato de dizer com o momento de sua enunciação. Por exemplo, leiamos um trecho da reportagem de *Veja, O bando do quebra-quebra*: “**Hoje** os, militantes, por assim dizer, não chegam a duas centenas por **aqui**”. (ONLINE, 2013 – grifo nosso). Nesse segmento, os termos “hoje” e “aqui” orientam-no sobre a dimensão temporal e espacial da

enunciação, guiando e participando da construção de sentidos; estes termos são classificatoriamente chamados de partículas dêíticas.

Nas classificações mais tradicionais, as coordenadas de pessoa, de tempo, de lugar, de contexto, de discurso e de relacionamentos sociais entre os participantes definem, respectivamente, as dêixis pessoal, temporal, espacial, discursiva e social. Em nosso trabalho, não nos centraremos nessas classificações, concentrando-nos, antes de tudo, na função e nos possíveis efeitos de sentidos do uso de um dêitico em determinado momento do texto.

Por fim, temos a introdução referencial. De acordo com Cavalcante (2004, p. 2), esta ocorre “quando um objeto for considerado *novo* no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto”. Isto é, ocorre introdução referencial quando um objeto ainda não suscitado pelo texto dá-se a ver.

Apesar do caráter, de certa maneira, pouco preciso da categoria introdução referencial, em nosso trabalho, utilizá-la-emos para ressaltar que, caso o leitor não tenha ativado anaforicamente sua memória discursiva no que se refere à retomada de determinado objeto do discurso, a referência está sendo introduzida através de certa expressão, a qual classificaremos como introdução referencial.

Dirigindo-nos ao final dessa subseção, cabe salientar, consoante Ciulla e Silva (2008) e Cavalcante (2011), que, mesmo a categorização geral: anáfora, dêixis e introdução referencial é, de certa forma, imprecisa; uma vez que, dependendo do leitor que terá acesso ao texto, em virtude de sua memória discursiva e das condições sócio-históricas na qual se vê inserido, essas categorias se sobrepõem. Contudo, por acreditarmos que essas categorias se fazem necessárias para tornar nosso processo de análise mais tangível, ainda assim iremos utilizá-la.

Sabendo das categorias de análise que operacionalizaremos, passemos agora à discussão da perspectiva de linguagem que, juntamente com a Referenciação, possibilitará nossa discussão: perspectiva bakhtiniana de linguagem.

2.4 CÍRCULO DE BAKHTIN: DIALOGISMO E TRANSLINGUÍSTICA

Para iniciar nossa discussão em torno das propostas do Círculo de Bakhtin, analisamos brevemente a tirinha a seguir. Ela foi publicada em outubro de 2013 e, de certa forma, discute uma possível relação entre o governo e o *Black Bloc*. Para que, relativamente,

se investigue seus possíveis efeitos de sentido, faz-se fundamental tematizar o *diálogo*¹⁹ entre, de certa maneira, os dizeres presentes no texto e o conjunto de dizeres que se fazem presentes no corpo social. Tendo em vista isso, é pertinente dizer que três são as dimensões dialógicas que se fazem necessárias para a discussão desse texto: a orientação do dizer para um já-dito; a orientação do dizer para o que será dito; e a constituição heterogênea do próprio dizer. Abaixo reproduzimos o material mencionado.

Figura 1 – Tirinha governo e *Black Bloc*



Fonte: <http://www.humorpolitico.com.br/governo-dilma-2/governo-dilma-quer-abrir-dialogo-com-black-blocs/>

Em relação ao primeiro ponto, orientação do dizer para um já-dito, é possível afirmar que, de certa maneira, o sentido dessa tirinha se constrói a partir da retomada de um dizer que identifica o representante do poder executivo no ano de 2013, a presidenta Dilma Rousseff, e caracteriza o *Black Bloc* como sendo um grupo de mascarados. Pela roupa vermelha, pela cor do cabelo, pela presença do lexema “governo” e pelas condições enunciativas, podemos dizer que a personagem central da tirinha é a presidenta Dilma Rousseff. Não obstante isso, ao colocá-la com o rosto coberto, à maneira de uma máscara, são retomados dizeres que, em certo sentido, caracterizam o *Black Bloc*, criando certa relação de identificação entre a presidenta e os adeptos da tática *Black Bloc*. Essa dupla articulação dá a ver a relação do que está sendo dito na tirinha com um já-dito presente no corpo social, isto é, com uma memória discursiva.

¹⁹ Neste momento do nosso trabalho, o termo diálogo não é tomado, ao encontro do Círculo de Bakhtin, em sua acepção teórica, sendo visto apenas como uma metáfora para nomear as relações que os textos estabelecem com as vozes sociais.

No que se refere ao segundo ponto, orientação do dizer para o que será dito, podemos afirmar que essa tirinha, de certa maneira, objetiva gerar determinada reflexão por parte do destinatário em torno das ações da presidenta e do *Black Bloc*. De maneira geral, no espaço do texto, é possível falar de certa crítica ao *Black Bloc*, uma vez que, tendo em vista a caracterização da personagem da presidenta – mascarada – e o enunciado materializado por esta, “estou pronta para o diálogo”, podemos dizer que o *Black Bloc* é visto como um grupo que só aceita dialogar com aqueles que, de alguma maneira, tenham ideias parecidas com as dele, daí a necessidade da presidenta ter de se tornar uma “mascarada” para que o diálogo possa acontecer. Desse ponto de vista, a tirinha tem uma dimensão claramente argumentativa, na medida em que suscita uma resposta por parte do interlocutor.

Por fim, sobre o terceiro ponto – a constituição heterogênea do próprio dizer – na tirinha, temos, de maneira textualmente marcada, a presença de duas vozes. A de um enunciador em terceira pessoa que fala que “governo quer abrir diálogo com *Black Blocs*” e a de um enunciador em primeira pessoa – a personagem da presidenta – que nos diz “estou pronta para o diálogo”. Além disso, de maneira não marcada, há, como já foi dito, a presença de, no mínimo, duas vozes sociais: uma que identifica a presidenta quanto a seus atributos físicos e indumentários; outra que caracteriza o *Black Bloc* em relação aos trajes que este utiliza e à postura com que, de certa forma, dialoga. Tendo em vista essa multiplicidade de vozes é que podemos dizer que o texto é construído a partir de uma amálgama de vozes sociais, ou seja, é constitutivamente heterogêneo.

A forma de construção e os conteúdos sobejamente relacionais presentes nesse texto nos incentivaram a discuti-lo a partir das vozes sociais que retomava, das vozes sociais a que se dirigia e das vozes sociais que o constituíam. De acordo com Bakhtin (1988) e os teóricos do Círculo, esse caráter dialógico não é característica apenas de alguns textos/enunciados, mas sim de todo e qualquer gesto de linguagem. Para esses teóricos, a linguagem é constitutivamente dialógica²⁰:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia evitar por completo esta mútua orientação do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso

²⁰ Termo, a partir de agora, utilizado em acepção técnica.

não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar. (BAKHTIN, 1988, p. 88).

Isto é, todo dizer estabelece um diálogo tanto com os dizeres que o antecederam quanto com aqueles que o irão suceder. Nesse sentido, toda realização linguística tanto responde quanto exige uma resposta para seu dizer. A essa forma de funcionamento da linguagem, Bakhtin e teóricos do Círculo deram o nome de *Dialogismo*.

Como nos explica Faraco (2009), cabe salientar que dialogismo não se confunde com diálogo. Este “designa, comumente uma determinada forma composicional em narrativas escritas, representando a conversa dos personagens” (FARACO, 2009, p. 60); enquanto aquele é, antes de tudo, uma perspectiva que encara o diálogo, ou melhor, as relações dialógicas, como “um princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso.” (BARROS, 2003, p. 2). Fiorin (2010a, p. 40) ratifica isso ao nos dizer que:

todo discurso é constituído a partir de outro discurso, é uma resposta, uma tomada de posição em relação a outro discurso. Isso significa que todo discurso é ocupado, atravessado, habitado pelo discurso do outro e, por isso, ele é constitutivamente heterogêneo. Todo enunciador, para construir seu discurso, leva em conta o discurso do outro, que está, por isso, presente no seu. (FIORIN, 2010a, p. 40)

Analisando a teoria/perspectiva bakhtiniana de linguagem, Faraco (2009, p. 58 – grifo nosso) nos fala de três dimensões do dialogismo:

a) Todo dizer não pode deixar de se orientar para o “já dito”. Nesse sentido, todo enunciado é uma réplica, ou seja, não se constitui fora daquilo que chamamos hoje de memória discursiva;

b) Todo dizer é orientado para a resposta. Nesse sentido, todo enunciado espera uma réplica e- mais- não pode esquivar-se à influência profunda da resposta antecipada. Neste sentido, possíveis réplicas de outrem, no contexto da consciência socioaxiológica, têm papel constitutivo, condicionante, do dizer, do enunciado. Assim, é intrínseco ao enunciado o receptor presumido, qualquer que ele seja: o receptor empírico entendido em sua heterogeneidade verboaxiológica, o “auditório social” [...], o “superdestinatário” [...].

c) Todo dizer é internamente dialogizado: é heterogêneo, é uma articulação de múltiplas vozes sociais (no sentido em que hoje dizemos ser todo discurso heterogeneamente constituído), é o ponto de encontro e confronto dessas múltiplas vozes. Essa dialogização interna será ou não claramente mostrada; o dizer alheio será ou não destacado como tal no enunciado- ou, para usar uma figura recorrente em Bakhtin, será aspeado ou não, em escalas infinitas de graus de alteridade ou assimilação da palavra alheia. (FARACO, 2009, p. 58 – grifo nosso)

Como pudemos ver no texto que analisamos no início desse capítulo, seguindo a leitura que Faraco (2009) faz do princípio dialógico, todo dizer estabelece uma relação com o que o foi dito, com o que irá ser dito e é heterogeneamente constituído. No caso, mesmo em um dizer que à primeira vista não pareça estabelecer relação com nenhum outro, essas três

dimensões se fazem presente. Vejamos, por exemplo, a capa da revista que contém uma das reportagens que iremos analisar nesse trabalho:

Figura 2 – Capa da revista *Veja*



Fonte: Site da revista

Esta não tem marcações explícitas de diálogo, no entanto, é preta de relações dialógicas. Primeiro, ao buscar dizer “quem são os manifestantes do *Black Bloc*” e ao trazer a imagem de um *Black Bloc*, responde a um dizer prévio – mas que não se marca de forma explícita – que pergunta sobre a identidade do *Black Bloc*. Segundo, ao colocar que os manifestantes do *Black Bloc* “saem às ruas para quebrar tudo” e colocar um adepto da tática *Black Bloc* com o dedo em riste, de certa forma, busca suscitar uma resposta por parte do interlocutor, em relação ao caráter, dito por *Veja*, “baderneiro” do *Black Bloc*. Por fim, terceiro, ao nomear de *Black Bloc* alguns manifestantes e, ao mesmo tempo, chamá-los de “bando”, traz à tona, no mínimo, duas vozes sociais: uma que reconhece mascarados e adeptos de determinadas formas de ação como *Black Bloc*, e outra que vê de forma, de certa maneira, como criminosa, bárbara e violenta a ação destes. Nesse sentido, é que é pertinente dizer que, mesmo sem diálogo (em sentido estrito), existe dialogismo.

Nessa perspectiva, os gestos de linguagem só não serão dialógicos se forem levados a um nível de abstração tão alto que acabe por cortar os fios dialógicos que os ligam; à semelhança do que acontece na linguística estruturalista, por exemplo. Os pensadores do Círculo não estão centralmente interessados na investigação dos segmentos presentes nesse alto nível de abstração; na verdade, eles objetivam estudar a linguagem a partir do paradigma

do dialogismo e das condições de sua materialização, realizando uma investigação, de certa forma, mais concreta da linguagem.

Como forma de dar conta dessa investigação mais concreta da linguagem é que Bakhtin propõe uma abordagem que vá para além da linguística tradicional, isto é, propõe o que ele chama de translinguística. Esta, de acordo com Fiorin (2006, p. 20), “teria como objeto o estudo dos enunciados, o que significa dizer o exame das relações dialógicas entre eles, dado que são necessariamente dialógicos.”. Isto é, a translinguística estudaria a linguagem em sua dimensão marcadamente concreta, material, investigando as relações dialógicas constitutivas dos enunciados. Cabe salientar aqui que enunciado não se refere às unidades da língua (os sons, as palavras, as orações), mas, sim, a dizeres necessariamente contextualizados e inseridos dentro do universo dialógico da linguagem. Nesse sentido, o conceito de enunciação/enunciado (processo/produto), na teoria bakhtiniana, está intimamente ligado às práticas sociais.

Em resumo, para o Círculo de Bakhtin, o dialogismo é uma característica fundante da linguagem. Desse ponto de vista, de acordo com os autores, todo dizer é heterogeneamente construído e direcionado. Como forma de investigação dessa dimensão relativamente mais concreta da linguagem, o enunciado, eles propõem uma nova disciplina no espaço dos estudos da linguagem, a translinguística.

Seguindo com a discussão das propostas do Círculo de Bakhtin, é possível dizer que ao enunciar, um determinado sujeito se imbrica dentro da teia dialógica da linguagem, seguindo alguns fios enunciativos, passando a tecer outros e marcando-se singularmente no espaço desse processo. Dessa apropriação singular realizada por todo sujeito da enunciação é que surge o signo ideológico, tema central da próxima subseção desse trabalho.

2.5 “E O SIGNO SE FAZ ARENA”: IDEOLOGIA, VOZES SOCIAIS E HETEROGLOSSIA/PLURILINGUISTICO

De uma maneira geral, podemos, ao encontro de Faraco (2009), dizer que ideologia é uma palavra *mal-dita* no espaço dos estudos sociais e linguístico. O termo, como nos mostra Eagleton (1997, p. 15), enfrenta uma enorme flutuação conceitual, tendo, de acordo com esse autor, no mínimo, 14 acepções diferentes, que vão desde a “comunicação socialmente distorcida” àquilo que “confere certa posição a um sujeito”. Ademais, além de não serem, em grande parte das vezes, compatíveis entre si, “algumas dessas formulações são

pejorativas, outras ambigualmente pejorativas e outras ainda nada pejorativas”. (EAGLETON, 1997, p. 16).

No âmbito das diferentes investigações em torno do conceito de ideologia, uma das apropriações conceituais que mais se destaca é a do Círculo de Bakhtin. Na verdade, ainda seguindo Eagleton (1997) e Žižek (1996), podemos dizer que, dentro de um paradigma pós-moderno, a perspectiva do Círculo, que, grosso modo, vê a ideologia como uma característica inerente à linguagem, tornou-se hegemônica. Por consequência disso, compreender a apropriação conceitual realizada pelos autores russos se torna fundamental. Nesta subseção e na próxima, tentaremos dar conta disso. Assim, dentro das propostas do Círculo de Bakhtin, buscaremos compreender o conceito de ideologia e alguns conceitos que com ele se relacionam – como os de vozes sociais e de heteroglossia/plurilinguismo.

Contradizendo a abordagem marxiana clássica, que, de maneira geral, vê a ideologia como “falsa consciência” e “mascaramento do real”, Bakhtin/Volochínov (1998) e o Círculo entendem ideologia como elemento constituinte do processo significacional do mundo, isto é, veem a ideologia como uma inextrincável característica da própria linguagem. Para os autores, ideologia é, antes de tudo, uma espécie de dimensão valorativa, axiológica, presente em todo e qualquer enunciado. Como nos diz Faraco (2009, p. 46):

[...] para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, *sempre ideológico* - para eles, não existe enunciado não-ideológico. É ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica). (FARACO, 2009, p. 46 – grifo do autor).

Dessa maneira, nessa acepção, a ideologia é um fenômeno inescapável, uma vez que, mesmo aqueles que procuram assumir uma posição de neutralidade, acabam por se posicionar ideológica e, por consequência, axiologicamente.

Além disso, importante dizer que, para os autores, esse processo valorativo se realiza através da linguagem, que, em suas diferentes formas de apropriação pelos sujeitos sociais, dá a ver diferentes ideologias. Para os autores, de fato, não há signo que não seja também signo ideológico. Como nos diz o próprio Bakhtin/Volochínov (1998, p. 32), “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos; são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também ideologia”.

Essa visceral relação entre signo e ideologia se dá em virtude do nosso acesso mediado ao mundo. Para Bakhtin e o Círculo, nosso acesso aos seres e aos objetos é sempre mediado linguisticamente. Como nos diz Faraco (2009, p. 48), comentando as propostas do Círculo:

[...] nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência - com nosso ambiente natural e contexto sociais - só ocorrem mediadas semioticamente. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações. (FARACO, 2009, p. 48).

Assim o mundo não se revela para nós em sua (suposta) substancialidade e nudez, mas sim trajado de alguma vestimenta *sígnica*, a qual, por ter sido tecida com os fios linguísticos e dialógicos de nossos valores e de nossa história, acaba por dizer mais sobre nós do que sobre o próprio mundo. Retomando uma metáfora cara ao Círculo de Bakhtin, é possível dizer que, tenhamos consciência disso ou não, ao usar a linguagem *refratamos* o mundo, dando a ver nossos valores, nossas crenças e nossos desejos.

Em razão disso é que, como nos diz Ponzio (2008, p. 108), além de uma materialidade física, o signo é possuidor de uma materialidade histórico-social, na medida em que “representa (e organiza) a realidade (*sígnica* e não *sígnica*) a partir de um determinado ponto de vista valorativo, segundo uma determinada posição, por meio de um contexto situacional dado, por determinados parâmetros de valoração”. Ou seja, usar a linguagem é não (somente) uma forma de representar o mundo, mas sim de reconstruí-lo de acordo com determinados valores e interesses.

Por conta do caráter dialógico da linguagem, quando um grupo social procura significar uma determinada parcela do mundo, ele acaba por necessariamente materializar algum tipo de relação com todo o universo de significações que recobriu ou irá recobrir aquele objeto ao longo da história:

Se nós imaginarmos a intenção de uma tal palavra, isto é, sua direcionalidade para o objeto, na forma de um raio de luz, então o jogo vivo e irrepitível de cores e luz nas faces da imagem que ele constrói pode ser explicado a dispersão espectral da palavra-raio, não no interior do objeto em si [...], mas antes como sua dispersão espectral numa atmosfera cheia de palavras alheias, julgamentos de valor e acentos através da qual o raio passa em seu caminho em direção ao objeto; a atmosfera social da palavra, a atmosfera que cerca o objeto, faz as faces da imagem cintilar. (BAKHTIN, 1988 *apud* FARACO, 2009, p. 49).

Nesse sentido, é que todo signo é habitado, para usar outra metáfora cara ao Círculo de Bakhtin, por inúmeras vozes sociais. A essa propriedade plural do signo e da

linguagem, Bakhtin (1988) nomeia de heteroglossia ou plurilinguismo. Ou seja, todo signo, por ser habitado por diversas vozes sociais, tem um caráter heteroglóssico/plurilinguístico.

Esse entrecruzamento de vozes sociais faz, em certo sentido, “o signo se tornar uma arena onde se desenvolve a luta de classes.”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1998, p. 46). Isto é, em razão das vozes sociais que nele se fazem presentes, o signo se torna uma espécie de arena ou campo de batalhas, no qual diversas vozes sociais, advindas dos mais diversos estratos da sociedade, entram em conflito. Nesse espaço heteroglóssico, algumas vozes sociais, em determinados momentos, buscam impositivamente dar destaque a si mesmas, diminuindo o volume sonoro de outras vozes e centralizando tudo em torno de si mesmas; monologizando, portanto, o signo; já outras, ao contrário, buscam construir um ambiente plural, no qual as diversas vozes sociais possam funcionar de maneira mais equânime e integrada, dando, assim, ao signo diversidade. Àquelas, Bakhtin/Volochínov chama de vozes ou de forças centrípetas; a estas, de vozes ou de forças centrífugas.

Como forma de ilustração, podemos citar a luta em torno dos sentidos do signo *Black Bloc*. Este, longe de ser uma realidade aprioristicamente dada, é construído na linguagem, através de uma luta entre diversas vozes sociais. Por exemplo, quando *Veja*, em sua reportagem, nomeia o *Black Bloc* de *O bando do quebra-quebra*, ela se contrapõe a vozes sociais que chamam o *Black Bloc* de “tática de guerrilha urbana anticapitalista”, como faz *Carta Capital* também em reportagem, ou de “tática usada por cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual”, como faz o próprio *Black Bloc* em sua página no *Facebook*.

No caso, os sentidos do *Black Bloc* serão estabelecidos através do confronto entre essas vozes no ambiente heteroglóssico/plurilinguístico do signo. Provavelmente, em virtude de seu caráter midiático hegemônico, o investimento sógnico materializado por *Veja* acabará por se sobrepujar àqueles mobilizados por *Carta Capital* e pela página do próprio *Black Bloc*. Se isso acontecer de maneira tal que possamos dizer que *Veja*, de alguma maneira, silencia formas de investimento sógnico distintos do seu, e *Carta Capital* e página virtual do *Black Bloc* se contrapuserem a isso, poderemos afirmar, recuperando a terminologia bakhtiniana, que forças centrípetas são mobilizadas por *Veja* e que forças centrífugas são mobilizadas por *Carta Capital* e pela página do *Black Bloc*.

Saindo do exemplo e voltando à teoria, trazendo à baila Faraco (2009), talvez em virtude de terem vivido sob a égide de um regime totalitário, Bakhtin (1988) e os teóricos do Círculo tornaram a pluralidade dialogizada das vozes uma espécie de utopia, uma espécie de futuro a ser almejado. Para eles, o ideal seria que todas as vozes sociais pudessem conviver de maneira relativamente equânime no espaço social. Em razão disso, mostram-se críticos e resistentes a qualquer processo centrípeto, monologizador, advogando a favor de uma realidade o mais intensamente possível heteroglósica e plural.

Um dos principais veículos de subversão do monologismo seria o riso. Este, em virtude do seu caráter dessacralizador e relativista, seria o responsável por mostrar a unilateralidade e os limites de determinados investimentos ideológicos, destruindo através de seu processo descentralizador a pretensa monologicidade de uma determinada construção ideológica. Através disso, como discute Bakhtin (1988), faria advir, em contraponto a uma consciência ptolomaica – fechada e única – uma consciência galileana, aberta e plural.

Em resumo, nas propostas do Círculo de Bakhtin, ideologia não é um termo de aceção negativa, sendo, antes de tudo, um elemento constituinte do processo de significação do mundo. Seu lugar de materialização, por excelência, é a linguagem. Esta que, por conta dos diversos investimentos ideológicos, atua não somente como uma instância de espelhamento do mundo, mas, sobretudo, como uma instância de refração e de reconstrução deste. Por consequência, não há signo linguístico que não seja também ideológico. O signo, tendo em vista o caráter dialógico da linguagem, não é habitado por apenas uma voz social, mas, sim, por várias, propriedade nomeada de heteroglossia ou de plurilinguismo. Estas vozes podem se comportar de forma centrípeta ou centrífuga; na primeira, procuram monologizar o sentido, fazer calar a diferença; na segunda, buscam fazer advir a multiplicidade, dar a ver a heterogeneidade das vozes sociais que nos signos se fazem presentes. Bakhtin e os teóricos do Círculo advogam em favor desta postura centrífuga, buscando alcançar o ideal de uma sociedade equanimemente heteroglósica e defendendo riso como um recurso de subversão e de crítica de posturas monológicas.

Essa perspectiva de Bakhtin e do Círculo em relação à ideologia ganhou bastante destaque no século XX e foi bastante produtiva tanto para os estudos sociais quanto para os estudos linguísticos. Acreditamos que essa perspectiva, se articulada com os estudos de referenciação, pode ser bastante interessante para os estudos da linguagem, em particular, para a linguística aplicada. Discutir os pontos de articulação entre as perspectivas e a produtividade

desta articulação para os estudos de Linguística Aplicada será o objetivo da próxima subseção deste trabalho.

2.6 DIÁLOGOS ENTRE REFERENCIAÇÃO E PERSPECTIVA BAKHTINIANA DE LINGUAGEM

A Referenciação e a perspectiva bakhtiniana de linguagem são propostas que, por sua abordagem epistemológica, em certo sentido, dialogam e se completam mutuamente. Visão não referencial de linguagem e construção interacional de sentidos são, a nosso ver, os principais elos que ligam essas duas teorias. No entanto, somente a pertinência epistemológica dessa articulação não a torna por si só interessante. Para que possa ser qualificada assim, é preciso que haja - tendo em vista as propostas de estudo da Linguística Aplicada contemporânea, área na qual este trabalho se insere - um acréscimo gnosiológico que justifique essa articulação. Tendo em vista isso, nessa subseção, discorreremos sobre a pertinência dessa amálgama, a partir desses dois pontos de vista: o epistemológico e o gnosiológico.

Epistemologicamente, a articulação entre Referenciação e perspectiva bakhtiniana de linguagem está centrada, como indicamos, em dois pontos: visão não referencial de linguagem e construção interacional de sentidos.

Ambas as propostas teóricas partem da ideia de que os sentidos são, em boa parte, construções de linguagem e não apenas decalques de uma realidade preexistente. Para as duas abordagens, os sentidos são construídos através das práticas sociais e linguísticas materializadas em uma determinada sociedade, dando a ver antes determinadas formas de percepção historicamente situadas do que uma realidade ontologicamente preexistente. Desse ponto de vista, investigar como um determinado texto, grupo social e sociedade criam seus objetos de discurso/signos é investigar, de certa maneira, como práticas sociais se transformam em elementos linguísticos e como são por estes construídas.

Nesse ponto, cabe salientar que, além de possível, a relação entre as duas perspectivas se mostra interessante na medida em que a Referenciação pode contribuir para um trabalho mais preciso com o conceito de signo. Para que compreendamos isso, vejamos o que Ponzio (2008, p. 120) nos diz sobre o conceito de signo para o Círculo de Bakhtin:

[...] o 'signo' é uma enunciação completa, não isolada do contexto social e nem do terreno ideológico ao qual pertence desde o princípio; é uma enunciação que responde a um diálogo, parte constitutiva de uma relação social, é texto vivo, e não

texto coisificado, uma expressão monológica isolada, que tenha que se interpretada simplesmente na base da pura relação entre as unidades linguísticas que compõem e a língua, entendida como sistema fechado, como código definido. (PONZIO, 2008, p. 120)

De acordo com o autor, o signo é o enunciado situado em um contexto sócio-histórico e inserido em um espaço social, sendo algo que está para além da pura relação entre unidades linguísticas. Através desse conceito, podemos ver que o autor, ao encontro de Bakhtin/Volochínov (1998), confere bastante relevância à dimensão social do signo, não dando, de certa forma, tanta centralidade à dimensão mais estritamente linguística deste, isto é, sua materialidade textual. A Referenciação, com sua abordagem sociocognitiva e com suas categorias de análise, pode ajudar exatamente nesse ponto; isto é, esclarecendo o processo de construção do próprio signo.

Através da Referenciação e das cadeias referenciais formadas ao longo da progressão textual, podemos analisar mais detidamente de que forma os signos são construídos. No caso, tendo em vista as relações de semelhança e de oposição presentes no texto juntamente com a memória discursiva e com o aparato sociocognitivo do leitor, é possível investigar de que maneira o signo vem à tona no espaço textual e social.

Por exemplo, em nossa análise, o signo *Black Bloc* será vislumbrado a partir das cadeias referenciais nas quais está inserido em cada um dos textos analisados. Dessa maneira, utilizar-nos-emos das categorias de análise advindas dos estudos de progressão referencial para poder investigar de maneira um pouco mais precisa de que forma o signo *Black Bloc* é construído e se dá a ver em cada um dos textos. Como forma de ilustração, no texto de *Veja*, o objeto discursivo *Black Bloc* mantém uma relação referencial com a expressão “bando”, enquanto que, no texto publicado na página dos usuários da tática *Black Bloc*, este termo mantém uma relação referencial com “tática usada por cidadãos de bem”. Quando comparados, os textos dão a ver, através de suas cadeias referenciais, investimentos ideológicos opostos presentes no signo *Black Bloc*. Nesse sentido, a articulação entre a Referenciação e a perspectiva bakhtiniana propicia um estudo, de certa forma, mais pragmático da dimensão do signo.

Do ponto de vista gnosiológico, essa articulação epistêmica se justifica pelo fato de contribuir para um aprofundamento das propostas da Linguística Aplicada Contemporânea. Esta, de acordo com Moita Lopes (2006), se encontra em um momento de revisão de suas bases teóricas, uma vez que, longe de ser somente uma aplicação da Linguística ao ensino,

como era de início, tornou-se uma área que procura, acima de tudo, pensar o jogo social a partir da linguagem. De acordo com Fabrício (2006, p. 48), dois dos principais pressupostos da Linguística Aplicada contemporânea são o entendimento da linguagem como prática social e o entendimento de que toda prática discursiva é inescapavelmente ideológica. Nas palavras da autora:

[...] a LA se encontra em momento de revisão de suas bases epistemológicas, a reboque da compreensão

1) de que, se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva.

2) de que nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social. (FABRÍCIO, 2006, p. 48)

Levando-se em consideração essas duas tendências dos estudos em Linguística Aplicada, podemos dizer que a articulação entre Referenciação e perspectiva bakhtiniana de linguagem, em particular no que se refere ao modo de funcionamento dos objetos de discurso/signos, pode contribuir para estudar de maneira mais profícua o funcionamento ideológico e social da linguagem.

As duas teorias mantêm similaridade epistemológica e, ao mesmo tempo, se completam também no que se refere à maneira como entendem a construção dos sentidos no espaço do signo. Em ambas, essa construção se dá de maneira interacional. Para a Referenciação, de maneira geral, podemos dizer que o sentido é construído através da relação estabelecida entre materialidade linguística e memória discursiva do leitor. Já para Bakhtin e o Círculo, o sentido é construído através de uma teia de relações dialógicas e da consequente luta entre as diferentes vozes sociais e ideologias presentes no signo. Desse ponto de vista, a articulação entre as duas teorias é bastante visível, haja vista que ambas entendem que o sentido é construído através de um conjunto de relações intersubjetivamente partilhadas.

Para além disso, o que cabe salientar em relação a esse ponto de articulação entre as abordagens é o quanto ele pode ser interessante para pensar alguns fenômenos, sobretudo, aqueles que se relacionam às forças centrípetas e centrífugas que atuam no espaço da linguagem e à luta entre as diferentes vozes sociais no espaço sógnico. Na medida em que articulamos uma perspectiva bakhtiniana de linguagem, que vê o signo como uma espécie de arena de lutas, com a teoria da Referenciação, inserimos aspectos de cunho político-social no

âmbito de uma teoria, a Referenciação, que se pauta pela abordagem sociocognitiva, dando, por consequência dessa inserção, maior complexidade à análise das práticas textuais e sociais.

Ademais, no universo dessa articulação teórica, à semelhança do que propõe Ferreira (2007), o sentido adquirido pelas expressões referenciais no espaço textual passa a ser visto não somente como um fenômeno de relação entre expressões linguísticas e memória discursiva do interlocutor, mas, também, como local de lutas de poder, onde vozes sociais, centrípeta ou centrifugamente, lutam por hegemonia de sentido.

Por exemplo, de uma maneira geral, se analisássemos a construção do *Black Bloc* nos textos de nosso *corpus* tão somente a partir da referenciação, é possível dizer que não seria tão esperado falar de questões ético-políticas imbricadas nas construções do objeto de discurso/signo *Black Bloc*. No entanto, quando articulamos Referenciação com uma perspectiva bakhtiniana de linguagem, passamos a poder inserir em nosso debate questões relativas às lutas de poder no espaço social e ao investimento ideológico presentes no objeto de discurso/signo *Black Bloc* que aparece em cada um dos textos. Por consequência, nosso campo de análise se complexifica, dando, em certo sentido, maior organicidade ao nosso estudo.

No campo gnosiológico, essa imbricação entre questões cognitivas, sociais e ideológicas também vai ao encontro das propostas da Linguística Aplicada Contemporânea, haja vista que esta incentiva o diálogo entre estudos da linguagem e diversas outras áreas do conhecimento – correspondendo, por isso, a uma “área da INdisciplina”. (MOITA LOPES, 2006, p. 97). De fato, através da articulação entre Referenciação e perspectiva bakhtiniana de linguagem, justifica-se, linguística e socialmente, a convocação de estudos de outras áreas do conhecimento – como Ciência Política, Sociologia, Psicologia – para o âmbito de investigações linguísticas.

Em resumo, o diálogo entre Referenciação e perspectiva bakhtiniana se mostra bastante pertinente tanto do posto de vista epistemológico, tendo em vista os alicerces epistêmicos que sustentam cada uma das abordagens, quanto do ponto gnosiológico, tendo em vista as propostas da Linguística Aplicada Contemporânea. De uma maneira geral, as teorias, por sua visão não referencial de linguagem e por sua proposta de construção interacional de sentido, aproximam-se bastante; não bastando isso, acabam por se completar mutuamente no que se refere à operacionalização do trabalho linguístico com os objetos de discurso/signos e à

investigação das relações e das lutas de poder presentes na linguagem. Dessa maneira, a articulação mostra-se bastante produtiva para, como nos preconiza a Linguística Aplicada, estudar, a partir de uma perspectiva *Indisciplinar*, as práticas sociais como práticas de linguagem.

3 O *BLACK BLOC* COMO SINTOMA SOCIAL DO CONTEMPORÂNEO

3.1 CRISES E O SURGIMENTO/TRANSFORMAÇÃO DE ATORES E DE MOVIMENTOS SOCIAIS

A sociedade contemporânea é marcada por uma atmosfera de crise econômica, de crise de representação e de crise de identidade. Em virtude disso, certo mal-estar acaba se fazendo presente no funcionamento social, gerando tentativas de significação e de explicação por parte dos sujeitos, gerando, conseqüentemente, o surgimento e/ou transformação de atores e movimentos sociais.

Quando falamos de atmosfera de crise não estamos falando de um momento particular de instabilidade e de desequilíbrio, no qual haja tão somente certo descompasso, por exemplo, entre consumo e produção, entre representante e representado, entre o eu e o si mesmo. Na verdade, quando recorremos ao termo crise, estamos querendo nos referir a uma situação limite, vinculada ao surgimento ou fortalecimento de determinados impasses oriundos, pelo menos no contemporâneo, das formas de organização econômica, política e identitária a partir das quais estamos, social e, de certa forma, aprioristicamente, posicionados. Nesse sentido, falar de crise(s) é, sobretudo, falar de forma(s) de organização que, em determinadas circunstâncias sócio históricas, é/são confrontada(s) com seus limites. Na busca de compreensão e relativa demarcação desses limites e impasses é que discutiremos as crises que, nesse espaço, se fazem presentes: crise econômica, político-representacional e identitária.

Várias foram as crises pelas quais o capitalismo passou ao longo de sua história, fato que leva até mesmo alguns, como Harvey (2011), afirmarem que as crises são o modo de funcionamento normal da economia capitalista. Apesar das inúmeras crises, ao longo da história, em virtude de sua abrangência e intensidade, duas se destacaram: a de 1929 e a de 2008. Esta, em razão – entre outras coisas – do surgimento da internet e do caráter fortemente globalizado da economia, atingindo maiores proporções do que aquela. De fato, é pertinente dizer que a crise econômica de 2008 foi a maior crise da história do capitalismo. A eclosão desta e a conseqüente intensificação da desconfiança em relação ao funcionamento da economia geraram atores e movimentos sociais que procuram intensificar, substituir ou, no mínimo, questionar doutrinas econômicas hegemonicamente estabelecidas. Para entender esse processo, três pontos exigem discussão: fundamentos do capitalismo, razões da crise de 2008 e apropriação discursiva da crise econômica.

A partir de uma abordagem marxiana²¹, é possível dizer que o capitalismo é um sistema de relações político-econômicas cujo principal objetivo é a acumulação de *capital*. Isto é, o capitalismo é um modo de organização econômico cujo fulcro é a circulação e acumulação de capital, que, em seu movimento pretensamente ininterrupto, teoricamente, geraria riqueza e distribuição de renda.

Cabe salientar que capital é diferente de dinheiro, visto que, conforme Harvey (2011, p. 41), “o capital não é uma coisa, mas um processo em que o dinheiro é perpetuamente enviado em busca de mais dinheiro”. Isto é, o capital é o dinheiro em trânsito, produzindo, graças ao seu movimento, ainda mais dinheiro.

A circulação de capital gera um excedente, o qual, no âmbito da teoria econômica marxiana e da teoria econômica de um modo geral, é nomeado tecnicamente de: lucro. Este é uma das bases do modo de funcionamento capitalista, haja vista que a sua obtenção gera mais capital, que, por consequência, gera mais lucro, que dá margem a produção de mais capital, em um processo contínuo e teoricamente ininterrupto. Esse movimento tem caráter acumulativo e, de fato, pelo menos no âmbito das leituras que Harvey (2011; 2013a) faz de Marx, é o ponto central do sistema de relações político-econômicas chamado capitalismo, sendo também o ponto articulador das principais contradições geradas por esse sistema.

Seguindo Harvey (2011; 2013a), é possível dizer que os motivos que desencadearam a crise econômica de 2008 estão fundamentalmente ligados a características estruturais do capitalismo contemporâneo, sobretudo, ao processo de pauperização das relações de trabalho e de *financeirização* da economia.

De certa maneira, trazendo à baila Harvey (2013b), é possível dizer que capitalismo desde sua gênese, pressupõe, em certo sentido, um confronto entre trabalhadores, possuidores de força de trabalho, e capitalistas, donos dos meios de produção. Em virtude do caráter singular da mercadoria força de trabalho, que produz mais do que vale, com o passar do tempo, é estabelecida uma relação de verticalidade econômica entre capitalistas e

²¹ Nesse trabalho, entendemos o marxismo, consoante Netto (2006), como uma teoria social que tem como objeto central a sociedade burguesa e como objetivo central a sua transformação. Contudo, de certa forma, deixamos um tanto de lado o segundo ponto, concentrando-nos no primeiro, isto é, optamos antes pelo marxismo científico do que pelo marxismo militante, opção que não deslegitima nosso desejo por mudanças sociais e que nos levou a adotar o adjetivo “marxiano”. Dessa forma, procuramos operacionalizar o marxismo, prioritariamente, como uma teoria que proponha explicações para os fenômenos sociais característico de nossa época, indo ao encontro de autores que, de certa forma, atualizam as propostas de Marx, sobretudo, em relação ao campo socioeconômico, como é o caso de Harvey (2011; 2013a).

trabalhadores, haja vista que, enquanto aqueles acumulam capital, estes, de maneira geral, continuam na mesma situação. Essa assimetria é ciclicamente regulada ou dirimida através das crises econômicas, que, em algum sentido, reorganizam os laços entre consumo e produção.

Em meados dos anos 70, como também nos explica Harvey (2011; 2013a) houve uma forte pauperização da condição de vida dos trabalhadores e de seu poder político, uma vez que, na visão da maior parte dos capitalistas e dos políticos da época, o modo de organização e a condição da classe trabalhadora nesse período dificultava o processo de acumulação e, conseqüente, circulação do capital. Assim, com o objetivo de resolver esse impasse, nessa época, através de uma desarticulação dos sindicatos e de uma redução de salários, houve uma intensificação da exploração dos trabalhadores, dando margem ao surgimento de crises nos anos posteriores. De certa maneira, é possível dizer que o colapso econômico de 2008 ocorreu em decorrência, entre outras coisas, da situação de pauperização de trabalho e da imensa desigualdade social à qual o mundo está submetido, questões discutidas, respectivamente, por Pochmann (2001) e por Piketty (2014).

Ainda no espaço da década de 70, em razão, sobretudo, da mitigação do poder de compra dos trabalhadores, os grandes capitalistas precisaram pensar em uma solução para que seus produtos fossem absorvidos pelo mercado, porquanto, somente com seus salários, os trabalhadores não conseguiam dar conta da imensa produção gerada pelo capital. Buscando resolver esse problema, foram intensificadas as relações mercantis baseadas em mecanismo de crédito, isto é, capital financeiro. Assim, a saída para a assimilação da imensa produção, a despeito das condições aviltantes de trabalho e do baixo salário, foi encontrada na adoção maciça de instrumentos de crédito.

Harvey (2013a) nomeia esse processo de crescimento exorbitante dos mecanismos de crédito como *financeirização* do capitalismo. Poder-se-ia definir esse processo como sendo uma forma de atuação do capitalismo em que há a sujeição de toda a economia ao capital financeiro, para fins especulativos de acumulação e não para outros fins, por exemplo, produtivos.

Dessa forma, o chamado *mercado de futuros* abarcou tudo, desde o comércio de direitos de poluição até apostas sobre o tempo. Com isso, um interessante fenômeno passou a ocorrer. Conforme Harvey (2013a, p. 34), “de 1980 em diante vieram à tona periodicamente

relatórios sugerindo que muitas das grandes corporações não financeiras geravam mais dinheiro de suas operações financeiras do que fazendo coisas”. Ou seja, era muito mais rentável investir em ativos (ações, títulos, propriedades) do que em produção.

Em virtude desses investimentos, os valores dos *ativos* são pressionados para cima, aumentando seu preço de forma exorbitante. Dessa maneira, há um crescimento do valor de determinados produtos não pelo que eles valem em um determinado momento presente, mas sim em razão do que se *espera* que eles venham a valer em um momento futuro, fato que faz com que esse processo seja chamado de *especulação financeira*.

Essa prática não gera crescimento efetivo, mas apenas crescimento aparente, baseado na perspectiva do que determinado *ativo* irá valer. Assim, o investimento acontece enquanto há confiança de que os preços possam aumentar mais, mais e mais. Contudo, o fato é que a inflação dos preços não pode durar para sempre, já que, em determinada hora, os preços acabam caindo e, conseqüentemente, todos os papéis comprados perdem abruptamente seu valor, gerando crises econômicas. Exatamente o que aconteceu em 2008 nos Estados Unidos.

Dessa maneira, a crise econômica de 2008 mostra-se como sendo não somente um acontecimento fortuito, mas sim um fenômeno estrutural, que dá a ver os limites do capitalismo contemporâneo. A depender de seu modo de apropriação discursiva, irá gerar ou, no mínimo, modificar atores, movimentos e doutrinas sociais. Como nos diz Zizek (2011, p. 27)

A crise financeira seria um momento de sobriedade, o despertar de um sonho? Tudo depende de como será simbolizada, de qual interpretação ou história ideológica se imporá e determinará a percepção geral da crise. Quando o curso normal das coisas é interrompido de forma traumática, abre-se o campo para uma competição ideológica “discursiva”. (ZIZEK, 2011, p. 27).

Entre os atores, os movimentos e as doutrinas que ganharam maior visibilidade depois da Crise de 2008, podemos citar, de uma maneira geral: aqueles que buscam intensificar as características do próprio capitalismo em seu modelo neoliberal e aqueles que desejam substituir ou transformar radicalmente essa forma de organização econômica. Como exemplos dos primeiros, podemos citar o aumento do número de atores sociais filiados ao liberalismo econômico e a fundação de Institutos e fundações de cunho liberal. Em contrapartida, como exemplo dos segundos, podemos citar o surgimento e/ou o fortalecimento de movimentos sociais e partidos políticos com discursos mais críticos em relação ao

capitalismo e ao neoliberalismo, por exemplo: movimento *Occupy Wall Street*, partido grego *Syriza* e mesmo o *Black Bloc*, de quem falaremos mais pormenorizadamente adiante.

Na primeira década do século XX, Saramago (2007) publicou o livro *Ensaio sobre a Lucidez*. Neste, o literato português nos fala sobre uma cidade fictícia na qual a maior parte das pessoas, em uma eleição, decide votar em branco. Como reação a essa espontânea atitude da população, em vez de tentar mudar seu modo de funcionamento, o Estado – aliado às instâncias econômicas, midiáticas e técnico-científicas – passa a perseguir, prender e violentar aqueles que a seu ver são responsáveis pelo ocorrido. Através dessa história, Saramago (2007) discute dois pontos que nos parecem fundamentais para nossa época: a descrença na atual forma de manifestação da democracia e a inter-relação entre poder político, econômico, científico e midiático no espaço contemporâneo.

É possível dizer que essa narrativa de Saramago (2007), de certa maneira, capta o espírito da época na qual vivemos. Uma época na qual, como discute Moisés (2005; 2010) e Moisés & Meneguello (2013), os representantes políticos, as instituições e mesmo os mecanismos da democracia são vistos com desconfiança pela sociedade. A respeito do Brasil, Moisés (2005, p. 2) nos diz que

[...] as instituições democráticas são objeto de ampla e continuada desconfiança dos cidadãos brasileiros. Pesquisas recentes mostram que, apesar do apoio ao regime democrático *per se*, cerca de 2/3 dos brasileiros não confiam – em diferentes graus – em parlamentos, partidos, executivos, tribunais de justiça e serviços públicos de saúde, educação e segurança. *Surveys* realizados entre 1989 e 1993 revelaram que a percepção negativa das instituições atravessa todos os segmentos de renda, escolaridade, idade e distribuição ecológica, chegando a influir sobre a disposição dos cidadãos para participar de processos políticos, como a escolha de governos. (MOISÉS, 2005, p. 2 – grifos do autor).

Essa desconfiança na legitimidade do atual modelo de democracia e das instituições e agentes que dela fazem parte pode ser encapsulada na expressão crise de representação. Cabe salientar que alguns autores como Manin (1995) e Nogueira (2014), por acreditarem que essa crise de confiança na Democracia está antes relacionada com uma determinada forma de modelo de representação do que com a representação política em si, preferem falar, respectivamente em “metamorfose da representação” ou em “crise *na* representação”.

Para Nogueira (2014), são duas as razões para a eclosão dessa crise de/na representação: ineficiência das instâncias representativas e transformações de sociabilidade

pelas quais passa a sociedade capitalista contemporânea. Analisemos, sucintamente, ambos os fatores.

O filme *Tropa de Elite 2* (2010) dá a ver a atmosfera de corrupção e de violência que, de uma maneira geral, alicerçam a prática política materializada no Brasil. Nele, através dos olhos do personagem Nascimento, ex-oficial do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), vislumbramos a cotidianidade de práticas como desvio de dinheiro, suborno, nepotismo, sensacionalismo midiático, etc. Tendo em vista a altíssima bilheteria²² do longa-metragem, podemos dizer que o filme em questão capta bem o sentimento de descrédito que, de uma maneira geral, o brasileiro dá aos políticos, aos partidos e à política nacional.

Apesar de não estar nas primeiras posições no ranking dos países com maior percepção de corrupção²³, o Brasil ocupa uma posição bastante significativa quando comparado a outros países, sobretudo, os latino-americanos. De acordo com o último relatório da ONG Transparência Internacional (2014), o Brasil está situado na 69ª posição desse ranking, estando em pior colocação quando comparado, por exemplo, a Uruguai e a Chile; e, em muitíssimo pior colocação quando comparado à Dinamarca, Nova Zelândia e Finlândia, líderes do ranking. No entanto, para além e de certa maneira ao encontro dessas questões de viés relativamente mais objetivo, é pertinente dizer – tendo em vista a discussão de Gomes (2013) e de Peixoto (2014) – que no Brasil a mídia hegemônica, de uma maneira geral, cria uma atmosfera de excessiva corrupção em torno da política nacional, fomentando uma postura de absoluta desconfiança dos brasileiros em relação aos órgãos democráticos.

Em relação à segunda razão citada por Nogueira (2014), trazendo à baila as propostas de Castells (2000), podemos dizer que a forma de organização social contemporânea é a *sociedade em rede*. Esta que

[...] é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologia de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimentos acumulados nos nós dessas redes. (CASTELLS, 2000, p. 19).

²² Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/12/tropa-de-elite-2-e-maior-bilheteria-da-historia-no-brasil.html>>;

²³ O Índice de Percepção da Corrupção (Corruption Perceptions Index, ou CPI) é produzido anualmente desde 1995 pela ONG Transparência Internacional. Definindo corrupção como “o abuso do poder confiado para fins privados”, o índice foca na experiência de quem está envolvido com o setor público no dia a dia, medindo, num índice que vai de 0 (“Altamente corrupto”) a 100 (“muito limpo”), o grau em que a corrupção é percebida entre funcionários públicos e políticos. Disponível em: <<https://www.transparency.org/>>.

Ou seja, de acordo com o autor, sociedade em rede é um tipo de sociedade na qual as práticas sociais e as tecnologias da informação são elementos que se articulam intimamente na construção de modos de atuação econômica, de politização e de subjetivação. Suas características básicas estão relacionadas a formas de organização e de comportamento fluidas, descentralizadas, hipersocializadas, globalizadas, relativamente autônomas e bastante imbricadas com a tecnologia.

Em virtude dessas características, há uma radical mudança da maneira como as pessoas interagem no âmbito pessoal, econômico e político.

Em relação ao espaço pessoal, seguindo Castells (2000, p.23), podemos dizer que, para além da caricatura de solidão relacionada às interações digitais, os recursos tecnológicos da sociedade em rede (Redes sociais, chats, telefone móvel, etc) “fazem aumentar substancialmente a sociabilidade, particularmente, entre os grupos mais jovens da população”. Sobre o segundo campo, econômico, de acordo com Castells (2000), é possível dizer que as empresas funcionam de maneira mais flexível, há um crescimento do número de pequenas e médias empresas e um processo de descentralização geográfica das grandes corporações; não bastando isso, os empregos tornam-se mais flexíveis e a capacidade de trabalhar autonomamente se torna uma característica, corporativa e socialmente, bastante interessante.

No que se liga ao âmbito político, há um questionamento da forma como a mídia tradicional, em particular a hegemônica, gere o debate público e há um certo desconforto da população em relação à forma de organização, de certa maneira, excessivamente hierarquizada do Estado Moderno. Ainda segundo Castells (2000), a comunicação na sociedade em rede é definida por três grandes tendências: caráter global e local; sistema digitalizado e cada vez mais interativo; e expansão de redes horizontais de comunicação. Estas tendências acabam por gerar um desconforto dos indivíduos em relação aos grandes conglomerados midiáticos tradicionais e a um modelo democrático pouco direto. Possivelmente em razão disso, os indivíduos migram para a internet, em busca de canais de comunicação mais interativos e passam a questionar mais intensamente a forma de organização, de certa forma, excessivamente centralizada e verticalizada do Estado. Dessa maneira, um mal-estar se instala tanto na relação entre indivíduos e veículos midiáticos tradicionais quanto na relação entre indivíduos e Estado Moderno.

Essas transformações de sociabilidade no capitalismo contemporâneo articuladas com a desconfiança no modo de gerenciamento da máquina pública incentivam, como discute Castells (2013), o surgimento de atores, de acontecimentos e de movimentos sociais críticos de boa parte das formas de organização política institucionalmente estabelecidas, seja no Brasil, seja no Mundo. Como exemplo, podemos citar, respectivamente: os participantes dos protestos de 2013-2014 no Brasil, a Primavera árabe e os próprios *Black Bloc*, de quem, repito, falaremos mais pormenorizadamente na próxima subseção.

No livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, em determinado momento a garotinha Alice encontra, na floresta, uma lagarta, que lhe faz uma pergunta e com quem constrói o seguinte diálogo:

- Quem é você?[...] Alice Respondeu, meio encabulada: - Não estou bem certa, senhora... Quero dizer, nesse exato momento não sei quem sou... Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então... (CARROLL, 2009, p.55).

Mesmo escrito em 1865, através desse diálogo Carroll traz à tona uma característica fundamental de nossa época: o caráter instável e fluido da(s) identidade(s). De uma maneira geral, é possível dizer, trazendo à baila as propostas de Hall (2006), Giddens (1991; 2002) e Bauman (2005), que o sujeito da pós-modernidade²⁴ é um sujeito fragmentado, ambivalente, deslocado; um sujeito peremptoriamente em movimento e absolutamente diluído em diversas identidades. Podemos captar esse sujeito através dos versos da canção de Zeca Baleiro *Minha tribo sou eu*, na qual o enunciador nos diz “eu não sou cristão /eu não sou ateu /não sou japa não sou chicano não sou europeu /eu não sou negão eu não sou judeu /não sou do samba nem sou do rock /minha tribo sou eu”. Ou seja, nessa canção e na pós-modernidade, temos contato com um sujeito que rechaça as identidades tradicionais, fazendo um elogio do individualismo e se colocando, de certa maneira, em devir, em trânsito, dando-se a oportunidade de fazer parte de todas as identidades e ao mesmo tempo não fazer parte de nenhuma.

Tendo em vista essa mudança de paradigma é que podemos falar de crise de identidade. As razões que explicam essa crise, ou melhor, essa transformação do paradigma da identidade são, grosso modo, de dois níveis: sociológico e filosófico. O primeiro relacionado com a transição da sociedade moderna para a chamada sociedade pós-moderna; o segundo, relacionado à reviravolta linguístico-pragmática na Filosofia contemporânea.

²⁴ A ser explicado mais adiante.

Ao encontro de Guiddens (1991), é possível dizer que a modernidade é uma espécie de projeto societário que tinha como meio o conhecimento e como objetivo a organização e o controle do mundo. Uma de suas características básicas é a busca incessante por ordenamento e por domínio. Ainda de acordo com Guiddens (1991), a hegemonização do projeto moderno gerou várias consequências na esfera social, por exemplo: uma mudança radical da relação espaço-tempo, com um maior controle do tempo e a possibilidade de se deslocar por longos espaços em tempos reduzidos, o que Guiddens (1991) nomeia de *desencaixe*; *reflexividade*, isto é, na modernidade, as práticas sociais são “constantemente examinadas e reformuladas à luz da informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter.” (GUIDDENS, 1991, p.45).

A exacerbação dessas duas características, *desencaixe* e *reflexividade*, fez com que chegássemos a um período que é próximo da modernidade e, ao mesmo tempo, distante dela. A esse momento de intensificação das características da modernidade, Guiddens (1991; 2002) vai chamar de Modernidade Tardia; Bauman (2005), de Modernidade Líquida; e Hall (2006), de pós-modernidade. Dessa ampla discussão, para os fins deste trabalho, o que nos interessa saber é que a maior imbricação entre as dimensões local e global, a vida acelerada e a constante revisão das práticas sociais através de novos conhecimentos colaborou para que os indivíduos experimentassem certa fluidez identitária e certo senso de indeterminação, os quais, unidos, são elementos basilares da chamada crise de identidade.

No espaço filosófico, como explica Oliveira (1996), com a reviravolta linguístico-pragmática materializada através sobretudo das propostas de Austin (1990) e de Wittgenstein(1991), a identidade passou a ser vista não como um elemento aprioristicamente dado e determinado, mas sim como algo a ser construído através de nossas performances linguísticas. Nesse sentido, ser possuidor de uma dada identidade não é dar a ver uma essência, uma imagem além das palavras; mas sim assumir uma determinada posição no espaço social. Por consequência, de certa forma, é pertinente dizer que se troca a lógica do *ser* pela lógica do *estar*.

Essa crise de identidade explica o surgimento de alguns atores sociais e a presença de certas demandas no âmbito dos movimentos sociais contemporâneos. Em virtude desse caráter fluido de suas identidades e da estrutura, de certa forma, engessada e hierarquizada dos partidos políticos, os atores sociais, muitas vezes, não sentem que estes podem atuar como seus representantes legítimos; rechaçando-os, como se pôde ver, através de frases como “sem

partido” e “partido não nos representa”, bastante frequentes nos Protestos de 2013-2014 no Brasil. Outrossim, como discute Bauman (2005), o fundamentalismo também se liga à crise de identidade, uma vez que, os sujeitos, por não conseguirem achar uma segurança identitária em sua indeterminada vida social, apegam-se fortemente a certas doutrinas e dogmas com o intuito de reduzir a ambivalência e a desterritorialização às quais estão submetidos. O *Black Bloc* também guarda relação com a crise de identidade, na medida em que se mostra, como nos diz Solano (2014), um movimento fluido e em trânsito, formado, temporariamente, no espaço das manifestações. De acordo com a autora, não se *é Black Bloc*, mas sim se *está Black Bloc*.

Em resumo, o contemporâneo é marcado pelo signo das crises econômica, representacional e identitária. A presença dessas três crises acaba por gerar certo mal-estar no âmbito da vida em sociedade, influenciando o surgimento ou a transformação de atores, demandas e movimentos sociais. Um dos principais atores surgidos desse mal-estar contemporâneo é o *Black Bloc*, que será o assunto da próxima subseção deste capítulo.

3.2 O BLACK BLOC COMO SINTOMA/ESPECTRO DO LAÇO SOCIAL CONTEMPORÂNEO: CARACTERÍSTICAS E ORIGEM DOS MASCARADOS

No carnaval carioca de 2014, uma das canções que fez relativo sucesso foi a marchinha *Menina Black Bloc*, de Oswaldo G. Pereira. Através de sua letra, essa canção, de certa forma, mostra como o imaginário social apreendeu as ações do *Black Bloc* no espaço dos protestos de 2013. Vejamos, rapidamente, o que diz a composição:

Menina Black Bloc/Black Bloc Black Bloc/Eu vou botar na rua/Um batalhão de choque/Muita pimenta e bomba/De efeito imoral/Pra gente quebrar tudo/Nesse carnaval/Eu que vivia uma vida atrasada/Encalhada, sem transformação/Ela chegou revoltada/E deu uma pedrada/Na minha ilusão/Hoje eu não conto cascata/Nem fico querendo mamata/Jamais/E o nosso amor é feito uma cidade/De prosperidade e paz. (ONLINE, 2014).

Através de trechos como “Eu vou botar na rua um batalhão de choque”, “pra gente quebrar tudo” e “ela chegou revoltada e deu uma pedrada”; de certa forma, o enunciador, apesar do tom jocoso, dá a vê a maneira como o imaginário social brasileiro apreendeu o *Black Bloc*: uma forma de ação violenta, com certo quê de vandalismo e que se opõe à polícia.

Para além dessa, em certo sentido, caricatura, nessa subseção de nosso trabalho, discorreremos sobre as principais características, sobre as origens e sobre a relação sintomática/espectral entre *Black Bloc* e a atmosfera de crise na qual vivemos.

De acordo com Dupuis-Déri (2014, p.10):

Os Black Blocs são compostos por agrupamentos pontuais de indivíduos ou grupos de pessoas formadas durante uma marcha ou manifestação. A expressão designa uma forma específica de ação coletiva, uma tática que consiste em formar um bloco em movimento no qual as pessoas preservam seu anonimato, graças, em parte, às máscaras e roupas pretas. Embora os Black Blocs por vezes recorram à força para exprimir sua crítica radical, eles costumam se contentar em desfilar calmamente. O principal objetivo do Black Bloc é indicar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político. (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 10).

Ou seja, de acordo com o autor, *Black Bloc* não é um grupo organizado, mas sim uma forma específica de ação coletiva na qual as pessoas, com roupas e máscaras pretas, para preservar o anonimato, formam um bloco em movimento, visando realizar uma crítica radical do sistema econômico e político. As principais características do *Black Bloc* estão ligadas ao ataque de símbolos do capitalismo e do Estado, ao uso da violência espetáculo e à caracterização visual – máscaras negras – por eles utilizadas.

Uma das coisas que chamam a atenção nessa tática²⁵ é o caráter altamente teatral de suas ações. A despeito dos enfrentamentos com a polícia, que, de acordo com os adeptos da tática, são gerados, sobretudo, pela truculência policial²⁶, as ações do *Black Bloc* centram-se, sobremaneira, na dimensão simbólica, com o ataque a símbolos do capitalismo e do Estado: “Em princípio os Black Blocs não atacam centros comunitários, bibliotecas públicas ou mesmo pequenas empresas independentes. Seus ataques se concentram contra os símbolos das grandes corporações.” (Dupuis-Déri, 2014, p. 98).

De acordo com Solano (2014), no Brasil, o ataque a caixas de agências bancárias, a catracas de metrô e a vitrines de lojas de grife são maneiras de o *Black Bloc* mostrar seu descontentamento com o sistema econômico e com a política econômica – que, claramente, é favorável aos bancos²⁷ –, com o consumismo contemporâneo e com a baixa qualidade do

²⁵ Certeau (1980) objetiva pensar a relação entre os indivíduos e a cultura de massa. Para tanto, em sua proposta, reinventa dois conceitos oriundos do universo militar: estratégia e tática. Na discussão de Certeau, o primeiro, *grosso modo*, estaria relacionado a práticas relacionadas ao poder institucionalmente estabelecido, autoritário, espacialmente centralizado, que visa se perpetuar ao longo do tempo; já o segundo, tática, *grosso modo*, estaria ligado a práticas que buscam criticar o poder autoritário e institucional, questionando, através de um *modo operandi* espacial e socialmente fragmentário, as imposições sociais oriundas do poder centralizador da cultura de massa. Ou seja, a tática é um modo de ação pontual, fragmentaria, ligada a grupos minoritários e crítica do *status quo*; enquanto a estratégia é o oposto. Tendo em vista essa discussão, pode-se dizer, ao encontro de Dupuis-Déri (2014), que o Black Bloc é uma tática.

²⁶ Ver Solano (2014)

²⁷ “Mesmo diante da crise, lucro de bancos não para de crescer”. Enquanto a indústria recuou mais de 6% no primeiro semestre e o comércio registrou a maior queda nas vendas desde 2003, o lucro dos bancos bateu recordes. Somados, os ganhos dos quatro maiores bancos cresceram mais de 40% no primeiro semestre, na comparação com os primeiros seis meses de 2014. Disponível em:

transporte público no país²⁸. No entanto, mesmo sabendo disso, cabe a pergunta, será que não haveria uma maneira mais interessante de protestar, sem precisar violentar esses símbolos?

Para os *Black Blocs*, no espaço contemporâneo, que é regido pela lógica do espetáculo²⁹ e da *violência sistêmica*³⁰, há, sejam eles políticos ou sociais, um esvaziamento dos canais de comunicação, uma vez que as eleições políticas e mídia acabam sendo antes geridas por grandes grupos financeiros do que por uma, de certa forma, real vontade popular; além de terem seu funcionamento baseado, sobremaneira, na lógica do espetáculo. Com efeito, no âmbito de uma sociedade que, praticamente, só se move pela lógica da espetacularização, a única solução seria entrar nesse jogo. Daí o *Black Bloc* defender uma *violência espetáculo* como forma de intervenção social:

Os jovens defendem a tática Black Bloc como uma forma de manifestação que utiliza a ação direta, isto é, uma violência performática com a intenção de provocar uma reação social e institucional. A violência é considerada por eles uma forma de expressão, de diálogo, com um poder silencioso e alheio, que não atende as reivindicações feitas de forma pacífica. (SOLANO, 2014, p. 78)

Ou seja, os adeptos da tática *Black Bloc* procuram questionar o *modus operandi* do social utilizando a *violência performática* como forma de ação. Assim, destroem grandes símbolos do capitalismo como caixas de banco, *outdoors* de propagandas de grandes empresas, ao mesmo tempo em que procuram expor na mídia a violência policial e o autoritarismo do Estado. Importante salientar que essa *violência performática* difere da mera destruição ou raiva descontrolada na medida em que tem, antes de tudo, caráter simbólico. Assim, desse ponto de vista, o *Black Bloc* não é violento, mas sim teatral.

Outro elemento característico dos adeptos da tática *Black Bloc* e que vai ao encontro do caráter teatral e simbólico reivindicado pelo grupo é o uso de máscaras negras. De acordo com Solano (2014), que realizou um estudo etnográfico com os adeptos desse modo de manifestação, o uso das máscaras pretas está, acima de tudo, ligado com um

<<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2015/08/mesmo-diante-de-crise-lucro-dos-bancos-nao-para-de-crescer.html>>.

²⁸ “Cerca de 55% dos usuários de transporte coletivo estão insatisfeitos e consideram o serviço ‘ruim’, ‘muito ruim’ ou ‘regular’. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/politica/estudo-do-ipea-mostra-que-55-dos-usuarios-de-transporte-coletivo-estao-insatisfeitos-2774811#ixzz3lw78vRnb>>.

²⁹ Para Debord (1997), vivemos em uma sociedade do espetáculo, na qual as relações sociais são, sobretudo, medidas por imagem e inseridas no jogo do mercado. Isto é, para ele, a vida social no contemporâneo é regida por uma lógica da aparência, do consumo; de tal maneira que, até mesmo críticas ao *modus operandi* do social acabam se tornando mero entretenimento. Na sociedade do espetáculo, de certa forma, tudo vira mercadoria e entretenimento.

³⁰ Violência sistêmica ou objetiva é um conceito utilizado por Zizek (2014) para salientar o que, para ele, é um estado “normal” de desigualdade com o qual, de certa forma, nos acostumamos a conviver.

processo de homogeneização e de proteção individual. Ao colocar a máscara, o jovem, de certa forma, faz desaparecer sua individualidade, diluindo-se na coletividade do grupo e das reivindicações. Ademais, o uso da máscara teria o objetivo de dificultar a identificação pelos policiais. Com isso, os adeptos da tática, constroem uma identidade coletiva que se utiliza da violência contra os grandes símbolos de poder como forma de ação e dificultam a sua identificação individual pelos agentes do Estado e pela mídia.

Após entender o objetivo do *Black Bloc*, torna-se impossível escapar da pergunta: Por que utilizar a violência espetáculo como forma de reivindicação? De acordo com os próprios participantes, essa violência espetáculo/simbólica seria uma forma eficiente de protesto na medida em que os canais de diálogo convencionais, de acordo com eles, se mostram inúteis e ineficientes. Nas palavras de um manifestante citado por Solano (2014, p. 78):

Se não se faz violência, não se chama a atenção... Eles não enxergam nossa revolta. É só com violência que o governo escuta. Não sei, é como se fosse um *espetáculo*. Se a gente quer ser ouvido, vai ter que *jogar para o espetáculo*. É a única forma de provocar uma reação. Por isso fazemos a ação direta no centro da cidade, na avenida Paulista. Se fôssemos para a periferia ninguém escutaria, nenhum jornal ia junto. Aqui, assim, a gente chama a atenção. (SOLANO, 2014, p 78 – grifos nossos).

Dito de outra forma, os adeptos da tática *Black Bloc* não acreditam que, numa sociedade espetacularizada e estruturalmente violenta, os canais de comunicação tradicionais – assembleias, programas televisivos e debates – sejam eficientes para dar voz às suas reivindicações, uma vez que estas, em virtude da falta de cobertura midiática e da transformação da informação em mercadoria de consumo, no âmbito institucional, acabam por não ter repercussão. Assim, como forma de combater o silêncio ao qual estão relegados, utilizam-se da própria estratégia do espetáculo como forma de intervenção social. Com isso, transformam seus gestos de crítica ao capitalismo e à sociedade espetacularizada no próprio fenômeno que criticam.

As origens do *Black Bloc* podem ser investigadas, no mínimo, de duas formas; uma mais específica e outra mais geral. A primeira relacionada com o surgimento material da tática em terras germânicas e a segunda relacionada ao *Black Bloc* como sintoma do período de crise no qual vivemos. Vejamos cada uma delas.

De acordo com Dupuis-Déri (2014, p. 40), “a tática do Black Bloc foi empregada pela primeira vez no início dos anos 1980.”. Nesse contexto, inspirando-se na tradição

anarcopunk e inserindo-se no movimento “autonomista” em Berlim ocidental, manifestantes dos mais diferentes segmentos – ambientalistas, feministas, marxistas – buscaram criar uma forma de protesto que refletisse a demanda de autonomia pela qual lutavam. Por isso, organizaram-se a partir de um modo relativamente igualitário e horizontal, sem líderes ou representantes. Além disso, em virtude do enfrentamento com grupos neonazistas que perseguiram imigrantes e com policiais que protegiam usinas nucleares, passaram a utilizar trajes e elementos que, de alguma forma, os protegessem e/ou os ajudassem a ser defender: capacetes, escudos improvisados, bastões e projéteis. Pelo uso recorrente de preto e de máscaras, em algum momento dessa década, no qual essa tática de protesto se tornou popular, esses manifestantes começaram a ser chamados de *Black Blocs*.

Tornando-se frequente na Alemanha, a tática *Black Bloc* “se disseminou nos anos 1990, sobretudo através da contracultura *punk* e de extrema-esquerda ou ultra-esquerda, via fanzines, turnês de bandas *punks*, e contatos pessoais entre ativistas em viagens.” (DUPUIS-DÉRI, 2014, p. 50). Na América do Norte, ela chega em janeiro de 1991, durante manifestações de rua. No entanto, a tática alcança seu momento máximo de publicidade durante os protestos antiglobalização em Seattle, onde a mídia exibiu imagens do *Black Bloc* para todo o mundo, de certa forma, ajudando a difundir as características deste: roupas pretas, máscaras nos rostos e ataques contra alvos econômicos e políticos.

No Brasil, apesar de se terem feito presentes durante algumas manifestações ocorridas no ano 2000; o *Black Bloc* aparece de forma mais marcante nos Protestos de 2013. Como discute Solano (2014), em terras brasileiras, a tática mantém várias de suas diretrizes básicas – violência teatral contra alvos econômicos e políticos, uso de máscaras, etc – e, em virtude do contexto, acentua outra de suas características, como a defesa dos manifestantes em relação à polícia, mal preparada e por vezes truculenta, e o uso de mídia independente.

De uma maneira geral, trazendo à baila a discussão de Nobrega Júnior (2010), é pertinente dizer que a polícia brasileira não se adaptou ao regime democrático. Com forte caráter militar, resquício do período de ditadura (1964-1985), e com profissionais mal remunerados e despreparados para lidar com manifestações sociais; a polícia tem, muitas vezes, como característica central de suas ações: a truculência e o autoritarismo. Por conseguinte, acaba cometendo excessos repressivos durante os protestos, entrando, em razão disso, em conflito com os adeptos da tática *Black Bloc*. Além disso, sobretudo após a morte do cinegrafista Santiago Andrade, é possível dizer que houve um processo de

hipercriminalização do *Black Bloc*, dando margem a uma ação ainda mais truculenta da força policial em relação aos manifestantes que aderiram ao uso da tática. Não bastando isso, para o *Black Bloc*, “a polícia representa um monopólio da violência do estado considerado ilegítimo, abusivo” (SOLANO, 2014, p.117), sendo vista como uma adversária.

No Brasil, o *Black Bloc*, possivelmente em razão do caráter oligárquico da mídia hegemônica brasileira e dos amplos recursos tecnológicos socialmente disponíveis na segunda década do século XX, se fez bastante presente em veículos de *mídia radical*. De fato, multiplicam-se os *blogs* e perfis de *facebook* que têm como principal objetivo explicar e discutir as ações da tática.

Além dessa discussão de cunho mais específico sobre a origem do *Black Bloc*, é possível pensar o surgimento dessa tática de maneira mais ampla, como um sintoma das crises presentes no contemporâneo.

Zizek (1996; 2008), através de uma articulação das propostas de Lacan, Hegel e Marx, nos propõe uma reflexão em torno dos impasses de nossa época. De início, o autor nos diz que o que chamamos realidade é, em boa parte, uma ficção simbólica, na medida em que nossas experiências são em grande medida consequências das formas como utilizamos a linguagem. Essa simbolização passa, inescapavelmente, por um processo de desestruturação, uma vez que o núcleo *real* do antagonismo acaba por, inexoravelmente, gerar fraturas nessa ficção simbólica.

O conceito de real é central para a compreensão dessa discussão. De acordo com Reich (2013, p. 2), este “é o resto que excede o simbólico, é o próprio princípio da distorção da realidade, enfim é núcleo traumático oculto que não pode ser simbolizado, mas que não cessa de deixar sua marca traumática nos furos da realidade simbolizada.”. Isto é, o real do antagonismo é uma espécie de núcleo traumático que persiste na dimensão simbólica.

É importante salientar que esse real não é substância positiva não abarcada pelo processo de incorporação simbólica, mas sim um elemento *negativo*, dessubstancializado, que surge nos espaços do simbólico: “O real, em sua forma mais radical, tem de ser totalmente dessubstancializado. Ele não é uma coisa externa que resista a se deixar apanhar na rede simbólica, mas as fissuras dentro dessa própria rede simbólica.”. (ZIZEK, 2010, p. 91). Assim, buscar o real é não caçar essências que estão para além da significação, mas sim dar a

ver lacunas no campo simbólico, mostrando o vazio que se faz presente em uma determinada estrutura de significação.

Dessa relação inescapavelmente conflituosa entre realidade (simbólico) e real, surgem espectros/sintomas que dão a ver furos e fraturas na estrutura simbólica:

[...] o que vivenciamos como realidade não é a “própria coisa”, é sempre já simbolizado, constituído e estruturado por mecanismos simbólicos – e o problema reside no fato de que a simbolização, em última instância, sempre fracassa, jamais consegue “abarcá-lo” inteiramente o “real”, sempre implica uma dívida simbólica não quitada, não redimida. Esse “real” (a parte da realidade que permanece não simbolizada) retorna sob a forma de aparições espectrais [...] Dito de maneira simples, a realidade nunca é diretamente “ela mesma”; só se apresenta através de sua simbolização incompleta e falha. As aparições espectrais emergem justamente nessa lacuna que separa perenemente a realidade e o “real”, e em virtude da qual a realidade tem o caráter de uma ficção (simbólica): o espectro dá corpo àquilo que escapa à realidade – simbolicamente estruturada. (ZIZEK, 1996, p. 26).

Ainda de acordo com Zizek (2013), as coordenadas simbólicas hegemônicas de nossa época, de uma maneira geral, estão centradas em torno de algumas dicotomias: liberalismo econômico x controle de mercado (socialismo), democracia x totalitarismo, etc. Em virtude do caráter hegemônico dessas dicotomias, as crises que, de uma maneira geral, anunciam uma fratura no âmbito do modelo do universo político contemporâneo, foram incorporadas como sendo meros desvios de rota, meros acidentes no percurso da trilha em direção ao eldorado da pós-modernidade capitalista. Como discute Zizek (2013), de maneira geral, qualquer ideia política que se contraponha à democracia, imediatamente, é taxada de totalitária e qualquer alternativa ao modelo liberal de economia, rapidamente, é nomeada de socialista. Com efeito, através da instauração de um determinado universo de coordenadas simbólicas, impede-se o surgimento e mesmo a discussão de alternativas para os nossos modos de socialização, em particular, nos campos político e econômico.

Esse processo é tão efetivo que mesmo as produções ficcionais acabam por não conseguir ultrapassar esse horizonte. Por exemplo, basta perceber que, tendo em vista o número de produções cinematográficas apocalípticas dos últimos 10 anos, parece ser mais fácil pensar no fim do mundo do que no fim do capitalismo.

Essa imposição de coordenadas simbólicas/ideológicas acaba por gerar a aparição de determinados espectros ou sintomas que, como espécies de fraturas no laço simbólico, dão a ver o real do antagonismo social recalçado. O *Black Bloc* é um desses espectros/sintomas. Podemos dizer que a tática tem essa característica, antes de tudo, por seu caráter politicamente *negativo*, uma vez que, de uma maneira geral, como nos diz Dupuis-Deri (2014) e Solano

(2014), não advoga um programa político material a ser implantando, concentrando, sobremaneira, suas ações na recusa do universo econômico e político instaurado.

No que se refere à economia, o *Black Bloc* se concentra não na proposição de uma alternativa para o modelo capitalista, mas sim no questionamento deste. Como consequência disso, quebra, de alguma maneira, a ficção simbólica estruturada em torno da oposição capitalismo liberal x capitalismo de Estado, trazendo para nosso horizonte de debate, em alguma medida, uma discussão em torno de modelos de organização econômica para além do capitalismo.

No plano político, de maneira similar ao econômico, ao questionar o Estado e a democracia parlamentar, sem, no entanto, de certa forma, propor nenhum modelo de gerenciamento macropolítico alternativo, o *Black Bloc* acaba por também questionar a dicotomia entre Democracia e Totalitarismo, base, de acordo com Zizek (2013), das nossas coordenadas simbólicas contemporâneas.

Em razão de tudo isso, é possível dizer que o *Black Bloc* carrega consigo um ímpeto revolucionário, gerado não ou pelo menos não somente pelo que propõe, mas, sobretudo, por aquilo que nega. Se visto a partir desse ponto de vista, o *Black Bloc* pode nos ajudar a despertar do sonho/fantasia ideológica na qual estamos embrenhados, ajudando-nos, no mínimo, a pensar em outros modos de socialização possível. No entanto, pode ser que aconteça, como parece ser o caso aqui no Brasil, dos usuários da tática serem apreendidos apenas como um bando de baderneiros e de vândalos, tendo suas ações utilizadas não como substrato reflexão, mas apenas como pretexto para o endurecimento penal e manutenção do universo simbólico. Nesse momento, é que as reflexões e discussões por parte dos teóricos sociais e da linguagem e, em particular, dos responsáveis pela crítica da ideologia devem advir. Esse será o tema da próxima subseção de nosso trabalho.

3.3 CRÍTICA DA IDEOLOGIA NO CONTEMPORÂNEO: LER BAKHTIN/VOLOCHÍNOV COM ZIZEK

Para Eagleton (1997), Sloterdijk (2012), Safatle (2008) e Zizek (1996), a proposta de crítica da ideologia do Círculo de Bakhtin é insuficiente para pensar, de maneira profícua, os fenômenos ideológicos contemporâneos. Como já foi explicado no capítulo 2, Bakhtin/Volochínov (1998) centra sua proposta crítica nos desvelamentos da dimensão ideológica com a qual o signo e os enunciados são investidos e na assunção de uma postura

desmonologizadora por parte do analista em relação aos investimentos ideológicos presentes em um dado signo ou enunciado. Outrossim, é importante salientar que, dentro dessa perspectiva, o analista não ocupa nenhum lugar privilegiado em relação à ideologia, uma vez que a análise por ele realizada é também, inescapavelmente, um gesto ideológico. Para os autores citados no início desse parágrafo, esses três pontos que ancoram a proposta bakhtiniana mostram-se, para sustentar a feitura de uma crítica da ideologia no contemporâneo, no mínimo, problemáticos.

Em virtude do que Sloterdijk (2012) chamou de modo de funcionamento cínico do social contemporâneo, uma crítica da ideologia baseada na ideia de desvelamento torna-se pouco efetiva. Isto é, partindo da proposta de que vivemos em tempos cínicos³¹, nos quais os sujeitos sociais conhecem, muitas vezes, bem os pressupostos ideológicos que guiam suas ações mas não encontram ali razões suficientes para a assunção de uma postura distinta; uma crítica da ideologia que vise a tornar transparente o investimento ideológico dos enunciados torna-se inócua ou pouco produtiva. Nesse sentido, uma das ideias centrais da proposta de Bakhtin/Volochínov (1998), crítica como desvelamento, encontraria algumas dificuldades.

Safatle (2008), na esteira de Sloterdijk (2012), nos diz que o cinismo é categoria nuclear e organizadora dos campos do desejo, do trabalho e da linguagem contemporâneos, ou seja, é o conceito fulcral para entender o modo de racionalização das dimensões mais importantes do processo de interação social. Para que compreendamos isso, inicialmente, vejamos o que os autores estão chamando de cinismo e, logo após isso, discutamos a relação deste conceito com os campos supracitados, em particular, com a dimensão da linguagem.

Para Safatle (2008, p. 28), no nível linguístico, cinismo pode ser enquadrado no espaço do que ele chama de *atos de fala de duplo nível*, isto é, “atos de fala que tiram sua força performativa da distinção entre a literariedade do enunciado e o sentido presente no nível da enunciação.”. Ou seja, atos de fala que têm seus efeitos materializados em decorrência de certa contradição entre o sentido esperado do dizer e a maneira como o efeito de sentido, pragmaticamente, é manifestado. Para investigar esses tipos particulares de enunciados linguísticos, o autor propõe seis categorias: a má-fé, a hipocrisia, a metáfora, os atos de fala indiretos, a ironia e o cinismo.

³¹ O adjetivo “cínico” aqui utilizado está relacionado a uma concepção moderna de cinismo e não, como observa o próprio Sloterdijk (2012), a uma concepção clássica, na qual o modo de vida cínico era visto, pelo menos entre os defensores dessa perspectiva filosófica (escola de Sínope, Antístenes, Diógenes) como uma vida virtuosa, uma vida livre das imposições sociais e das convenções.

O cinismo, de maneira distinta de grande parte das outras categorias mencionadas, não está baseado em um paradigma da *insinceridade*, mas sim em um modo de funcionamento que se articula através de um determinado dizer do que se entende como verdade e que, anula, performaticamente os efeitos que dele se espera. Dito de outra forma, o cinismo pode ser visto como um ato de fala em que “a enunciação da verdade anula a força perlocucionária da própria enunciação”. (SAFATLE, 2008, p. 71). Por exemplo, um discurso que, alegando o combate aos inimigos da liberdade – terroristas, comunistas e/ou criminosos – legitima o rompimento com a própria ideia de liberdade, restringindo os direitos civis dos cidadãos: O Estado norte-americano no período pós 11 de setembro de 2001 e a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Sabendo dessa definição de cinismo, entendamos de que forma ela se manifesta nos campos do trabalho, do desejo e da linguagem. É importante salientar que nos concentraremos, sobremaneira, na discussão em torno do campo da linguagem, haja vista que nosso trabalho se centra na relação entre cinismo e certa falência da crítica.

No campo do desejo, o cinismo se manifesta através do esgotamento de um processo de socialização do desejo e de constituição de sexualidade com base na repreensão e no recalçamento. Assim, há uma tendência do *desejo* que não opera mais a partir da forma clássica do conflito, característica do recalçamento, mas constitui representações mentais de cunho paradoxal. Ou seja, é como se a morfologia do *desejo* presente na perversão tornasse-se hegemônica, na medida em que os sujeitos cada vez mais passam a “seguir as injunções da lei sem, com isso, produzir disposições de conduta normalmente conforme à lei”. (SAFATLE, 2008, p. 22).

No campo do trabalho, há um esgotamento da ética do trabalho e de seus postulados de ascetismo, repressão e estabilidade, fatores que geram certa fixidez identitária. Assim, há a formação de um novo espírito do capitalismo, no qual há o advento de uma forma de trabalho, teoricamente, capaz de realizar aspirações de autonomia, liberdade e criação. Dessa forma, acaba por ocorrer a dissolução de estruturas disciplinares como o Estado, a família, etc., que são substituídos por estruturas peculiares de controle, as quais normatizam a vida dos sujeitos: “Não mais instituições normativas próprias a uma sociedade disciplinar, mas dispositivos de controle que absorvem, no interior de sua própria dinâmica, a multiplicidade e a flexibilização”. (SAFATLE, p. 24). Ou seja, a liberalização atua como uma

forma de controle, acoplando-se “à plasticidade dos modos de ser disponibilizados pela forma-mercadoria.” (SAFATLE, p. 24).

No campo da linguagem, pode-se falar de cinismo como, retomando a nomeação de Sloterdijk (2012), uma *falsa consciência esclarecida* ou de *ideologia reflexiva*: “posições resultantes de um tempo que conhece muito bem os pressupostos ideológicos da ação, mas não encontra muita razão para reorientar a partir daí a conduta”. (SAFATLE, 2008, p. 68). A síntese desse modo de funcionamento da razão e da ideologia pode ser dada pela frase, paródica à de Marx: “eles sabem o que fazem e continuam a fazê-lo”. Nas palavras de Žižek (1996, p. 13)

O sujeito cínico tem perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, mas, apesar disso, continua a insistir na máscara. A fórmula, portanto, tal como proposta por Sloterdijk, seria: “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem” [e não a fórmula de Marx em *O Capital*: “disso eles não sabem, mas o fazem”]. A razão cínica já não é ingênua, mas é o paradoxo de uma falsa consciência esclarecida: sabe-se muito bem da falsidade, tem-se plena ciência de um determinado interesse oculto por trás de uma universalidade ideológica, mas, ainda assim, não se renuncia a ela. (ŽIZEK, 1996, p. 13)

Por exemplo, como nos explica Maior (2015), em 2012, o Estado brasileiro aprovou a Lei Geral da Copa, conjunto de normas jurídicas que dispõe sobre as medidas relativas à Copa do Mundo FIFA 2014 realizada no Brasil. Através dessas disposições, instalava-se, através de um mecanismo legal, um verdadeiro Estado de Exceção em nosso território, na medida em que a Lei Geral da Copa limita ou suspende várias normas jurídicas vigentes no ordenamento brasileiro. Como forma de ilustrar isso, podemos falar da questão da limitação ao direito do exercício de greve, que passa a ser ilegítimo no período que antecede e durante a realização da copa; além disso, podemos falar também da privatização do espaço público, que se deu através da monopolização por parte de comerciantes atrelados à FIFA de áreas que antes estavam destinadas aos comerciantes de uma maneira geral. Por mais que se soubesse que esse conjunto de normas de exceção estava sobremaneira atrelado aos interesses da FIFA e das grandes corporações econômicas, defendeu-se a legitimidade destas leis, alegando-se o benefício econômico e político que a Copa do Mundo traria para o Brasil. Ou seja, sabíamos do interesse “oculto” presente na Lei Geral da Copa, mas ainda assim não encontramos motivos fortes o suficiente para renunciar a ela.

Ao se compreender esse modo de funcionamento cínico do social contemporâneo, passa-se, no mínimo, a se desconfiar da efetividade de críticas da ideologia, que, à semelhança das propostas de Bakhtin/Volochínov (1998), são baseadas no desvelamento. Fato

que não nos autoriza a dizer que o ato de desvelamento ideológico perdeu total e completamente a eficiência e a legitimidade, mas sim que esta postura crítica advogada por Bakhtin/Volochínov (1998) necessita de um complemento.

O segundo alicerce da proposta de crítica da ideologia dos autores russos, postura desmonologizadora em relação ao signo e elogio da pluralidade de vozes sociais, em certo sentido, também se mostra insuficiente para pensar alguns fenômenos ideológicos. Sobre esse modo de crítica à ideologia, Eagleton (1997) nos diz que

Politicamente falando, essa é uma teoria latentemente libertária do sujeito, que tende a “demonizar” o próprio ato do fechamento semiótico e que celebra acriticamente a libertação eufórica das forças de produção linguística. Ocasionalmente trai uma suspeita anárquica pelo significado como tal e falsamente assume que o ‘fechamento’ sempre é contraproducente. Mas tal fechamento é um efeito provisório de qualquer semiose e pode ser capacitador em vez de repressor [...] se tal fechamento é politicamente positivo ou negativo depende do contexto discursivo e ideológico, e este modo de análise, em geral, tende a afoitamente a negligenciar o contexto discursivo em sua contemplação acadêmica esquerdista da linguagem como ‘texto’. (EAGLETON, 1997, p. 174).

Dito de outra forma, Eagleton (1997) questiona a ideia de que todo fechamento discursivo é algo necessariamente deletério. De acordo com ele, os estudos do discurso, de uma maneira geral, são tributários dessa postura, fato que geraria alguns impasses analíticos; por exemplo, a crítica a um discurso progressista que, por uma necessidade contextual, procura dar um caráter unitário a um signo. Por exemplo, o *Black Bloc*, em sua página no *facebook*, procura, de certa maneira, monologizar o signo de sua identidade, contrapondo-se, em particular, ao discurso da mídia hegemônica; ao fazer isso, podemos dizer que não se comporta de maneira interessante por monologizar o signo? Para bakhtinianos menos ortodoxos, que discutem o enunciado realmente no espaço das suas condições de enunciação, não, mas, para outros, que fazem uma leitura mais literal de Bakhtin/Volochínov (1998), ao dar certo caráter unitário ao signo, o *Black Bloc* se comporta de uma maneira, no mínimo, desinteressante.

Não bastando isso, para Eagleton (1997, p. 175), o capitalismo liberal se apropriou do discurso da multiplicidade, utilizando-o como um de seus fundamentos:

E as ideologias consumistas do capitalismo avançado, em que o sujeito é encorajado a viver provisoriamente, deslizar satisfeito de signo para signo, deliciar-se com a rica pluralidade de seus apetites e saborear-se como nada mais que uma função descentrada deles? É verdade que tudo isso prossegue dentro de uma ‘fechamento’ mais fundamental, determinado pelas exigências do próprio capital, mas expõe a ingenuidade da crença de que a ideologia sempre e em toda parte envolve

significantes fixados ou ‘transcendentais’, unidades imaginárias, fundamentos metafísicos e fins teleológicos. (EAGLETON, 1997, p. 175).

Ou seja, o capitalismo liberal não é refratário à ideia de descentramento, mas sim, em certo sentido, simpático a esta. Por consequência, uma crítica da ideologia que não se aproprie de maneira criteriosa da ideia de multiplicidade pode acabar se tornando, de certa maneira, ingênua frente à ideologia do capitalismo liberal.

Por fim, se entendermos ideologia como uma característica de qualquer enunciado, inclusive do enunciado que se pretende crítico da ideologia, de certa maneira, podemos dizer que hipostasiamos o conceito, tornando-o, do ponto de vista analítico, em certo sentido, antioperacional, haja vista que, se tudo é ideológico, é pertinente dizer que nada é ideológico. Como nos diz Eagleton (1997), “se for assim, então toda linguagem é ‘ideológica’, e a categoria ideologia, expandida até o ponto de ruptura, mais uma vez desmorona”. Além disso, dessa dimensão onipresente da ideologia, é possível questionar sua aceção homogeneizante, uma vez que todo discurso é visto como ideológico no mesmo grau:

A asserção ‘são cinco horas’ certamente envolve um tipo de interesse, já que se origina de um interesse particular de dividir a temporalidade e é própria de um contexto intersubjetivo (o de dizer a alguém que horas são) que nunca é inocente de autoridade. Mas é meramente perverso imaginar que tal elocução, na maioria das circunstâncias, é tão ‘interessada’ quanto declarar que às cinco horas todos os materialistas históricos devem ser lavados no sangue do cordeiro ou enfrentar a execução imediata. (EAGLETON, 1997, p. 178).

Ou seja, no âmbito da perspectiva bakhtiniana e discursiva de uma maneira geral, enunciados com forças claramente distintas são colocados dentro do mesmo plano. Essa atitude, como se pode ver através do que foi dito acima, gera algumas dificuldades analíticas.

Tendo em vista os três pontos de questionamentos levantados, por mais efetiva que seja nossa contra-argumentação em relação a eles, é pertinente dizer que a proposta de crítica da ideologia bakhtiniana encontra determinados limites para pensar a dinâmica ideológica contemporânea. Como formar de buscar superar esses impasses, nesse trabalho buscaremos articular as propostas de Bakhtin/Volochínov (1998) com as propostas de Žižek (1996). A nosso ver, através da conjugação das propostas dos autores, será possível achar uma possível solução para os problemas apontados.

Em seu trabalho, Žižek (1996) mostra-se crítico a uma noção de ideologia que ele nomeia, inspirando-se na dialética hegeliana, de *ideologia em-si-para-si*, isto é, um conceito

de ideologia que entende o fenômeno ideológico como algo a que estamos inextricavelmente atrelados. Para ele, dentro dessa perspectiva, parece haver a imposição de que

[...] a única postura não ideológica consiste em renunciar à noção mesma de realidade extra-ideológica, e em aceitar que tudo com que lidamos são ficções simbólicas, com uma pluralidade de universos discursivos, e nunca com a “realidade” (ZIZEK, 1996, p. 22).

De acordo com o pensador, essa postura não é interessante, haja vista que, como já foi argumentado traz algumas complicações do ponto de vista analítico; para o autor, do ponto de vista crítico-ideológico, é possível sustentar uma posição que mantenha a tensão entre ideologia e realidade. Nas palavras dele

Embora nenhuma linha demarcatória clara separe a ideologia e a realidade, embora a ideologia já esteja em ação em tudo que vivenciamos como ‘realidade’, devemos, ainda assim, sustentar a tensão que mantém viva a crítica da ideologia. [...] *A ideologia não é tudo; é possível assumir um lugar que nos permita manter distância em relação a ela, mas esse lugar de onde se pode denunciar a ideologia tem que permanecer vazio, não pode ser ocupado por nenhuma realidade positivamente determinada; no momento em que cedemos a essa tentação, voltamos à ideologia.* (ZIZEK, 1996, p. 23 – grifo nosso).

Isto é, o autor nos diz que é possível habitar, através da feitura de uma crítica de caráter *negativo*, um lugar no qual seja possível manter certa distância em relação à ideologia. Esse lugar desprovido de substância, Zizek chama de real do antagonismo, ou seja, uma espécie de núcleo negativo a partir do qual as ficções simbólicas (ideológicas) são estruturadas e que impede a realidade (social) objetiva de si constituir como um todo fechado em si mesmo.

O conceito de real do antagonismo e a relação deste com a dimensão simbólica já foram, de certa maneira, desenvolvidos na subseção anterior; em razão disso, prescindiremos de discutir esses tópicos nessa subseção. O que precisamos saber é que, do ponto de vista de Zizek (1996), para que o analista se veja em um lugar não ideológico é preciso que ele se mantenha fiel ao núcleo negativo das estruturas simbólicas, enfatizando as contradições e os silenciamentos através dos quais determinado discurso se estrutura e não simplesmente se opondo a um determinado projeto político ou modo de construção simbólica com qual não concorde.

Por exemplo, como será mostrado na análise, na reportagem *O bando do quebra-quebra, Veja*, de certa maneira, criminaliza o *Black Bloc*, retratando-o como um grupo de desordeiros e baderneiros. Como analistas, em um primeiro momento, sob pena de cairmos na ideologia, nosso papel não seria assumir uma posição em relação ao que *Veja* está dizendo,

discordando ou concordando com a revista, mas sim discutir através de que jogo linguístico-discursivo essa forma de investimento do objeto de discurso/signo *Black Bloc* se constrói, problematizando seus possíveis efeitos. Dessa maneira, manteríamos-nos, ao máximo, fiéis ao caráter não-todo do próprio signo, ocupando um lugar, de certa maneira, não-ideológico.

Essa fidelidade ao real do antagonismo também nos dá a possibilidade de hierarquizar determinadas construções ideológicas, uma vez que passamos a notar mais precisamente não a diferença presente em determinados discursos, mas sim a similitude destes. De fato, parece que há determinadas construções que se comportam, nos termos de Žižek (2008) (retomando Lacan), como espécies de “significante vazio” ou “significante mestre” dentro do jogo sociossimbólico contemporâneo, estruturando a própria possibilidade de diferença. Por exemplo, pela miríade de investimentos e de flutuações ideológicas a que está submetida e pelo caráter despótico que adquiriu como categoria política e simbólica, a democracia hoje pode ser vista como um significante-vazio/mestre:

[...] a democracia é um déspota flutuante. Ou seja, deste conceito se pode também dizer que é um significante despótico no discurso político contemporâneo: ocupa a quase totalidade do espaço ideológico e geográfico: de Cuba aos Estados Unidos, da ideia de democracia popular ao demo-liberalismo ocidental. Déspota, claro, no sentido em que parece ter eliminado a possibilidade de conceitos alternativos, sendo uma referência obrigatória que faria dele o fim da história das ideias políticas, como que uma palavra-passe que legitimaria automaticamente os detentores do saber e/ou do poder (CARUJO, 2009, p. 3).

Isto é, a despeito dos seus diversos investimentos ideológicos, ao nível simbólico parece impossível articular outra possibilidade de organização política legítima que não seja a democracia. Se acaso se tenta de alguma forma fazer isso, logo se é acusado de defender algum tipo de totalitarismo:

Se o sujeito demonstra uma inclinação mínima para se envolver em projetos políticos que visam desafiar seriamente a ordem existente, a resposta imediata é: ‘por mais benévolo que seja, isso vai necessariamente levar a um novo *gulag!*’. O retorno ‘à ética’ na filosofia política atual explora vergonhosamente os horrores do *gulag* ou do Holocausto como espectro definitivo para nos fazer renunciar a qualquer engajamento radical sério. Desse modo, os salafários liberais conformistas podem sentir uma satisfação hipócrita na defesa da ordem existente: eles sabem que existe corrupção, exploração etc., mas cada tentativa de mudar as coisas é considerada eticamente perigosa e inaceitável, porque ressuscita o fantasma do ‘totalitarismo’ (ŽIZEK, 2013, p. 9).

Ou seja, a democracia e, em particular, a oposição democracia x totalitarismo, hoje, atuam como espécies de ponto de basta do universo simbólico, agindo como fatores de unidade no espaço do jogo social. Por consequência, podemos dizer que a democracia e a oposição democracia x totalitarismo tornam-se uma espécie de superestrutura ideológica

responsável por alicerçar a própria possibilidade da divergência ideológica. Nesse sentido, sendo fiel ao real do antagonismo/incompletude do próprio ser, o papel do crítico da ideologia seria discutir como, às vezes, mesmo através da antítese ideológica, há certa unidade superestrutural.

Por fim, no que se refere à razão cínica, ao encontro de Safatle (2008), podemos dizer que não há uma proposta objetiva de como a crítica da ideologia deve lidar com esta. Apesar disso, é pertinente dizer que há certos procedimentos capazes de nos ajudar a lidar com este modo de funcionamento da ideologia. Um desses procedimentos, aventado por Žižek (1996), seria a ênfase nos fatores funcionais com respeito a alguma relação de dominação (“Poder”, “exploração”). Dito de outra forma, colocando em termos linguísticos, seria interessante dar atenção não somente ao aspecto semântico de um determinado investimento ideológico (o que está sendo dito), mas, sobremaneira, enfatizar os aspectos pragmáticos de um dado dizer (quais os efeitos de sentido gerados por esta determinada construção ideológica e que tipo de ação esse discurso justifica). Como forma de ilustração, vejamos o que nos diz Žižek (1996, p. 14):

Quando, por exemplo, uma potência ocidental intervém num país do Terceiro Mundo em decorrência de violações dos direitos humanos, pode ser perfeitamente “verdadeiro” que, nesse país, os direitos humanos mais elementares não têm sido respeitados, e que a intervenção ocidental irá efetivamente melhorar o quadro desses direitos. Mesmo assim, essa legitimação é “ideológica” na medida em que deixa de mencionar os verdadeiros motivos da intervenção (interesses econômicos etc). (ŽIŽEK, 1996, p. 14).

No exemplo dado pelo autor, por mais que possamos fazer ressalvas em relação ao uso do termo verdadeiro – em razão de seu caráter relacionado à intenção – interessante destacar os aspectos funcionais presentes na situação ilustrada. Do ponto de vista do crítico da ideologia, não basta apenas olhar como uma determinada prática é construída em termos discursivos, é importante também olhar quais as consequências, do ponto de vista prático, que determinado discurso gera. Nesse sentido, essa proposta é complementar a de Bakhtin/Volochínov por enfatizar esses aspectos funcionais de uma determinada construção ideológica.

Em resumo, como tentamos argumentar, a proposta de crítica da ideologia de cunho bakhtiniano enfrenta três problemas: o primeiro ligado ao paradigma do desvelamento ideológico; o segundo relacionado ao elogio da multiplicidade ideológica como um fator positivo por si mesmo; e o terceiro relacionado, a não hierarquização da ideologia. Como

forma de dirimir ou redescrever esses impasses, propomos a articulação desses princípios com as propostas de Žižek (1996; 2008; 2010; 2014). O primeiro ponto seria a fidelidade que o crítico da ideologia necessitaria ter com o real do antagonismo, buscando fazer uma crítica que antes de tudo inserisse certa *negatividade* no debate; com isso, poderia dizer-se em um lugar não-ideológico, argumentando que ocupar esta posição é algo possível. Outrossim, através dessa fidelidade ao *real* do antagonismo, de certa maneira, torna-se relativamente possível hierarquizar construções ideológicas, na medida em que passamos a atentar não somente para o investimento ideológico (em perspectiva bakhtniana) distintos, mas para o próprio horizonte simbólico que estrutura essa diferença (superestrutura ideológica). Por fim, como forma de crítica ao cinismo ideológico e à razão cínica (“eu sei, mas mesmo assim”), a leitura de Bakhtin/Volochínov (1998) conjugada com a de Žižek (1996), incentiva-nos a não somente dar atenção aos enunciados, aos signos e aos seus investimentos ideológicos, mas dar atenção, sobretudo, à funcionalidade destes, discutindo de que maneira práticas linguísticas justificam outras práticas materiais.

Após a discussão desses aspectos sociais e ideológicos, partamos para a metodologia e para a análise e discussão dos dados.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

4.1 DA NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa propõe-se descritiva e fundamenta-se no paradigma qualitativo, de cunho interpretativista, buscando, a partir de textos publicados pelas revistas *Veja*, *Carta Capital* e pela página do *Black Bloc* - RJ no *facebook*, representantes por nós elegidas da mídia hegemônica, da mídia contra-hegemônica e da mídia radical, analisar as estratégias linguísticas utilizadas na construção da identidade do *Black Bloc*, bem como discutir a dimensão ético-política relacionada a essas construções. É também considerada exploratória por levantar algumas hipóteses a partir de leituras tanto teóricas, quanto dos próprios textos que compõem o *corpus*, e que suscitaram em nós o desejo de realizar este trabalho.

Importante salientar que, em razão de nossos pressupostos teóricos e da linha de pesquisa à qual nos filiamos, Estudos Críticos da Linguagem, não partilhamos de uma visão de ciência pautada na ausência de politicidade. A nosso ver, a ciência está inserida na história, colaborando para a manutenção ou para a transformação das estruturas sociais e de relações de poder, sendo, em virtude disso, política. Apesar disso, cabe dizer que não realizamos aqui uma pesquisa meramente subjetiva e impressionista, pois, se nos arrogamos certa cientificidade e objetividade, é por acreditarmos que estas, sobremaneira, são frutos da “aplicação rigorosa e honesta dos métodos de investigação, que nos permite fazer análises que não se reduzem à reprodução antecipada das preferências ideológicas daqueles que as levam a cabo”. (LAGE, 2008, p. 51). Não bastando isso, como foi explicado na seção anterior, nosso compromisso com a dimensão *real* do antagonismo, núcleo *negativo* através do qual o jogo significativo é formado, faz-nos assumirmos, senão uma postura neutra, no mínimo, uma postura ideologicamente menos densa.

Em consequência do que foi dito, é pertinente dizer que, acima de tudo, nosso objetivo é discutir determinadas práticas sociais nas quais a linguagem é elemento central, produzindo e problematizando sentidos que possam ajudar a dar visibilidade a determinadas questões que julgamos importantes para a sociedade brasileira.

4.2 DO *CORPUS*: PROCEDIMENTOS DE COLETA E COMPOSIÇÃO

Para gerar o *corpus* dessa pesquisa – inicialmente, como visávamos analisar a construção da identidade do *Black Bloc* na mídia hegemônica, contra-hegemônica e radical no

espaço dos Protestos de 2013 – escolhemos veículos midiáticos que pudessem ser representativos dessas três instâncias. Tendo em vista a discussão de Peixoto (2014) e de Dias (2007), escolhemos, respectivamente, as revistas *Veja*, *Carta Capital* e a(s) página(s) de *Facebook* do *Black Bloc* - RJ³².

Peixoto (2014, p. 152) define mídia hegemônica como veículos de mídia que “têm alta média de circulação nacional, estão incorporados aos maiores conglomerados empresariais de comunicação do país e detêm poder de pauta jornalística”. Sabendo disso e recorrendo aos dados apurados pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revista) e ao IVC (Instituto Verificador de Comunicação) – que apurou como sendo a revista *Veja*, entre os anos de 2013-2014, a publicação semanal de maior circulação no Brasil³³ – elegemos, para nosso estudo, a revista *Veja* como representante da mídia hegemônica impressa.

Ainda para Peixoto (2014, p. 52), mídia contra-hegemônica é definida como sendo veículos de mídia que “têm baixa média de circulação nacional, possuem vínculos com médios e pequenos grupos empresariais de comunicação e assumem uma posição de contra-argumento às notícias pautadas pelos congêneres hegemônicos.”. (PEIXOTO, 2014, p. 52). Entre as publicações que têm essas características, destaca-se a revista *Carta Capital*, que, entre suas congêneres contra-hegemônicas – *Carta Maior* e *Caros Amigos* – é aquela que tem o índice de circulação mais alto, de acordo com a ANER (Associação Nacional de Editores de Revista) e com o IVC (Instituto Verificador de Comunicação), estando em 18º lugar no que se refere aos números de circulação³⁴. Em decorrência disso, optamos por eleger esta revista semanal como representante da mídia contra-hegemônica no espaço de nosso trabalho.

Dias (2007, p. 203) define mídia radical como instâncias midiáticas que “operam em torno de projetos não mercantis, pautando-se numa mistura de noticiabilidade, atualidade, informação (como no jornalismo padrão) e de engajamento (como no campo político)”. Na internet, sobretudo, na Rede Social *Facebook*, há muitas páginas com essas características. Ligadas ao *Black Bloc*, há inúmeras, como *Black Bloc* - CE, *Black Bloc* - Fortaleza, *Black Bloc* - Brasil e *Black Bloc* - RJ. Para nosso estudo, optamos por nos concentrar na página do *Black Bloc* - RJ, uma vez que esta é aquela que, no *Facebook* – além de ser uma das mais ativas, isto é, com maior frequência de postagem –, tem maior número de curtidas, o que lhe dá, de certa maneira, maior visibilidade.

³² Página do *Black Bloc* – RJ. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/?fref=ts>>;

³³ Disponível em: <<http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>>;

³⁴ Disponível em: <<http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>>.

Após a definição dos veículos midiáticos, delimitamos o horizonte temporal: de junho, início dos protestos, a dezembro de 2013. Após isso, visitamos os sites das revistas *Veja*³⁵, *Carta Capital*³⁶ e a página do *Black Bloc - RJ*, procurando todo vídeo, foto, reportagem, editorial e artigo, publicados nesse período, sobre o *Black Bloc*.

Após vermos e lermos alguns desses materiais, percebemos que só o tempo não seria critério suficiente para a seleção dos textos, porquanto, caso o fosse, o volume de informação seria enorme, impossibilitando a feitura do trabalho em exíguos dois anos de estudo, tempo do mestrado. Assim, optamos por trabalhar apenas com textos verbais escritos, os quais, de certa forma, por nossa área de formação, Letras, seriam mais operacionalizáveis. Com isso, escolhemos nos debruçar somente sobre reportagens, editoriais, textos de opinião e explicativos.

Mesmo com essa escolha, os dados ainda se avolumavam, deixando-nos angustiados e, paradoxalmente, ao mesmo tempo, ainda mais interessados. Dessa maneira, decidimos que mais um critério se faria necessário. Tendo isso em mente e recorrendo ao nosso objetivo e aos nossos pressupostos teóricos, decidimos analisar, no que se refere à mídia hegemônica e contra-hegemônica, as reportagens. Essa escolha se deu pelo fato de que, consoante Vilas Boas (1996), as reportagens, diferente dos artigos de opinião e do editorial, são textos mais pormenorizados, nos quais a dimensão informacional avulta. Já em relação à mídia radical, como, de uma maneira geral, não há reportagens sobre o *Black Bloc* na página dos adeptos da tática no *Facebook*, optamos pela seleção de textos de cunho explicativo, nos quais, à semelhança das reportagens, a questão informacional é central. Não obstante, as reportagens de *Veja*, de *Carta Capital* e o texto explicativo sobre o *Black Bloc* postados no *facebook* e selecionado por nós foram publicadas em épocas bastante próximas, elemento que favorecem a comparação das construções discursivo-identitárias realizadas pelas três instâncias midiáticas. A reportagem de *Veja* sobre o *Black Bloc* encontra-se na edição 2335 de 21 de Agosto de 2013 e se intitula *O bloco do quebra-quebra*³⁷; a reportagem de *Carta Capital*, encontra-se na edição 760 de 2 de Agosto de 2013 e se intitula *O Black Bloc está na rua*.³⁸; por fim, o texto do *Black Bloc - RJ* foi publicado em 6 de dezembro de 2013 e se chama *Black Bloc, questão de escolha*.

³⁵ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>;

³⁶ Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista>> ;

³⁷ Ver, por favor, anexo 1. A reportagem foi retirada do site da revista *Veja* (já mencionado);

³⁸ Ver, por favor, anexo 2. A reportagem foi retirada do site da revista *Carta Capital* (já mencionado).

Os procedimentos analíticos a serem utilizados para a feitura da análise foram discutidos a seguir.

4.3 DOS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nosso trabalho buscou articular a teoria da Referenciação com as propostas do Círculo de Bakhtin e de Žižek em relação ao signo, à ideologia e à crítica da ideologia. Dessa maneira, discutimos tanto a construção linguístico-ideológica do *Black Bloc* nos textos selecionados quanto a dimensão ético-política destes enunciados. Como forma de operacionalizar essa discussão, dividimos nossa análise em dois grandes momentos: linguístico e ideológico-crítico. Cabe ressaltar que essa separação se dá, unicamente, por fins didáticos, haja vista que, na análise propriamente dita, as duas dimensões se imiscuem e se imbricam.

Na prática, nossa análise se iniciou a partir da investigação da construção do objeto de discurso *Black Bloc*, no espaço dos textos selecionados. Assim, primeiramente, centramo-nos na materialidade textual, buscando descrever, no que se liga ao *Black Bloc*, as escolhas referenciais manipuladas ao longo do texto pelo sujeito enunciativo; tentando, com isso, compreender, interativamente, aonde nos levam as estradas argumentativas construídas pela progressão referencial materializada no texto. É importante salientar que, em virtude de nossa abordagem e ênfase, não nos concentramos na metalinguagem classificatória pressuposta por alguns estudiosos da Referenciação, fazendo uso desta tão somente quando acreditarmos que o uso técnico de um dado termo se faz necessário para compreender a dimensão argumentativa de uma dada nomeação e salientar a função possivelmente exercida por uma dada expressão referencial.

Após a análise dos textos, confrontamos os dados obtidos, comparando a identidade *Black Bloc* e, conseqüentemente, o investimento ideológico construído em cada um dos textos, buscando discutir de que maneira as vozes sociais presentes nesse investimento referencial/sígnico dialogam, sobrepuseram-se e articularam-se. Por fim, tendo em vista sobretudo a leitura conjugada de Bakhtin/Volochínov com Žižek, discutimos a relação das construções identitárias realizadas por essas instâncias midiáticas com o campo político-social brasileiro e mundial, interrogando-nos de que maneira estas representações articulam-se, mormente, com o estado de *violência objetiva* que subjaz o tecido social brasileiro.

4.4 ANÁLISE, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta subseção, à luz de nossas diretrizes metodológicas e da fundamentação teórica já por nós explanada, temos o objetivo de analisar, comparar e discutir a construção do objeto de discurso *Black Bloc* no espaço dos textos *O Bloco do quebra-quebra*, de *Veja*; *O Black Bloc está na rua*, de *Carta Capital*; e *Black Bloc, questão de escolha*, publicado na página de *Facebook* do *Black Bloc - RJ*. Em razão disso, a subseção foi dividida em três partes, cada uma voltada para um dos momentos de nosso objetivo. Antes de iniciarmos, três ressalvas/indicações fazem-se necessárias.

Primeiro, é importante salientar que, ao analisarmos os textos selecionados, tomamos por bases três tipos gerais de leitores: aqueles que possuem certo conhecimento a respeito do tema, aqueles que nada sabem sobre ele e aqueles que detêm um conhecimento reduzido, do tipo em que se diz “já ouvi falar, mas não sei bem do que se trata”.³⁹.

Segundo, os textos, na íntegra, encontram-se nos anexos, no entanto, com o intuito de fortalecer nossa argumentação e, ao mesmo tempo, tornar a leitura mais confortável para você, leitor; iremos reproduzi-los de forma segmentada ao longo deste capítulo, à medida que os formos analisando.

Terceiro, quando formos citar diretamente alguma passagem dos textos que estão sendo analisados, usaremos colchetes, por exemplo: [Com slogans anarquistas na cabeça e coquetéis molotov na mão]. Essa escolha se deve ao nosso objetivo de evitar o uso de aspas duplas, isto é, colocar aspas em trechos que já as contêm.

Dito isso, passemos à análise.

4.4.1 O Bloco do quebra-quebra

O texto que primeiro analisamos foi o de *Veja – O Bloco do quebra-quebra*. Em sua totalidade, este texto se propõe a explicar o que é o *Black Bloc*, quais as suas formas de comportamento e quais feições a tática assumiu no Brasil.

Para começar, analisemos o título e a chamada da reportagem de *Veja*:

³⁹ Esses perfis de leitores são, antes de tudo, possibilidades através das quais simularemos prováveis construções de sentido. Verdadeiramente, até agora nenhuma pesquisa de campo foi realizada para confirmar/refutar o que está sendo dito, trabalho que poderá ser feito posteriormente, em um futuro aprofundamento da discussão de nosso trabalho.

O BLOCO DO QUEBRA-QUEBRA

Com slogans anarquistas na cabeça e coquetéis molotov na mão os black blocs se espalham pelo Brasil e transformam protestos em arruaça. Jovens da periferia, punks e até universitárias de tênis Farm compõem o bando.

No título, através da expressão [O bloco do quebra-quebra], a depender da memória discursiva do leitor, temos introdução referencial ou anáfora. A primeira leitura se dá caso o leitor não tenha conhecimento prévio sobre o *Black Bloc*, isto é, nunca tenha ouvido falar deste; já a segunda, ocorre se o leitor já tiver, em sua memória discursiva, alguma informação relacionada ao uso da tática. Quando atentamos para o fato de que, articulada com o título e a chamada da reportagem, há a presença de uma fotografia⁴⁰ e para o fato de que os protestos de junho de 2013 receberam uma imensa cobertura televisiva desde o seu início em junho, mês no qual já aparecem adeptos da tática a que nos referimos; supomos que grande parte dos leitores já tenha em estado ativado ou semiativado, em sua cognição e memória discursiva, a referência *Black Bloc*. Daí pensarmos que a expressão referencial *O bloco do quebra-quebra* tenha, prioritariamente, características anafóricas.

Indo em direção aos aspectos funcionais, é pertinente dizer que a expressão referencial presente no título já tem caráter recategorizador e argumentativo. Essa afirmação se justifica pelo fato da nomeação [Bloco do quebra-quebra], de certa forma, salienta um caráter violento e baderneiro da tática, além do fato dessa expressão estabelecer dialogicamente, com o uso do termo [Bloco], uma articulação com a ideia de um corpo coletivo unificado (ideia básica de bloco; bloco de concreto, bloco de alguma coisa) e com o espaço sociocognitivo de Carnaval, evento que, de uma maneira geral, é visto pelo brasileiro como sendo marcado pelo prazer e, de certa forma, pela irresponsabilidade.

Saindo do título e caminhando para a chamada da reportagem, é possível dizer que o adjunto adverbial de modo [Com slogans anarquistas na cabeça e coquetéis molotov na mão] retoma, através de uma anáfora, seja com a memória discursiva do leitor, seja com o título, a referência do *Black Bloc*. Nessa retomada, o aspecto agressivo da tática é novamente salientado, haja vista que o relacionamento entre essa, o anarquismo e o uso de bombas é o que marca a expressão referencial utilizada. Ademais, com o uso dessas instâncias metonímicas, há, para o leitor que tiver acesso a esse saber, o estabelecimento de uma relação parodística com uma famosa frase do importante cineasta brasileiro Glauber Rocha: “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Ao parodiar essa frase-símbolo do chamado Cinema

⁴⁰ Ver Anexo 1.

Novo Brasileiro, o qual, de uma maneira geral, é visto como síntese de um pensamento crítico e independente da juventude dos anos 60-70; a expressão referencial, de certa forma, salienta o aspecto agressivo do *Black Bloc*, desqualificando-o, visto que o chamado grupo, em vez de câmeras na mão, carregaria coquetéis molotov e, em vez de ideias na cabeça, carregaria slogans anarquistas.

Continuando a progressão referencial do texto, temos agora a expressão [Os Black Blocs]. Esta pode ser vista, numa classificação tradicional, como uma anáfora encapsuladora, visto que retoma e sumariza o que foi dito tanto no título quanto no adjunto adverbial iniciador do texto. Através do uso dessa expressão, no plural e com a presença de artigo definido, e do anterior uso do termo [bloco], acreditamos que são construídos sentidos que não dão a ver, como defende Dupuis-Déri (2014) e Solano (2014), um caráter de tática do *Black Bloc*, dando a este um caráter de grupo, de movimento político organizado. Caso se torne ou seja adepto dessa construção, o leitor verá o *Black Bloc* não como uma tática de protesto, mas sim como um grupo ou movimento, passível de ser punido, por exemplo, pelo crime de formação de quadrilha.

Seguindo o texto, deparamo-nos com a expressão referencial [Jovens da periferia, punks e até universitárias de tênis Farm], que pode ser vista como uma anáfora, na medida em que se relaciona metonimicamente com a construção que vem sendo feita em torno do objeto discursivo [Os Black Blocs]. É importante salientar que cada um dos objetos metonímicos mencionados dialoga com a memória discursiva do leitor, gerando efeitos de sentido diversos. Ao usar o termo “jovens da periferia”, o enunciador pode fazer, sobretudo quando levamos em consideração o mal-estar que ronda a situação do mundo no que se refere às desigualdades sociais, com que o leitor acesse espaços discursivos-cognitivos relacionados à pobreza, à raiva e à revolta com a desigualdade. Ademais, com o uso do termo “punks”, dialógica e ideologicamente, o enunciador correlaciona a atmosfera cultural dessa cultura/movimento, pautada pela subversão e revolta, aos *Black Blocs*. Por fim, com o uso do termo “até universitárias de tênis Farm”, há a possibilidade da criação de sentido que relaciona o objeto discursivo [Os Black Blocs] com, diferentemente do esperado – articulação que se estabelece em decorrência do operador argumentativo “até” – jovens bens de vida e ricos que usam tênis de grife do tipo Farm, caríssimo para os padrões brasileiros.

Por fim, no final da chamada da reportagem, deparamo-nos com a anáfora encapsuladora [O bando]. Esta sumariza as informações presentes no sujeito sintático “Jovens

da periferia, punks e até universitárias de tênis Farm”. Neste processo de sumarização realizado pelo termo, há uma evidente recategorização dos *Black Blocs*, visto que, ao nomear estes de [bando], o enunciado ativa, na memória discursiva do leitor, sentidos relacionados a grupo criminoso, a quadrilha e a marginais. Por consequência, caso concorde com essa construção, o leitor reforçará ou passará a ver os adeptos da tática *Black Bloc* como um grupo de criminosos e de arruaceiros.

Seguindo no texto, discutamos os dois primeiros parágrafos:

No começo, quase ninguém notou a chegada deles. Em 20 de abril de 2001, o mesmo dia em que grupos anarquistas no Canadá protestavam contra a criação da Alca, em Quebec, na Avenida Paulista, em São Paulo, um bando de arruaceiros com o rosto coberto destruía a marretadas agências bancárias e uma loja do McDonald's. Era a primeira arruaça black bloc no Brasil.

Embora, àquela altura, pouca gente soubesse o que era isso, o bando de inspiração anarquista, defensor da “destruição consciente da propriedade privada” e autodeclarado inimigo do capitalismo, começava a se organizar no país. Hoje, os militantes, por assim dizer, não chegam a duas dezenas por aqui. É um grupo pequeno, mas que, engrossado por vândalos de ocasião, em algumas capitais tem transformado a baderna e a violência em assustadora rotina.

Através do pronome [deles], já no início do texto, os sentidos criados em torno do *Black Bloc* são, anaforicamente retomados e, cataforicamente, expandidos. Em relação à anáfora, podemos dizer que o termo [deles] retoma o que foi construído no título e na chamada da reportagem; no que se refere à catáfora, podemos dizer que o pronome aponta para o que será dito ao longo do parágrafo. Após introduzir o objeto de discurso [grupos anarquistas], falando das ações destes no Canadá, o enunciador, através da expressão referencial [um bando de arruaceiros com o rosto coberto] retoma o *Black Bloc*, dizendo-nos que este, concomitantemente às ações do grupo anarquista no Canadá, [destruía a marretadas agências bancárias e uma loja do McDonald's], no Brasil. Ao final do parágrafo, encapsula anaforicamente o que disse com a expressão [primeira arruaça Black Bloc no Brasil].

Em razão da correlação temporal presente no parágrafo e do que foi dito anteriormente na chamada da reportagem, o enunciador intensifica a relação já construída entre *Black Bloc* e anarquismo. Não bastando isso, ao se referir ao *Black Bloc* como [um bando de arruaceiros com o rosto coberto], ao utilizar o verbo [destruía] para nomear as ações dos usuários da tática e ao encapsular essa ação como [primeira arruaça Black Bloc no Brasil], o enunciador reforça o, de acordo com ele, caráter, já presente na chamada da reportagem, deletério e criminoso do *Black Bloc* para com a sociedade.

O segundo parágrafo é estruturado em torno da dicotomia entre tempo passado e tempo presente. O uso dos marcadores dêiticos [àquela altura] e [hoje], de certa maneira, dão a ver o estabelecimento dessa dualidade. Em ambas as situações, o *Black Bloc* se faz presente. De acordo com o enunciador, em 2001, no início de sua organização em território nacional e, no ano de 2013, como um grupo, apesar de pequeno, relativamente consolidado e estabelecido.

Um das coisas que mais chama a atenção nesse parágrafo é a construção apositiva na qual o *Black Bloc* é integrado. Após ter suas ações em 2001 retomadas através do anafórico encapsulador [isso], o *Black Bloc* é recategorizado e cumulativamente retratado como: [Bando de inspiração anarquista, defensor da “destruição consciente da propriedade privada” e autodeclarado inimigo do capitalismo]. Com uso do termo “bando de inspiração anarquista” novamente sentidos relacionados ao caráter criminoso da tática e à ligação desta com o anarquismo são reforçados. Esta última imbricação ainda mais intensificada através da pretensa retomada intertextual do dizer [“destruição consciente da propriedade privada”] e do [autodeclarado inimigo do capitalismo]. Com o uso dessas duas frases, tendo em vista as aspas e o uso do verbo [autodeclarado], o enunciador dá a entender que está convocando a voz do próprio *Black Bloc* para o espaço de seu texto, de tal maneira que, em certo sentido, afasta-se do que está sendo dito e coloca a responsabilidade dessa categorização sobre o *Black Bloc*. Com esse recurso intertextual, de certa maneira, o enunciador dá mais legitimidade ao que diz, criando um maior efeito de verdade para (re)categorizações que performatizou.

Interessante notar que, tendo em vista o que analisamos até agora, há um processo sistemático de construção discursiva negativa do ator político *Black Bloc*. Este, ao longo do texto, vai sendo progressiva e deletoriamente construído como um grupo de baderneiros, de criminosos e de anarquistas. Através desse processo, o enunciador do texto vai aos poucos investindo ideologicamente o referente/signo *Black Bloc* de maneira negativa, retratando, ao encontro de Zizek (2014), os adeptos da tática como agentes violentos (*violência subjetiva*), ao mesmo tempo que faz silêncio sobre o campo social *sistêmica ou objetivamente violento* no qual estes se inserem.

Ainda no segundo parágrafo, o enunciador retoma os *Black Blocs* através das expressões referenciais [os militantes] e [um grupo pequeno]. Através da primeira expressão, podemos dizer que um sentido de movimento politicamente organizado é dado aos adeptos da tática *Black Bloc*, haja vista que estes, no texto de *Veja*, são vistos não como adeptos de um

modo de ação, mas militantes de uma determinada causa, termo que é ironizado mais na frente através da expressão [por assim dizer], a qual desqualifica o suposto reconhecimento e tira do *Black Bloc* até mesmo o seu quê reivindicatório.

Em relação à expressão referencial [um grupo pequeno], esta se destaca, sobremaneira, pela predicação que recebe: [mas que, engrossado por vândalos de ocasião, em algumas capitais tem transformado a baderna e a violência em assustadora rotina]. Com a expressão referencial [um grupo pequeno], à primeira vista, parece que o enunciador está dando certo caráter irrelevante ao *Black Bloc*, dizendo-nos que este não é algo com que devamos nos preocupar; no entanto, ao usar o operador argumentativo⁴¹ “mas”, o texto quebra com essa expectativa, construindo o *Black Bloc* como um grupo que, mesmo pequeno, tem potencial para transformar [a baderna e a violência em assustadora rotina]. Nesse trecho, o que parece de início mitigar a periculosidade do *Black Bloc* – a quantidade de integrantes – acaba sendo usado, com uso do operador argumentativo “mas”, da oração reduzida de participípio [engrossado por vândalos de ocasião] e do predicado [a baderna e a violência em assustadora rotina], como elemento intensificador do caráter criminoso das ações realizadas pelo *Black Bloc*. Ademais, cabe acrescentar que é criada certa relação de proximidade entre *Black Bloc*, vândalos, baderna e violência.

Leiamos e analisemos os próximos quatro parágrafos do texto:

Na semana passada, os black blocs estiveram por trás de todas as manifestações violentas que explodiram no Rio de Janeiro e em São Paulo, com exceção da tentativa de invasão do Hospital Sírio-Libânes, esta uma obra de sindicalistas. Na quinta, no Rio de Janeiro, cerca de 200 mascarados depredaram agências bancárias, pontos de ônibus e arremessaram um banheiro químico no meio da rua.

A Avenida Rio Branco, uma das principais vias da cidade, ficou parada por quase sete horas. No dia anterior, em São Paulo, black blocs haviam queimado uma catraca, que levaram durante toda a manifestação como troféu. Na sequência, invadiram o prédio da Câmara Municipal e destruíram suas vidraças.

Por princípio herdado dos seus precursores europeus, muitos dos black blocs desprezam qualquer movimento político organizado, à direita ou à esquerda, o que inclui até os, atualmente em voga, Fora do Eixo e Mídia Ninja. Mas, ao menos no Brasil, o fato de saberem do que não gostam não quer dizer que saibam o que querem.

⁴¹ Embora não estejamos tomando a rica teoria da argumentação ducrotiana como referência de análise, em alguns momentos, convocaremos-na como um recurso para sofisticar nossa discussão. Em particular, em virtude da recorrência destes nos textos, faremos uso da discussão de Ducrot (1987) em relação aos operadores argumentativos, ou seja, mecanismos que nos indicam o modo como os argumentos dos enunciados são orientados.

Exemplo disso ocorreu durante a invasão da Câmara Municipal de São Paulo, quando um black bloc abordou aos berros o presidente da Casa. O petista José Américo: "O senhor é a favor da tarifa zero? Quem matou o Amarildo? Abriria mão do seu salário? É contra a Constituição?" Se os vândalos paulistas não conseguiram ainda eleger seu alvo, os do Rio já o fizeram. Há mais de um mês, Black blocs lideram um acampamento na porta da casa do governador Sérgio Cabral. Dentro de suas tendas, entre um baseado e um gole de vodca, exigem a renúncia do político.

O parágrafo iniciado pelo adjunto adverbial [na semana passada], faz uma relação entre o *Black Bloc* e as [manifestações violentas que explodiram no Rio de Janeiro e em São Paulo]. As expressões referenciais que retomam anaforicamente o *Black Bloc* nesse parágrafo são [os black blocs] e [200 mascarados]. Apesar da importância das próprias expressões referenciais para a (re)construção do objeto discursivo *Black Bloc* realizada nesse parágrafo, outros dois fatores se mostram fundamentais: as modalizações e o campo semântico-pragmático de alguns verbos e nomes utilizados.

Alguns verbos, substantivos e adjetivos utilizados ao longo do parágrafo para lexicalizar e qualificar as ações do *Black Bloc* e de, consoante ao texto, grupos similares (sindicalistas) caracterizam-se por culturalmente estarem inseridos num campo semântico relacionado à violência e à truculência: [violentas], [explodiram], [invasão], [depredaram] e [arremessaram]. Com essas nomeações, sobretudo quando o coloca em posição de agência, como em [200 mascarados depredaram [...] e arremessaram], o enunciador acaba por construir sentidos que integram o *Black Bloc* nesse espaço semântico de violência, reforçando, assim, o caráter criminoso das ações e dos adeptos da tática.

Em relação às modalizações, nesse trecho cabe salientar a maneira como o enunciador se relaciona com o conhecimento que julga ter, isto é, as modalizações epistêmicas. Em enunciados como [os black blocs estiveram por trás de todas as manifestações violentas] e [200 mascarados depredaram], notamos que o enunciador abre mão do uso de verbos ou expressões modais – “poder”, “parecer”, “possivelmente”, etc – dando um caráter de relativa certeza para aquilo que está dizendo. Assim, fala-nos sobre as ações do *Black Bloc* como se estas fossem uma constatação de coisas no mundo, uma verdade apenas a ser observada e enunciada. Essa forma de construção textual acaba por reforçar a integração do *Black Bloc* dentro do campo semântico de violência.

No parágrafo seguinte, o enunciador continua a nos falar sobre algumas ações e alvos do *Black Bloc*. Através da retomada anafórica realizada pela expressão [Black Blocs] e por uma elipse, fala-nos que estes [havam queimado uma catraca, que levaram durante toda a

manifestação como troféu]. Mesmo que em termos tradicionais essa anáfora fosse classificada como direta, no espaço do texto, essa classificação poderia ser vista como inadequada, uma vez que, em razão das predicções realizadas, o referente *Black Bloc* está sendo continuamente reconfigurado de tal forma que, mesmo que seja uma expressão referencial pronominal ou uma igual a anterior, o objeto de discurso em questão já sofreu transformações. Em termos funcionais, por conta da posição de agência do *Black Bloc* em relação à locução verbal [havam queimado] e da comparação da catraca a um [troféu], é novamente reforçada a relação do *Black Bloc* com violência e com desordem.

Ainda no quarto parágrafo, com a retomada elíptica do referente *Black Blocs* e do campo semântico dos verbos utilizados para falar das ações deste, o objeto de análise é novamente, de forma incisiva, relacionado à violência: [*Invadiram* o prédio da Câmara Municipal e *destruíram* suas vidraças] (grifo nosso). Se os verbos utilizados fossem, por exemplo, “ocuparam” e “quebraram”, possivelmente teríamos sentidos bem mais amenos. Além disso, neste parágrafo, temos uma construção do *Black Bloc* como oposto aos interesses da cidade, já que uma das principais avenidas desta [ficou parada por quase sete horas] por conta das ações do chamado “grupo”.

No quinto parágrafo, o texto nos fala do *Black Bloc* como ação política. Inicialmente, através da expressão referencial [Black Blocs], o enunciador do texto nos diz que estes [desprezam qualquer movimento político organizado, à direita ou à esquerda, o que inclui até os, atualmente em voga, Fora do Eixo e Mídia Ninja]. Com essa colocação, através da escolha verbal [desprezam] e do uso do operador argumentativo [até], o enunciador do texto, de certa maneira, constrói sentidos que retiram do *Black Bloc* qualquer objetivo político organizado e pontual, salientando o seu caráter de radicalidade e desprezo mesmo por chamados grupos de esquerda como Fora do Eixo e Mídia Ninja. Através disso, o enunciador, de certa maneira, silencia um possível caráter político do *Black Bloc*, induzindo-nos a ver este, tendo em vista o que já foi dito, como apenas um grupo de baderneiros violentos.

Ainda nesse parágrafo, através da retomada elíptica do referente *Black Bloc*, o enunciador do texto nos diz que [o fato de saberem do que não gostam não quer dizer que saibam o que querem]. Através dessa oração, há uma nova recategorização do objeto de discurso *Black Bloc*, na qual seu caráter de grupo sem objetivos políticos claros é reforçado. Após isso, o enunciador dá um exemplo no qual a figura de um político petista é convocada, de tal forma que cria certa relação entre a descrença do *Black Bloc* com a política e o Partido

dos Trabalhadores (PT). Após isso, o referente *Black Bloc* é anaforicamente retomado através da expressão [vândalos paulistanos], que colabora para a instauração novamente de sentidos que relacionam o *Black Bloc* à violência e à baderna.

Por fim, ainda nesse parágrafo, o objeto de discurso *Black Blocs* é recategorizado quando o enunciador nos diz que a frente carioca destes [dentro de suas tendas, entre um baseado e um gole de vodca, exigem a renúncia do político]. Nesse segmento, temos a construção de sentidos que relacionam o *Black Bloc* com certa postura hedonista [entre um baseado e um gole de vodca], postura que, tendo em vista um perfil de leitor mais conservador, constrói uma imagem bastante desinteressante dos adeptos da tática; de fato, é possível dizer que a referência ao baseado também retoma dialogicamente toda uma memória discursiva pulverizada de significados pejorativos em relação a quem consome maconha. Nesse sentido, é pertinente dizer que, com essas colocações, o texto reforça o quanto o *Black Bloc* é composto por um grupo de pessoas irresponsáveis e mimadas.

Dando continuidade à análise, vejamos os próximos parágrafos

Por trás dos lenços – pretos, na versão original; de qualquer cor que estiver à mão, na versão brasileira – estão principalmente moradores de periferia. Mas punks e egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST, engrossam as fileiras do bando. Nessa combinação, a adesão dos primeiros – com suas calças justas e coturnos de cadarços pretos, vermelhos ou amarelos (os brancos são abominados pela associação com os inimigos neonazistas – contribuiu para aumentar o grau de violência do grupo e levar para dentro dele outros elementos deletérios, como vinho barato e cocaína. Em São Paulo, completam a babel social estudantes de universidades como USP, PUC e Faap. Na semana passada, uma aluna de ciências sociais da USP engrossava o bloco do quebra-quebra calçando tênis da grife Farm, em média 250 reais o par. “É ótimo para manifestações”, justificava.

Na capital paulista, essa turma heterogênea se reúne em uma casa na Zona Oeste, em festas regadas a cerveja e ao som de cumbia – ritmo nascido na periferia de Buenos Aires. Ao final, assistem a filmes como *Brad*, *Uma Noite Mais nas Barricadas*, uma ode ao produtor de vídeo americano morto por um grupo paramilitar durante uma manifestação no México.

No primeiro dos dois parágrafos, são trazidos à tona os sujeitos sociais que compõem o *Black Bloc*. De início, através de uma anáfora manifestada elipticamente, o objeto discursivo [Black Bloc] é retomado e recategorizado como sendo composto prioritariamente por moradores de periferia: [na versão brasileira – estão principalmente moradores de periferia]. Após isso, através da expressão referencial [do bando], é dito que o *Black Bloc* também é formado por [punks e egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST]. Após a apresentação desses três sujeitos sociais que compõem o *Black Bloc*, o referente [punks] é desenvolvido e mais diretamente relacionado com o *Black Bloc*. De acordo com o

texto, dos punks, o Black herdou a violência, o vinho barato e a cocaína, elementos que no texto são avaliados como [deletérios]. Em seguida, retomando o referente *Black Bloc* através da expressão referencial [babel social], o enunciador nos diz que o *Black Bloc* é também composto por [estudantes de universidades como USP, PUC e Faap]. Ao final do parágrafo, o enunciador, através do desenvolvimento de certa relação metonímica com o que foi dito no período anterior, relaciona o objeto discursivo *Black Bloc* com uma universitária que usa [tênis da grife Farm], bastante caro para os padrões brasileiros.

Em termos funcionais, podemos dizer que esse parágrafo salienta o caráter politicamente danoso e irresponsável do *Black Bloc*. Tendo em vista a maneira como o objeto discursivo [punks] foi construído, ao relacioná-lo com o *Black Bloc*, o enunciador do texto acaba por reforçar o caráter violento e hedonísticos anteriormente relacionados com o referente [Black Bloc]; não bastante isso, essa ideia de violência e de agressividade é também reforçada através da memória social que o termo [punk] retoma, isto é, de jovens musical e socialmente agressivos, imbuídos de ideias anarquistas e revolucionárias. Além disso, ao ligar o *Black Bloc* a estudantes com tênis caros, o enunciador estabelece uma conexão entre os chamados integrantes deste e estudantes mimados que encaram a forma de protesto do *Black Bloc* como um passatempo ou diversão. Esse caráter violento e politicamente irresponsável é reforçado também pelo uso da expressão referencial [Babel social], a qual ainda não havia aparecido no texto. Esta pode, tendo em vista a memória discursiva do leitor, ligar dialogicamente o *Black Bloc* a sentidos relacionados à confusão, à desorganização e a total impossibilidade de comunicação, uma vez que o episódio bíblico da torre de Babel – que, de certa forma, pode ser resumida como humanos que decidiram desafiar a Deus e por isso passaram a falar línguas diferentes – está culturalmente relacionada a isso.

No parágrafo seguinte, são discutidas algumas atividades do *Black Bloc* e alguns de suas preferências culturais. Através da expressão definida [essa turma heterogênea] e do predicado que a acompanha, o *Black Bloc* é retomado e novamente relacionado com práticas festivas e hedonísticas: [essa turma heterogênea se reúne em uma casa na Zona Oeste, em festas regadas a cerveja e ao som de cumbia – ritmo nascido na periferia de Buenos Aires]. Outrossim, o objeto discursivo *Black Bloc* é relacionado com o elemento intertextual e cinematográfico [*Brad, Uma Noite Mais nas Barricadas*], o qual é categorizado como sendo [uma ode ao produtor de vídeo americano morto por um grupo paramilitar durante uma manifestação no México]. Através disso, de certa maneira, é construída uma relação de aproximação e de semelhança entre o *Black Bloc* e grupos revolucionários e radicais.

Vejamos o próximo parágrafo do texto:

No Brasil, os primeiros integrantes dos black blocs viviam nos moldes das antigas comunidades hippies, em bairros como Perus, na Zona Norte de São Paulo. Politizados e interessados por história, liam livros como *Manual do Guerrilheiro Urbano*, de Carlos Marighella, e *The Black Bloc Papas*, que conta o histórico do bando. Ele surgiu nos anos 80, na Alemanha da Guerra Fria sacudida por protestos antinucleares. Naquele tempo, os black blocs diziam ter um objetivo diferente do atual: o de servir de “escudo humano” para os manifestantes que desafiavam a polícia e apanhavam dela. Mas o contexto mudou. No fim da década de 90, com o Muro de Berlim despedaçado, o marxismo em baixa e o anarquismo em alta, os black blocs aterrissaram nos Estados Unidos e no Canadá com bandeiras já enegrecidas e gritos bem mais radicais: pela destruição das propriedades, do governo e das empresas privadas. McDonald’s e Starbucks viraram inicialmente os alvos preferenciais da turma – e até hoje não escapam ilesas de nenhum protesto em que haja um mascarado. Em 2011, os black blocs participaram do Occupy Wall Street, em Nova York. A violência do grupo assustou os manifestantes comuns e serviu para abreviar o movimento – o mesmo processo que pode ter acontecido com as manifestações que começaram em junho no Brasil. Por aqui, a tática usada pelo grupo nos últimos anos obedece ao padrão de ação dos precursores europeus e americanos. Em turmas de cerca de 100 pessoas os black blocs assumem a linha de frente dos protestos, a pretexto de compor uma barreira entre os manifestantes e os policiais. De braços cruzados, movem-se como uma massa uniforme em direção às barreiras de segurança. Quando a polícia se aproxima, emitem em coro e de forma ritmada grunhidos semelhantes a um grito tribal. Nesse momento, alguns membros lançam morteiros, coquetéis molotov e pedras com estilingues. O objetivo é provocar a polícia. Quando ela reage, eles se dividem: uma turma parte para cima e a outra foge para pichar muros, atear fogo em latões de lixo e destruir estabelecimentos, preferencialmente bancos, concessionárias de carros, lanchonetes de cadeia e tudo o que considerarem “símbolos do capitalismo”. Placas de sinalização viram armas e orelhões, escudos. Na cartilha apreendida pelo delegado Marco Duarte de Souza, da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, um grupo de black blocs descreve seus alvos: “bancos, grandes empresas e a imprensa mentirosa”. Devem ser evitadas, segundo o texto, depredações de “carros particulares e pequenos comércios”. Os black blocs acham isso muito bonito e nobre – orgulham-se de dizer que não praticam o que chamam de “vandalismo arbitrário”.

O parágrafo em questão tematiza tanto a origem do *Black Bloc* quanto a ação destes nos protestos brasileiros. De início, o objeto discursivo *Black Bloc* é relacionado com hippies e com as obras [*Manual do Guerrilheiro Urbano*, de Carlos Marighella] e [*The Black Bloc Papas*]. A primeira relação, *Black Bloc* e hippies, de certa forma, reforça o caráter hedonístico do *Black Bloc*; enquanto a segunda, reforça o caráter violento dos adeptos da tática, identificando-os com práticas de guerrilha urbana e com o militante Carlos Marighella. Após isso, o enunciador nos fala sobre a origem do *Black Bloc*, dizendo-nos que este surgiu na Alemanha em meados dos anos 80. Através da marcação dêitica [naquele tempo], constrói uma relação de oposição entre o referente [Black Bloc] e a [polícia]: [os black blocs diziam ter um objetivo diferente do atual: o de servir de “escudo humano” para os manifestantes que desafiavam a polícia e apanhavam dela.] Cabe salientar que, para *Veja*, no contexto da Alemanha dos anos 80, essa oposição não parece ser vislumbrada de maneira negativa, mas sim como algo pertinente, tendo em vista a ação violenta da polícia.

Em um segundo momento do parágrafo, ainda sobre a origem do *Black Bloc*, o enunciador, relacionando este com o recrudescimento do anarquismo e a decadência do marxismo, diz-no que o contexto dos adeptos da tática mudou e que, quando o *Black Bloc* chegou aos Estados Unidos e ao Canadá, sua bandeira estava enegrecida e os gritos bem mais radicais [os black blocs aterrissaram nos Estados Unidos e no Canadá com bandeiras já enegrecidas e gritos bem mais radicais: pela destruição das propriedades, do governo e das empresas privadas.].

Após essa discussão a respeito de questões históricas, um novo referente é inserido no texto: O movimento [Occupy Wall Street]. De acordo com o enunciador, o caráter breve deste se deu em virtude da presença da violência do *Black Bloc*, o qual é retomado anaforicamente pela expressão [grupo]: [A violência do grupo assustou os manifestantes comuns e serviu para abreviar o movimento.] Esse enunciado cria uma relação de oposição entre *Black Bloc* e manifestantes comuns, colocando-os em, de certa forma, lados opostos, além disso, cria um laço entre o que aconteceu no movimento Occupy Wall Street e o que estaria acontecendo aqui no Brasil, ao dizer que [– o mesmo processo que pode ter acontecido com as manifestações que começaram em junho no Brasil.].

Através da marcação dêitica realizada pela expressão [Por aqui], o enunciador começa a discorrer e a descrever as ações do *Black Bloc* no Brasil. Com expressões que constroem os adeptos da tática como uma espécie de grupo tribal e que colocam estes em oposição à polícia: [Quando a polícia se aproxima, emitem em coro e de forma ritmada grunhidos semelhantes a um grito tribal. [...] O objetivo é provocar a polícia.]. Além disso, o caráter violento e baderneiro do *Black Bloc* também é reforçado: [uma turma parte para cima e a outra foge para pichar muros, atear fogo em latões de lixo e destruir estabelecimentos [...] lanchonetes de cadeia e tudo o que considerarem ‘símbolos do capitalismo’]. Por fim, se utilizando do recurso intertextual das citações indiretas, o discurso de violência simbólica-violência física praticada contra símbolos do capitalismo – utilizado pela tática é desautorizado e, de certa maneira, ironizado

Na cartilha apreendida pelo delegado Marco Duarte de Souza, da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, um grupo de black blocs descreve seus alvos: “bancos, grandes empresas e a imprensa mentirosa”. Devem ser evitadas, segundo o texto, depredações de “carros particulares e pequenos comércios”, Os black blocs acham isso muito bonito e nobre – orgulham-se de dizer que não praticam o que chamam de “vandalismo arbitrário”.

Analisemos os dois parágrafo que seguem:

Para eles e seus admiradores confessos – entre os quais professores universitários pagos com dinheiro público -, destruir uma agência bancária a marretadas ou golpes de extintor de incêndio não é vandalismo, mas uma “ação simbólica”, que, inserida na “estética da violência”, simularia a “ruína do capitalismo”. Embora haja uma definição mais precisa para isso – e ela pode ser resumida na palavra crime -, quase nenhum black bloc esta preso hoje no país.

Em dois meses de manifestações, mais de 200 agências bancárias foram depredadas, o que causou um prejuízo superior a 100 milhões de reais. No comércio, foi de 38 milhões de reais. Em São Paulo, o governo e a prefeitura gastaram até agora 350000 reais para consertar vidraças das estações de metrô destruídas, placas de rua e pontos de ônibus. No Rio de Janeiro, o prejuízo superou 1,5 milhão de reais. Com toda essa destruição por que não há vândalos presos? Para que uma pessoa tenha a prisão cautelar ou preventiva decretada nos flagrantes de vandalismo, é necessário comprovar que, solta, representaria risco à ordem pública. Essa decisão tem de partir de um juiz, que, para tomá-la, precisaria estar amparado numa investigação policial-que até hoje não foi feita, ao menos de forma sistemática.

No primeiro parágrafo, o texto discute e qualifica as ações do *Black Bloc*. No início, após o referente [Black Bloc] ser retomado pela expressão referencial [eles], através de citações, o enunciador traz à tona a forma como, de acordo com ele, o universo acadêmico e os próprios *Black Bloc* entendem suas ações [destruir uma agência bancária a marretadas ou golpes de extintor de incêndio não é vandalismo, mas uma “ação simbólica”, que, inserida na “estética da violência”, simularia a “ruína do capitalismo”]. Esse discurso imputado ao *Black Bloc* e a alguns professores universitários é retomado e desqualificado através da anáfora encapsulada [crime], a qual retoma e recategoriza as ações do *Black Bloc*.

No parágrafo seguinte, são discutidos os prejuízos gerados pelas ações do *Black Bloc* e são cobradas ações mais enérgicas por parte da justiça e da política em relação aos adeptos da tática. “mais de 200 agências bancárias foram depredadas, o que causou um prejuízo superior a 100 milhões de reais. No comércio, foi de 38 milhões de reais. [...] Com toda essa destruição por que não há vândalos presos?”. Sentidos que reforçam o caráter violento e pernicioso do *Black Bloc* são reforçados através da expressão referencial [vândalos], a qual, de certa maneira, intensifica o caráter de destruição relacionado à tática. Por fim, no final do parágrafo, o enunciador cobra a instalação de uma investigação para apurar esses acontecimentos: [Essa decisão tem de partir de um juiz, que, para tomá-la, precisaria estar amparado numa investigação policial – que até hoje não foi feita, ao menos de forma sistemática.].

Vejamos os dois últimos parágrafos do texto:

Outra opção seria enquadrar os arruaceiros pelo crime de formação de quadrilha, além de dano ao patrimônio. Ocorre que, também nesse caso, é necessário haver

uma investigação prévia que comprove que as pessoas se juntaram de modo estável e contínuo para cometer os delitos.

O anarquismo, do qual derivam os black blocs, prega a organização da vida em sociedade fora da moldura do estado, segundo creem, a fonte de todos os males. Os black blocs, no entanto, assimilam apenas o subproduto desse ideário: a improvisação, a baderna e a tolerância para com certos crimes. Tudo aquilo de que o Brasil está louco para se livrar. A contar pela intensidade da ação policial e da disposição do grupo, inversamente proporcionais, isso não ocorrerá tão cedo. Integrantes dos black blocs já anunciaram que o pior ainda está por vir – e deram até a data, 7 de setembro, quando estão previstas, em dezenas de cidades brasileiras, manifestações de nome preciso e autoexplicativo: Badernaço.

No penúltimo parágrafo, são, de certa forma, tematizados aspectos jurídicos relacionados às ações do *Black Bloc*, que é retomado pela expressão referencial anafórica [os arruaceiros]. Esta nomeação, de certa maneira, reforça sentidos que ligam as atitudes do *Black Bloc* às ações de desordeiros e de vândalos, salientando o caráter pernicioso da tática. No que se refere aos aspectos propriamente jurídicos, o enunciador procura enquadrar o *Black Bloc* nos crimes de formação de quadrilha e de dano ao patrimônio: [Outra opção seria enquadrar os arruaceiros pelo crime de formação de quadrilha, além de dano ao patrimônio.].

No último parágrafo, o enunciador, além de novamente discutir as ações e os valores do *Black Bloc*, salienta o caráter violento da tática, novamente exigindo ações por parte das autoridades. Nos primeiros momentos do parágrafo, o enunciador recategoriza o objeto discursivo *Black Bloc* dizendo que este assimila apenas o subproduto do ideário anarquista: [a improvisação, a baderna e a tolerância para com certos crimes]. Em seguida, de certa forma, sugere que a polícia deveria ter atitudes mais enérgicas ao dizer que [a contar pela intensidade da ação policial e da disposição do grupo, inversamente proporcionais, isso não ocorrerá tão cedo.]. Por fim, salienta o caráter de violência e vandalismo do *Black Bloc* ao dizer que ações destes irão piorar e que, no dia 7 de setembro, do referido ano, eles realizarão um protesto de nome [Badernaço].

Em resumo, no texto de *Veja*, o *Black Bloc* é construído como um grupo violento, desorganizado e até mesmo tribal de arruaceiros e de baderneiros com tendência anarquista. Para o enunciador, o denominado grupo é composto, sobretudo, por punks, por moradores de periferia e por (ex-) militantes de “movimentos sociais decadentes”, como o MST. De acordo com ele, os integrantes do *Black Bloc*, além de promoverem festas regadas a cerveja e a leitura de livros de teor anarquista e proto-revolucionário, caracterizam-se por certo hedonismo e irresponsabilidade, não tendo nenhum real compromisso político. De acordo com ele, o surgimento do grupo se deu em meados dos anos 80 na Alemanha, no contexto de

protestos anti-nucleares, tendo nesse momento primordialmente o objetivo de servir de escudo humano para os manifestantes; posteriormente, o modo de ação do grupo emigra para os Estados Unidos, onde ocorre uma radicalização das propostas políticas e uma maior ênfase no uso de estratégias violentas. Contemporaneamente, no Brasil, além de se mostrarem um risco à ordem pública, já deram bastante prejuízo, ainda não sendo presos em virtude da defesa que fazem deles alguns professores universitários e em virtude da leniência e da incompetência do Governo.

4.4.2 O Black Bloc está na rua

Alegando tratar o *Black Bloc* a partir de uma perspectiva mais complexa em relação à maneira como este foi tratado pela Mídia Hegemônica, a reportagem de *Carta Capital*, observando o texto como um todo, realiza uma discussão a respeito do que é o *Black Bloc*, das origens da tática, das possíveis razões para ascensão desta e da postura dos especialistas e dos adeptos sobre as ideias e as ações do *Black Bloc*, não se furtando também de, mesmo que não diretamente, realizar uma crítica deste. Para que vejamos, de certa maneira, como estes sentidos foram construídos, vejamos a análise do texto.

Concentremo-nos inicialmente no título e na chamada da reportagem:

O Black Bloc está na rua

Nem grupo nem movimento essa tática de guerrilha urbana anticapitalista pegou carona nos protestos atuais. Como esse fenômeno pode impactar o Brasil.

No título, através da expressão referencial [O Black Bloc], a depender da memória discursiva do leitor, temos introdução referencial ou anáfora. Assim como no primeiro texto que analisamos, o sentido construído irá depender do conhecimento prévio do leitor. Como já dissemos anteriormente, em virtude da ampla cobertura recebida pelos protestos e das fotos⁴² que acompanham a reportagem tanto de *Veja* quanto de *Carta Capital*, provavelmente o leitor já traz consigo, em estado ativado ou semiativado, alguma informação sobre a tática *Black Bloc*, o que nos levaria a classificar o termo [O Black Bloc] como expressão anafórica, mas pode ser também que este conhecimento prévio não se faça presente, levando-nos a classificar o termo como introdução referencial.

⁴² Ver anexo 2.

No que se refere à função da expressão referencial-interacional-argumentativa [o Black Bloc], é pertinente dizer que ela, de certa forma, evita marcar negativa ou positivamente o objeto discursivo que cria ou retoma, não o qualificando. Na esteira de Bakhtin/Volochínov (1998), se podemos dizer que há um inescapável acento apreciativo nesse enunciado, ele se dá em razão do silenciamento de qualquer juízo marcadamente negativo ou positivo.

Indo em direção à chamada da reportagem, logo no início, através da expressão de negação [nem grupo nem movimento], temos uma anáfora, que dialoga com o conhecimento prévio do leitor em relação ao *Black Bloc*. Pelo caráter de negação dos termos, o enunciado parece pressupor que o leitor enxerga o *Black Bloc* como um grupo ou movimento.

Prosseguindo no texto a expressão referencial [essa tática de guerrilha urbana anticapitalista] se caracteriza por ser anafórica. Se quiséssemos ser mais precisos, diríamos, usando a classificação de Koch (2004), que esta seria uma anáfora por uso de expressão definida, na medida em que, nessa nomeação, temos contato com um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo) seguido de um nome, que é utilizado para ativar ou introduzir determinados elementos caracterizadores de um objeto discursivo. Apesar de, como dissemos na fundamentação teórica, não nos apegarmos a essas classificações, acreditamos que, nesse caso, ela dá a ver bem os efeitos de sentido possivelmente gerados por esse trecho, já que há uma recategorização do *Black Bloc*, em virtude desse processo. Com efeito, através dessa expressão referencial, salientam-se os aspectos tático, urbano e anticapitalista do *Black Bloc*, sentidos que vão ao encontro do advogado por especialistas como Dupuis-Déri (2014) e Solano (2014).

Por fim, no final da chamada da reportagem, o *Black Bloc* é anaforicamente retomado através da expressão referencial [esse fenômeno]. De certo modo, é possível dizer que o uso deste termo constrói, em termos de imagem do enunciador, uma postura compreensiva e explicativa em relação ao *Black Bloc*, haja vista que o lexema “fenômeno” é bastante recorrente no espaço lexical da ciência, práxis humana diretamente ligada à vontade explicativa.

Dando prosseguimento, analisemos os dois primeiros parágrafos do texto:

Com um martelo em punho, uma jovem de rosto coberto vestida de preto tenta destruir um Chevrolet Camaro (de 200 mil reais) em uma concessionária na Avenida Rebouças, São Paulo. Outros trajados da mesma forma, paus e pedras nas mãos,

estilhaçam a parede de vidro de uma agência bancária. Uma faixa pede a saída do governador Geraldo Alckmin – o A do nome traz o símbolo de anarquia. Até chegarem as bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo da tropa de choque da PM. Sem movimento social ou partido à frente, o protesto reuniu cerca de 200 jovens, deixou lojas pichadas e 20 detidos na terça 30 de julho. Mas as cenas parecem repetidas, a ecoar os eventos que há meses têm chacoalhado o País.

Desde o princípio das manifestações de rua no dia 6 de junho de 2013 em São Paulo contra o aumento nas passagens de ônibus, muito ficou por ser entendido. Seria a carestia a motivação dos protestos que cruzaram a barreira de 1 milhão de pessoas em todo o Brasil ou o esgotamento do sistema político? E os manifestantes, eram jovens anarquistas sem partido ou seriam necessários novos conceitos para dar conta de tantas vozes? De todas as perguntas, a que mais intrigou o País segue sem resposta clara: em meio ao mar de cabeças e punhos em riste, quem eram e o que queriam aqueles jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos?

No início do primeiro parágrafo, temos a introdução, parcialmente ancorada, de um novo referente [uma jovem de rosto coberto vestida de preto], o qual, pela sua caracterização, pode sociocognitivamente ser relacionado com o referente *Black Bloc*. De fato, é possível dizer que [uma jovem de rosto coberto vestida de preto] e [Black Bloc] mantêm entre si uma relação hipônimo-hiperônimo ou, dito de outro modo, uma relação metonímica; de tal forma que a construção do referente [uma jovem de rosto coberto vestida de preto] acaba por ser também uma forma de construção/caracterização do referente [Black Bloc]. O mesmo acontecendo, mais na frente, com o referente [outros].

Sobre a construção desses referentes, a predicação [...] tenta destruir um Chevrolet Camaro] – em lugar de “realiza uma intervenção em um Chevrolet Camaro”, por exemplo – relaciona, sobretudo pela escolha lexical da forma nominal [destruir], sentidos deletérios e desregrados ao referente [uma jovem de rosto coberto vestida de preto] e, por consequência, ao [Black Bloc]. No que se liga ao referente [outros], a predicação [trajados da mesma forma, paus e pedras nas mãos, estilhaçam a parede de vidro de uma agência bancária] também reforça, sobretudo pela forma de caracterização [paus e pedras nas mãos] (isso poderia ter sido silenciado) e pela escolha verbal [estilhaçam] (poderia ter sido trocada por outros verbos menos negativa e socialmente marcados), uma ligação entre *Black Bloc* e vandalismo.

Ainda nesse parágrafo, indiretamente o referente [Black Bloc] é relacionado à anarquia e posicionado de forma antagônica em relação à polícia. A primeira afirmação asseverada através do trecho [uma faixa pede a saída do governador Geraldo Alckmin – o A do nome traz o símbolo de anarquia] e a segunda através da passagem [até chegarem as bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo da tropa de choque da PM.].

No segundo parágrafo, o referente [Black Bloc] é diretamente retomado através da expressão nominal definida [aqueles jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos?], a qual sintetiza a caracterização feita até então da tática e ao mesmo tempo nos lança cataforicamente, em virtude da forma interrogativa, na direção de uma reflexão mais pormenorizada a respeito das origens e dos objetivos do *Black Bloc*, tema abordado nos parágrafos seguintes da reportagem. Vejamos o próximo:

Black Bloc foi o termo surgido de forma confusa na imprensa nacional. Seriam jovens anarquistas anticapitalistas e antiglobalização, cujo lema passa por destruir a propriedade de grandes corporações e enfrentar a polícia. Nas capas de jornais e na boca dos âncoras televisivos, eram “a minoria baderneira” em meio a “protestos que começaram pacíficos e ordeiros”. Uma abordagem simplista diante de um fenômeno complexo. Além da ameaça à propriedade e às regras do cotidiano (como atrapalhar o trânsito e a visita oficial do papa), as atuações explicitaram a emergência de uma faceta dos movimentos sociais, de cunho anarquista e autonomista, que vão do Movimento Passe Livre (MPL) e outros coletivos até a face extrema dos encapuzados. Corretos ou não, a tática Black Bloc forçou a discussão sobre o uso da desobediência civil e da ação direta, do questionamento da mobilização pelo próprio sistema representativo. Ignorá-los não resolve a questão: o que faz um jovem se juntar a desconhecidos para atacar o patrimônio de empresas privadas sob risco de apanhar da polícia?

Neste parágrafo, através das expressões referenciais e da forma de predicação destas, é possível dizer que o enunciador procura criar uma oposição entre a abordagem da imprensa nacional e a sua própria abordagem. Nesse sentido, a caracterização realizada pela imprensa nacional construiria o *Black Bloc* a partir de [uma abordagem simplista], vendo-o como [jovens anarquistas anticapitalistas e antiglobalização, cujo lema passa por destruir a propriedade de grandes corporações e enfrentar a polícia.] e uma [“minoria baderneira”], termo colocado entre aspas possivelmente para reforçar seu caráter citacional. Já o enunciador do texto de *Carta Capital*, através da expressão referencial anafórica [fenômeno complexo], de certa maneira, contrapõe-se a esta caracterização pretensamente realizada pela imprensa nacional, dando a entender que fará uma abordagem diferente do *Black Bloc*.

Após isso, o enunciador retoma [Black Bloc] através da expressão referencial [a face extrema dos encapuzados], a qual, tendo em vista o adjetivo “extrema” pode nos dar a ver que o *Black Bloc* ou é algo desinteressante, relacionado ao campo do exagero e da falta de limites ou é algo profícuo, ligado à ideia de promoção de uma postura desestabilizadora e subversiva; ambas construções referenciais que podem ou não ser reforçadas ao longo do texto. Por fim, com a expressão referencial anafórica [a tática Black Bloc] e com a predicação a ela imputada – [forçou a discussão sobre o uso da desobediência civil e da ação direta, do questionamento da mobilização pelo próprio sistema representativo.] –, há uma retomada e

uma caracterização do [Black Bloc] como sendo não uma associação criminosa ou um grupo de baderneiros, mas uma tática que usa da desobediência civil e da ação direta como forma de crítica e de questionamento do sistema político.

Vejamos os próximos dois parágrafos:

“O que nos motiva é a insatisfação com o sistema político e econômico”, diz Roberto (nome fictício), 26 anos e três Black Blocs na bagagem. Ele não se identifica por razões óbvias: o que faz é ilegal. Roberto já havia ido às ruas contra a alta da tarifa, sem depredar nada. Conheceu a tática e decidiu pelas vias de fato. “Nossa sociedade vive permeada por símbolos. Participar de um Black Bloc é fazer uso deles para quebrar preconceitos, não só do alvo atacado, mas da ideia de vandalismo”, diz. As ações de depredação não seriam violentas por não serem contra pessoas. “Não há violência. Há performance.” Roberto confia em coletivos como o MPL e a Marcha das Vadias. Mas não em partidos políticos. “Não me sinto representado por partidos. Não sou a favor de democracia representativa e, sim, de uma democracia direta.”

Estudar política e quebrar bancos caminham juntos. “Não se trata de depredar pelo simples prazer de quebrar ou pichar coisas, mas de atacar o símbolo representado ali. Quando atacamos uma agência bancária, não somos ingênuos de acreditar que estamos ajudando a falir um banco, mas tornando evidente a insanidade do capitalismo. Política também se faz com as próprias mãos.” Como Roberto, milhares de jovens simpatizam com a causa e o modo de defendê-la. Juntas, as páginas do Black Bloc no Facebook receberam 30 mil “likes”. Novas surgem a cada dia. Páginas fechadas têm centenas de membros. E eles já se encontram fora da internet. Após o protesto em São Paulo no dia 11, participantes fizeram uma reunião espontânea e sem líderes.

Nesta passagem do texto, a voz de um dos próprios adeptos da tática é, em grande parte, utilizada como forma de construção do objeto de discurso [Black Bloc]. De fato, quando o enunciador nos diz que o rapaz, Roberto, tem [26 anos e três Black Blocs na bagagem], há a construção de uma relação hiponímica-hiperonímica entre Roberto e [Black Bloc], de tal maneira que o primeiro acaba sendo visto como representante do segundo. Isso é reforçado quando Roberto, em seu enunciado se utiliza da expressão referencial pessoal [nos], que dá certa dimensão coletiva ao seu dizer, como se ele falasse em nome de todo o adepto do *Black Bloc*: [O que nos motiva é a insatisfação com o sistema político e econômico]. Neste enunciado e em outros como [participar de um Black Bloc é fazer uso deles para quebrar preconceitos, não só do alvo atacado, mas da ideia de vandalismo] e [“Não me sinto representado por partidos. Não sou a favor de democracia representativa e, sim, de uma democracia direta.”], o referente [Black Bloc] é construído como sendo oriundo da insatisfação com o sistema político e econômico e como uma tática que usa uma estratégia, sobretudo, simbólica para dar mostras dessa insatisfação.

Importa salientar que, usando a voz de Roberto, como forma de fazer essa caracterização do [Black Bloc], o enunciador gera certo efeito de impessoalidade, na medida em que não se compromete tão diretamente com a caracterização que está sendo realizada. No entanto, é preciso relativizar isso, uma vez que a escolha da voz a ser trazida para o texto, os trechos selecionados e a concatenação destes são escolhas do enunciador, que, desse ponto de vista, acaba, como nos diz Bakhtin/Volochínov (1998), por inexoravelmente se fazer presente naquilo que diz.

Continuemos nossa análise:

“O Black Bloc no Brasil veio para ficar”, afirma Pablo Ortellado, professor da USP. O pesquisador participou de protestos antiglobalização no começo dos anos 2000, quando o termo apareceu pela primeira vez no País. Hoje estuda a emergência de tais grupos. Para entendê-los, diz, é preciso voltar no tempo. A denominação surgiu na Alemanha nos anos 80, com uma pauta (ecologia radical) e uma função específica: isolar manifestantes e polícia, evitando cassetetes e agitadores infiltrados. Em 1999, manifestaram-se com violência em Seattle (EUA), quando a Organização Mundial do Comércio ali se reuniu. Protestos terminaram com pichações e depredação de empresas como Starbucks. “É quando o anarquismo dominou e o Black Bloc ficou associado ao uso da violência como ação direta, passando a ter caráter mais estético, espetacular, de intervenção urbana.” Por aqui, ambos os momentos ocorreram. “No Brasil, eles cumpriram as duas tarefas”, diz Ortellado. Num primeiro ato, protegeram os manifestantes da repressão policial, tradição alemã. Depois, sobrou o modelo americano, de ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático.

No fim de junho, o País viu o MPL conseguir, na base dos protestos nas ruas, baixar a tarifa de ônibus Brasil afora. Sem sua organização, os protestos continuaram com bandeiras confusas e reivindicações mais amplas – exatamente a conjuntura na qual os Black Blocs florescem. Se no começo eles tomavam carona em protestos organizados por entidades com pautas claras, pouco a pouco passaram a agir sozinhos. O protesto de terça 30, por exemplo, teve convocação apócrifa. Tais manifestações tendem a ocorrer cada vez mais desse jeito: instantâneas, acéfalas, impossíveis de controlar. Como não são uma organização, mas uma tática condicionada a contextos políticos, os Black Blocs devem surgir com mais frequência. A Copa do Mundo e as Olimpíadas, com seus espaços delimitados, gastos controversos e simbologias fartas, são alvos esperados.

Neste trecho, a voz trazida não é mais a de um integrante do *Black Bloc*, mas sim a voz de um acadêmico, de um especialista. O enunciador do texto se apropria da fala deste para discutir, em especial, a origem do *Black Bloc* e os fatores que favoreceram sua emergência. Interessante que, em alguns momentos desse trecho, as vozes do enunciador e dos especialistas se confundem, à maneira de um discurso indireto livre, sendo isto um elemento importante no processo de construção do objeto de discurso a que procuramos analisar.

O trecho acima está ancorado na dicotomia entre os dêiticos temporais [ontem] x [hoje] e dos dêiticos espaciais [lá] x [aqui]. O temporal relacionado, respectivamente, ao surgimento da tática e ao modo de atuação desta no contemporâneo, o espacial ligado ao modo de manifestação do *Black Bloc* na Alemanha/EUA e ao seu modo de ação no Brasil.

Sobre a origem do *Black Bloc*, relacionada à dimensão dêitica do [ontem] e do [lá], o enunciador – por meio de, em alguns momentos, uma espécie de discurso indireto livre, no qual a sua voz e do especialista Pablo Ortellado parecem se confundir –, diz-nos que o *Black Bloc* surgiu na Alemanha com o objetivo de [isolar manifestantes e polícia, evitando cassetetes e agitadores infiltrados.]. Posteriormente, em Seattle, em 1999, à tática foram incorporados elementos ligados à violência, ao anarquismo e à ação direta e espetacular: [manifestaram-se com violência em Seattle (EUA), quando a Organização Mundial do Comércio ali se reuniu. [...] “É quando o anarquismo dominou e o Black Bloc ficou associado ao uso da violência como ação direta.”].

Sobre a atuação do *Black Bloc* no contemporâneo, ligada aos dêiticos [hoje] e [aqui]. O enunciador nos diz que [“No Brasil, eles cumpriram as duas tarefas”, diz Ortellado. [...] protegeram os manifestantes da repressão policial, tradição alemã. Depois, sobrou o modelo americano, de ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático.”]. Isto é, as duas tradições que estavam presentes no passado, alemã e americana, fizeram-se atuantes nos protestos brasileiros. Ademais, o enunciador nos diz que, no atual contexto político nacional, [os Black Blocs devem surgir com mais frequência]. Através disso, o *Black Bloc*, em sua forma de manifestação no Brasil, é enquadrado no espaço de táticas gerais contra a repressão estatal, contra o modo de funcionamento do capitalismo e contra a sociedade espetacularizada; isso – além de confrontar dialogicamente a construção referencial-discursiva de *Veja*, por exemplo – dá um quê progressista e transformador ao *Black Bloc*.

No que se refere ao trecho de uma maneira geral, o uso das dêixis e a convocação da voz de um especialista para a construção do texto reforça uma postura explicativa por parte do enunciador. De fato, a explicação presente na reportagem vai ao encontro do que foi por nós pesquisado e explanado na fundamentação teórica a respeito da literatura sociológica em torno do *Black Bloc*. No entanto, é preciso ter certa cautela no que se refere a isso, porquanto, em alguns momentos, através das expressões referenciais e das predicções recebidas por estas, o enunciador dá um quê pejorativo ao *Black Bloc*. Em passagens como [os protestos

continuaram com bandeiras confusas e reivindicações mais amplas – exatamente a conjuntura na qual os Black Blocs florescem] e [Tais manifestações tendem a ocorrer cada vez mais desse jeito: instantâneas, acéfalas, impossíveis de controlar], o [Black Bloc] é, primeiro, relacionado com protestos que levantam bandeiras [confusas]; segundo, com manifestações adjetivadas de [acéfalas]; ambos os termos de caráter marcadamente pejorativo, tendo em vista um perfil de leitor médio⁴³. Dessa maneira, o enunciador do texto de *Carta Capital* mantém uma postura explicativa, mas ainda sim, de certa maneira, reprovativa ao *Black Bloc*.

Continuemos a ler e a analisar o texto:

O arcabouço teórico e prático paira na rede. Uma espécie de biblioteca virtual, com links para o “cânone” do Black Bloc, é replicada nas páginas dos seguidores da tática. Há o “Manifesto Black Bloc”, com máximas de caráter político, e o “Manual de Ação Direta”, espécie de treinamento a distância para a ação direta, com as seções: desobediência civil (e temas como “usando escudos”, “apanhando da polícia” e “lidando com animais”); primeiros socorros (além dos itens “gás lacrimogêneo” e “spray de pimenta”, há dicas de como lidar com queimaduras e traumatismos cranianos); e “leis, direitos e segurança” (“sendo preso”, “na delegacia” e “como deve ser a sua mochila” são os tópicos). Uma frase do manual dá o tom: “Lembre que o que eles fazem conosco todos os dias é uma violência, a desobediência violenta é uma reação a isso e, portanto, não é gratuita, como eles tentam fazer parecer”.

O surgimento de um bloco não é centralizado nem permanente. É o encontro de indivíduos com propósitos similares, mas nunca coibidos pela coletividade. “Uma formação temporária, sem identidade, na qual os indivíduos podem nem saber quem é a pessoa ao lado. Por isso é difícil controlá-los”, diz Saul Newman, professor de teoria política da Goldsmiths University, de Londres. Newman cunhou o termo pós-anarquismo para abarcar formas de resposta direta, às vezes radicais, a um Estado que interfere cada vez mais na vida de seus cidadãos. A sociedade estaria subestimando esse potencial político. “Ainda que os Black Blocs representem uma minoria no movimento anarquista, são um importante símbolo da emergência de novas formas de políticas antiautoritárias. Seus rostos cobertos se tornaram a imagem do ativismo radical contemporâneo.”

No primeiro parágrafo do trecho supracitado, o enunciador nos apresenta o arcabouço teórico que, de acordo com ele, sustenta a ação do *Black Bloc*. Através disso, ele reforça e expande determinadas características e sentidos que já estavam sendo vinculadas ao referente [Black Block], tais como o uso da [ação direta] como forma de reivindicação, por exemplo.

⁴³ Se pararmos para pensar no que a literatura sociológica nos diz, veremos que esses qualificativos [confusas] e [acéfalas] fazem justiça ao que é explanado pelos teóricos em torno do *Black Bloc*; no entanto, quando refletimos sobre a maneira como um leitor médio (um leitor que não é estudioso da tática nem está acostumado com esse tipo de protesto de função desestabilizadora) possivelmente apreenderá desses enunciados, veremos que para ele, em grande parte, as duas escolhas nominiais dialógica e culturalmente remeterão a um universo contraprodutivo e socialmente desinteressante, haja vista que, no espaço do Estado Democrático de Direito, reivindicações muito gerais, confusas e desorganizadas são, no mínimo, inócuas.

Outrossim, ainda no espaço desse parágrafo, dois elementos nos chamaram mais atenção: a expressão referencial [a tática] e o uso do lexema [violência]. Sobre o primeiro, ao referenciar o [Black Bloc] como uma tática, [é replicada nas páginas dos seguidores da tática], o enunciador vai ao encontro do que é dito pela literatura sociológica e pelo próprio *Black Bloc* (como veremos na próxima subseção), tratando o fenômeno *Black Bloc* verdadeiramente de maneira mais complexa do que a mídia hegemônica. Contudo – ao materializar, trazendo a voz dos próprios adeptos da tática, corporificada na expressão referencial pessoal [conosco], – dizeres que não distinguem a violência do *Black Bloc* de outros tipos de violência, acaba por reforçar uma imagem negativa dos adeptos da tática, haja vista que possivelmente o leitor da reportagem enxergará a violência do *Black Bloc* não como violência espetáculo, mas tão somente como *violência subjetiva*: [“eles fazem conosco todos os dias é uma violência, a desobediência violenta é uma reação a isso e, portanto, não é gratuita, como eles tentam fazer parecer”]. Para que fique mais claro, a violência do *Black Bloc* é, pelo menos de acordo com Solano (2014), antes de tudo, uma violência espetáculo, no sentido que pretende espetacularizar midiaticamente a destruição de símbolos do capitalismo como forma de crítica ao modo de organização social. No trecho analisado, não se deixa evidente que se está falando desse tipo particular de violência; na verdade, se dá a entender que a violência operacionalizada pelo *Black Bloc* é similar ou igual à pura violência subjetiva.

No segundo parágrafo do trecho recortado para a análise, é discutida a forma de ação de *Black Bloc* e o papel deste na política contemporânea. As expressões referenciais [o encontro de indivíduos com propósitos similares, mas nunca coibidos pela coletividade] e [“Uma formação temporária, sem identidade, na qual os indivíduos podem nem saber quem é a pessoa ao lado”] constrói, pelo menos para o leitor não especialista e não acostumado com a forma de funcionamento do *Black Bloc*, a tática como algo desorganizado e como um modo de ação no qual os indivíduos estão antes preocupados com seus interesses e liberdades individuais do que com anseios coletivos.

Prosseguindo, o [Black Bloc], referenciado no segundo período pela expressão [formas de resposta direta, às vezes radicais, a um Estado que interfere cada vez mais na vida de seus cidadãos], é, através da citação do especialista Saul Newman, categorizado como sendo [pós-anarquista], um [símbolo da emergência de novas formas de políticas antiautoritárias.] e [a imagem do ativismo radical contemporâneo]. Interessante que o enunciador, com essas construções referenciais e predicções – [às vezes radicais], [ativismo radical], etc – por mais explicativo que tente ser, vai aos poucos atrelando a ideia de exagero e

de radicalidade ao *Black Bloc*, utilizando para isso a voz dos próprios especialistas na construção dessa ideia.

Continuemos a leitura da reportagem:

Entre os manifestantes não ligados ao Black Bloc, duas posturas ganham espaço. Por um lado, certo romantismo idealista alimentado pelas redes sociais. Pois eles agiriam como “linha de frente no enfrentamento com a polícia”, diz um blog anarquista. De outro há uma ojeriza irreduzível. Em uma democracia jovem, desacostumada com manifestações difusas, qualquer protesto fora do script é temido. Durante os atos de junho, não faltaram críticas: eles só seriam válidos se pacíficos, por meio da palavra. “Mas como protestar pela palavra se é ela o suporte por meio do qual o Estado de Direito exerce violência?”, indaga o professor de teoria política Nildo Avelino, do Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas da UFPB. “É preciso criar novas formas de comunicar: o Black Bloc pode ser uma delas.”

Para Avelino, o Black Bloc pode ser visto como a retomada de um tipo de ação praticada pelos anarquistas no século XIX, a propaganda pelo fato, ali para suprir a insuficiência da propaganda oral e escrita quando a prática eleitoral ganhava influência. A razão desse retorno à ação direta adviria da paulatina perda da dignidade imposta pelo capitalismo. O que explica a aceitação dos Black Blocs entre jovens na rede: o fenômeno daria voz a anseios difusos de quebrar a ordem, longe das vias institucionais. Mesma opinião tem o ativista americano John Zerzan, um dos primeiros a defender a tática nos EUA. Em 1999, a mídia associou os protestos de Seattle à sua influência. À época, o centro financeiro da cidade foi destruído. “Não será surpresa ver novas e maiores manifestações do Black Bloc no futuro”, afirma. “Demonstrações pacíficas não alcançam nada. Os protestos de 2003 contra a Guerra do Iraque foram os maiores da história e não conseguiram nada.”

No primeiro parágrafo do segmento citado, é tematizada a maneira como o *Black Bloc* é visto por outros manifestantes. Quando percebidos como [“linha de frente no enfrentamento com a polícia”], recebem um tratamento romântico idealista; quando não percebidos assim, são vistos como [uma ojeriza irreduzível]. Ademais, o referente [Black Bloc], retomado e recategorizado através da expressão referencial [protesto fora de script], é predicado como um protesto temido [em uma democracia jovem, desacostumada com manifestações difusas, qualquer protesto fora do script é temido] e; ao final do parágrafo, por meio da voz do especialista Nildo Avelino, é predicado como sendo uma nova forma de comunicação política: [“É preciso criar novas formas de comunicar: o Black Bloc pode ser uma delas.”]. Nesse parágrafo, nota-se uma construção dúbia do *Black Bloc* – ora tratados como heróis românticos e como uma nova forma de comunicação política, ora tratados como uma ojeriza irreduzível e algo a ser temido –; esse tratamento ambíguo, pelo visto, é a tônica da construção referencial do *Black Bloc* feito no texto.

No segundo parágrafo do segmento citado, discute-se a questão da ação direta do *Black Bloc*. Para tanto, são convocadas pelo texto a voz do especialista Nildo Avelino e a voz do ativista, adepto da tática *Black Bloc*, John Zerzan. No início desse parágrafo, através da

predicação recebida pela expressão referencial anafórica direta o [Black Bloc], nosso objeto de análise é recategorizado como [um tipo de ação praticada pelos anarquistas no século XIX, a propaganda pelo fato], tendo, dessa maneira, seu modo de ação relacionado a grupos anarquistas. Posteriormente, em citação indireta do especialista Nildo Avelino, o enunciador, através das expressões referenciais anafóricas [os Black Blocs] e [o fenômeno], relaciona o *Black Bloc* à ascensão do capitalismo e a certa rebeldia e revolta típica dos jovens: [A razão desse retorno à ação direta adviria da paulatina perda da dignidade imposta pelo capitalismo. O que explica a aceitação dos Black Blocs entre jovens na rede: o fenômeno daria voz a anseios difusos de quebrar a ordem, longe das vias institucionais]. Por fim, através de citação direta da voz do manifestante John Zerzan e da predicação recebida pela anáfora direta [Black Bloc], o modo de ação da tática é oposto aos protestos pacíficos, reforçando o caráter violento desta: [“Não será surpresa ver novas e maiores manifestações do Black Bloc no futuro”, afirma. “Demonstrações pacíficas não alcançam nada”]. O caráter dúbio da construção referencial do *Black* aqui continua a se fazer presente, uma vez que o *Black Bloc* é visto tanto como algo juvenil e não-pacífico, característica que, para o leitor médio, podem ser vistas como deletérias, quanto como uma forma, em certo sentido, de reação ao caráter pernicioso do capitalismo.

Através das construções realizadas, sobremaneira, no segundo parágrafo do trecho citado – [a aceitação dos Black Blocs entre jovens na rede: o fenômeno daria voz a anseios difusos de quebrar a ordem], [demonstrações pacíficas não alcançam nada] – o enunciador, mesmo que indiretamente, tendo em vista o perfil médio de leitor, dá certo teor deletério às ações do *Black Bloc*, construindo a *práxis* da tática como violenta (em sentido vulgar) e frutos de certa rebeldia juvenil. Nesse sentido, mesmo que abordando o fenômeno de maneira mais complexa, dá a ver também certa reprovação às ações do *Black Bloc*.

Vejamos os parágrafos seguintes:

Um veredicto temerário, não só por instaurar o embate físico em detrimento do debate político como regra, mas por alimentar justamente a opressão combatida. Não sendo possível separar ativistas encapuzados de policiais infiltrados e com a expansão da tática, seria possível realizar no futuro ações diretas de massa não violentas, sem embates violentos televisionados e criticados por setores amplos da sociedade? “A proeminência das táticas dos Black Blocs em insurreições recentes ao redor do mundo, inclusive no Brasil, tem alimentado o estereótipo dos anarquistas como destrutivos”, alerta Newman. “A mídia e as elites os demonizam e usam seus confrontos espetaculares para deslegitimar protestos mais amplos.” Um problema mais sério que as depredações.

A discussão não passou ao largo de quem foi às ruas em junho no Brasil, quando bases policiais e bancos foram destruídos em protestos organizados pelo MPL. O coletivo prestou ajuda jurídica a todos os presos nos protestos, independente do crime a eles imputado. Todas as prisões eram políticas e arbitrárias, diziam. “A gente tentava evitar que houvesse treta entre os manifestantes. Tão ruim quanto o que aconteceu na Paulista, quando os militantes de partidos foram atacados, era quando havia desentendimentos entre manifestantes que optam por uma tática ou outra, entre os chamados de pacíficos e os chamados de baderneiros”, diz Caio Martins, do MPL. Movimentos sociais e partidos (do PSTU à CUT), tradicionais portos para insatisfações juvenis nas ruas, mostraram-se contrários à depredação e à tática em geral. Mas, confusa diante dos novos atos, a “esquerda tradicional” evita falar do assunto. Ninguém os defende, com receio de perder apoio de setores mais conservadores, e poucos os criticam, temendo prejudicar a união da chamada voz das ruas.

No primeiro parágrafo do trecho acima, o *Black Bloc* é criticado. A expressão [um veredicto temerário], que retoma as afirmações do manifestante John Zerzan a respeito da falta de efetividade dos protestos pacíficos, e a explicação dessa nomeação [por alimentar justamente a opressão combatida], dão a ver o caráter reprobatório com o qual o [Black Bloc] é também encarado, haja vista que ações deste são categorizadas como uma forma de reforço de uma situação de opressão. Ainda nesse parágrafo, utilizando a voz de Saul Newman, o enunciador nos diz que [a proeminência das táticas dos Black Blocs em insurreições recentes ao redor do mundo, inclusive no Brasil, tem alimentado o estereótipo dos anarquistas como destrutivos], ou seja, indiretamente o [Black Bloc] é relacionado com ações destrutivas. Outrossim, ao final dessa parte, imputando esta ação a mídia e às elites, diz-nos que as ações do *Black Bloc* servem, sobremaneira, para deslegitimar protestos mais amplos [“a mídia e as elites os demonizam e usam seus confrontos espetaculares para deslegitimar protestos mais amplos.”].

No segundo parágrafo do trecho supracitado, é discutida a relação dos Movimentos, dos Coletivos e dos Partidos que fazem parte dos protestos com os adeptos da tática *Black Bloc*. De acordo com o enunciador do texto, ou há silêncio ou há crítica em relação ao *Black Bloc*. No que se refere à construção dos referentes, através da voz de Caio Martins, do Movimento Passe Livre (MPL), o [Black Bloc] é recategorizado como um grupo de baderneiros: [“[...] era quando havia desentendimentos entre manifestantes que optam por uma tática ou outra, entre os chamados de pacíficos e os chamados de baderneiros”]. Além disso, um pouco mais na frente, as ações do *Black Bloc* são categorizadas como uma espécie de [depredação]. Essa progressão referencial deixa evidente o caráter negativo com o qual o [Black Bloc] é investido. Nesse sentido, o caráter ambíguo com o qual o *Black Bloc* vinha sendo ideologicamente investido ao longo do texto parece que vai se esvaziando, uma vez que a dimensão deletéria ganha relevância sobre a dimensão relativamente progressista deste.

Encerrando, vejamos o último parágrafo da reportagem:

Fora do País, o mesmo ocorre. Mal os Black Blocs apareceram nos protestos no Cairo, manifestantes passaram a ser presos aleatoriamente sob a acusação de “terrorismo”. O mesmo oportunismo aconteceu com o Occupy Wall Street. Em 2012, o ativista Chris Hedges os descreveu como o câncer que debelou o movimento, até então bem-sucedido em debater a tirania do capitalismo financeiro. O artigo virou um manifesto anti-Black Bloc. Derrick Jensen, a voz mais crítica contra a tática, concorda. “Sua antipatia contra qualquer forma de organização que iniba sua liberdade de ação faz com que eles tentem destruir até organizações lutando pela revolução social”, diz. Jensen é taxativo: para quem busca alcançar conquistas sociais concretas, a tática é um desserviço. “Atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval não vão arranhar o capitalismo”, defende. “É preciso estratégia, objetivos. E certa ética.”

Neste último parágrafo, mesmo que pela via indireta das citações, o *Black Bloc* é duramente criticado, tendo suas ações relacionadas a uma espécie de câncer social, a presença de um espírito de destruição nos protestos e a um modo de funcionamento carnavalesco. No início do parágrafo, é criada certa relação entre o aparecimento do *Black Bloc* nos protestos e a prisão de manifestantes por [“terrorismo”]: [Mal os Black Blocs apareceram nos protestos no Cairo, manifestantes passaram a ser presos aleatoriamente sob a acusação de “terrorismo.”]. Apesar dessa ação ser recategorizada como [oportunismo], essa passagem, mesmo com o termo *terrorismo* aspeado, pode gerar, ao nível pragmático, uma sugestão de existência de certa relação entre a tática *Black Bloc* e o terrorismo. Mais na frente, através da voz do ativista Chris Hedges, o [Black Bloc] é recategorizado como [o câncer que debelou o movimento], expressão referencial que constrói de maneira claramente reprobatória os adeptos da tática. Não bastando isso, através da predicação recebida pela expressão referencial anafórica [a tática], o *Black Bloc* é recategorizado como [um desserviço]. Por fim, ainda através da voz de Chris Hedges, as ações do *Black Bloc* – além de serem vistas como desprovidas de estratégias, objetivos e ética, são recategorizadas como [atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval], vejamos: [a tática é um desserviço. “Atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval não vão arranhar o capitalismo”, defende. “É preciso estratégia, objetivos. E certa ética.”].

É importante salientar que a crítica ao *Black Bloc* realizada por *Carta Capital* difere daquela realizada por *Veja*. A primeira – apesar de criticá-lo e, no espaço democrático, de certa maneira deslegitimá-lo – o constrói como uma espécie de reação ao capitalismo, salientando seu caráter reativo e transformador no que se refere ao pano de fundo estruturalmente violento no qual estamos inseridos; portanto, faz um retrato deslegitimador mas ainda assim complexo do *Black Bloc*; já a segunda, *Veja*, não coloca os adeptos da tática

sobre o pano de fundo da, nos termos de Žizek (2014), *violência objetiva* presente no sistema social, retratando-o tão somente como um espécie de grupos de baderneiros irresponsáveis e hedonistas metidos a revolucionários.

Em resumo, no texto de *Carta Capital*, o *Black Bloc* é visto como um fenômeno complexo, sendo construído nem como um grupo nem como movimento, mas sim como uma tática de guerrilha urbana anticapitalista com certo viés anarquista e que se caracteriza, no plano acional, pela desobediência civil e pelo uso da ação direta, modo de ação que, no texto, é caracterizado por certo extremismo, desorganização e acefalia. A origem da denominação e as características do *Black Bloc* remontam à Alemanha e aos Estados Unidos, em meados da década de 80 e 90, respectivamente; naquela, a ênfase foi o isolamento entre manifestante e polícia; nesta, o fulcro foi o uso da violência, isto é, pichações e depredações. No Brasil, contemporaneamente, o *Black Bloc* floresce/ascende, entre outros motivos, por conta de certa desorganização e confusão presentes nos protestos de 2013. Além disso, de acordo com o enunciador, as ações do *Black Bloc* são controversas e prejudiciais, uma vez que, por mais compreensíveis que sejam do ponto de vista teórico, acabam por ser utilizadas pela imprensa como uma maneira de deslegitimar “protestos mais amplos”. Outrossim, – trazendo a voz tanto de adeptos da tática quanto a voz de especialistas – o enunciador, através de citação, nos diz que os protestos de uma maneira geral necessitam de estratégias, de objetivos e de certa ética – características estas das quais o *Black Bloc* não seria possuidor.

4.4.3 Black Bloc, questão de escolha

O texto que vamos analisar foi publicado na página do *Black Bloc* - RJ no dia 6 de dezembro de 2013. Em boa parte, o texto articulou-se em torno da discussão sobre o que é ser *Black Bloc* e sobre a oposição *Black Bloc* e governo. Para analisá-lo, começemos pelo título: [Black Bloc, questão de escolha].

Através desse título, de certa maneira, temos ou a introdução do referente [Black Bloc] ou a retomada e recategorização deste. No caso, em virtude do local de publicação – página do *Black Bloc* - RJ – acreditamos que, quando o leitor tiver contato com esse título, ele já tem, em sua mente, o objeto de discurso *Black Bloc* em estado ativado ou semiativado. Daí, em termos classificatórios, optamos por dizer que, mesmo no início do texto, o termo [Black Bloc] é antes uma anáfora do que uma introdução referencial. No entanto, o que de fato nos importa salientar é que através da predicação que essa expressão referencial recebe – [questão

de escolha] – o *Black Bloc* é construído não como sendo um imperativo, mas sim como uma opção, como algo que se pode escolher ou não.

Após essa investigação do título, leiamos e analisemos o primeiro e o segundo parágrafos,

Todos os dias, desde que você nasceu, sua vida é feita de escolhas. Algumas você aceita, outras você rejeita. Enquanto você não tem forças para escolher por si, seus pais fazem as escolhas. O que você vai comer, vestir, seus horários, etc. Com o passar dos anos, você vai ganhando força e independência. Em teoria muitos cidadãos continuam sem força para decidirem. Não tem acesso à educação de qualidade, alguns sequer acesso à uma simples água limpa, quem dirá ter forças para decidir os rumos de uma nação. E por causa dos sem voz, que vc decide ser Black Bloc. Você pode ter as seguintes posturas, concordar passivamente com o que acontece (seja por quais fatores ou motivos forem) vc pode discordar, porém se contentar, quando nada muda. (seja por qualquer motivo ou fator), você pode discordar, querer mudanças, exigi-las e se contentar quando prometem para daqui a dez ou doze anos, ou pode querer mudanças, exigi-las, entretanto cobrar que sejam feitas em tempo hábil. (e aí que o Black Bloc entra).

De início, temos a presença do dêitico pessoal [você]. Através dele, o enunciador do texto dialoga diretamente com o leitor, levando-o, de certa maneira, a se identificar e a se inserir na rede de sentido que o enunciador procura construir. Logo após isso, com o segmento – [sua vida é feita de escolhas] – o dêitico [você] é colocado em relação de conjunção com o referente [escolha], o qual é anaforicamente recuperado do título. Posteriormente, como uma espécie de tópico discursivo, a relação entre “você” e “escolhas” é desenvolvida. O enunciador nos diz que algumas escolhas são aceitas e outras recusadas – [Algumas você aceita, outras você rejeita]; após isso, introduzindo o referente [pais], fala-nos sobre o caráter tutelado de algumas escolhas [enquanto você não tem forças para escolher por si, seus pais fazem as escolhas. O que você vai comer, vestir, seus horários, etc.] O que cabe salientar aqui é que, através do enunciado [enquanto você não tem forças para escolher por si], o enunciador cria uma certa relação de oposição entre decisões que são tomadas por si e decisões que são tomadas por outrem, aquelas em conjunção com o elemento [força], enquanto estas não.

Dando prosseguimento, o enunciador nos diz que [com o passar dos anos, você vai ganhando força e independência. Em teoria muitos cidadãos continuam sem força para decidirem.]. Com a primeira oração, ele reforça a ligação entre a fase na qual as decisões são tomadas pelos pais e a ausência de força e de independência; já, através da segunda oração, tendo em vista os planos semântico-pragmáticos mobilizados pela expressão referencial [cidadãos], insere-nos não somente no campo individual, mas também no campo político.

Desenvolvendo essas questões nessa seara, diz-nos, através da retomada elíptica da expressão [cidadãos], que estes [não tem acesso à educação de qualidade, alguns sequer acesso à uma simples água limpa, quem dirá ter forças para decidir os rumos de uma nação.] Com esse segmento textual, juntamente com o leitor, o texto constrói um determinado *cenário* de falta de qualidade educacional, saneamento básico precário e falta de participação política, vinculando estas características à ausência de força por parte dos cidadãos. Logo em seguida a isso, o referente [Black Bloc] aparece pela primeira vez no texto [e por causa dos sem voz, que vc decide ser Black Bloc.]. Com esse enunciado, é criada uma relação de oposição entre *Black Bloc* e a expressão referencial anafórica encapsuladora “os sem voz”, a qual sumariza todos os atributos dos indivíduos e cidadãos sem força para realizar transformações. Nas orações seguintes essa oposição é reforçada:

Você pode ter as seguintes posturas, concordar passivamente com o que acontece (seja por quais fatores ou motivos forem) vc pode discordar, porém se contentar, quando nada muda. (seja por qualquer motivo ou fator), você pode discordar, querer mudanças, exigi-las e se contentar quando prometem para daqui a dez ou doze anos, ou pode querer mudanças, exigi-las, entretanto cobrar que sejam feitas em tempo hábil. (e aí que o Black Bloc entra).

Nesse segmento, o enunciador volta a utilizar o dêitico [você] – dialogando mais diretamente com o leitor – e relaciona a adoção de posturas ativas e transformadoras com o *Black Bloc*. Nesse sentido, há o estabelecimento de uma relação de identidade entre *Black Bloc* e cidadãos que exigem transformação social. Ser esse tipo de cidadão, de acordo com texto, seria uma questão de escolha.

Entendido isso, passemos à análise do terceiro parágrafo:

Ao aderir a tática Black Bloc você esta EXIGINDO o mais rápido possível, mudanças concretas. Black Bloc não é bonde, não é rolê, não é como "um bando de pitboys de preto". Toda ação tem uma causa. Black Bloc não sai para implantar o terror, não é milícia, é uma tática usada por cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual.

Neste parágrafo, o tópico discursivo é o [Black Bloc]. Através do uso da expressão anafórica [tática Black Bloc] e do uso do verbo [aderir], são construídos sentidos que relacionam *Black Bloc* não a uma associação ou comunidade, mas à adoção de determinadas posturas e formas de comportamento que exigem – verbo que no texto é salientado pelo uso de letras maiúsculas – mudanças concretas. Após esse segmento, temos uma definição *negativa* do termo [Black Bloc], a qual, de certa forma, procura dialogar com a memória discursiva do leitor, desconstruindo possíveis estereótipos: [Black Bloc não é bonde, não é rolê, não é como “um bando de pitboys de preto” [...] Black Bloc não sai para implantar

o terror, não é milícia.]. Em seguida a isso, temos uma definição *positiva*, isto é, uma definição em termos do que é o [Black Bloc] é: [uma tática usada por cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual.]. Em resumo, nesse parágrafo, podemos dizer que é criada uma relação de conjunção entre *Black Bloc*, cidadãos de bem e descontentamento com as formas de governo; não bastando isso, há a desvinculação do *Black Bloc* com bonde, rolê, grupo terrorista, violência e milícia.

Vejamos o quarto parágrafo:

Note, não é por um partido, é porque um conjunto obsoleto de ideias, que ao contrário de muitos países, não se atualiza e moderniza em prol do povo há DÉCADAS. Nosso governo, governa para poucos, visando explorar o máximo de desgraças possíveis, pois isso dá voto e dinheiro. Nossos políticos são uma corporação que se defende ferozmente, aprova leis que beneficiam a si em dias, entretanto, tudo que beneficia o cidadão demora, meses, quando não anos. A classe política sentia-se intocável, pelo fato do cidadão brasileiro ser proibido de portar armas de fogo.

Neste parágrafo, o tópico discursivo passa a ser, antes de tudo, as razões políticas que motivam a adoção da tática *Black Bloc*. De início, temos uma retomada elíptica do referente [Black Bloc], que é definido como não sendo um partido. Após isso, é explicado um dos motivos de existência do *Black Bloc*: [é porque um conjunto obsoleto de ideias, que ao contrário de muitos países, não se atualiza e moderniza em prol do povo há DÉCADAS.] Nesse segmento, temos a construção de uma oposição entre [Black Bloc] e [governo] que faz uso de ideias obsoletas. Interessante notar que o *Black Bloc* aqui não é visto como sendo refratário a qualquer tipo de governo, mas tão somente àqueles que operacionalizam ideias obsoletas e que, em razão disso, vão de encontro aos interesses do povo.

Após esses segmentos iniciais do parágrafo, o objeto discursivo [governo] é desenvolvido. Através de orações como [nosso governo, governa para poucos, visando explorar o máximo de desgraças possíveis, pois isso dá voto e dinheiro], são construídos sentidos que relacionam governo ao benefício de pequenos grupos de interesse e à exploração social e financeira. Cabe salientar que, através do uso do dêitico [nosso], o enunciador tanto procura criar uma relação de proximidade com o leitor/enunciatário quanto, tendo em vista o nome da página e a língua na qual o texto foi escrito, caracteriza o governo brasileiro.

Ao longo do parágrafo, o caráter deletério do governo brasileiro é reforçado, através da menção aos políticos que o compõem. De acordo com o enunciador: [nossos políticos são uma corporação que se defende ferozmente, aprova leis que beneficiam a si em

dias, entretanto, tudo que beneficia o cidadão demora, meses, quando não anos]. Nesse momento, há tanto um reforço do caráter corporativo e explorador dos políticos brasileiros quanto da oposição entre estes o cidadão. Caminhando para o fim do parágrafo, o enunciador relaciona a permanência desses privilégios políticos à proibição do porte de armas de fogo pelos cidadãos: [A classe política sentia-se intocável, pelo fato do cidadão brasileiro ser proibido de portar armas de fogo].

Vejamos o próximo parágrafo, no qual a relação *Black Bloc* e política é aprofundada:

Bastou a técnica Black Bloc mostrar a eles que não são intocáveis (note bem, nenhum político sofreu atentado ou foi vítima de violência) que o povo passou a ter terroristas em seu meio. (consulte as aprovações de leis, de marcos regulatórios etc, que vc vai ver o tamanho do medo e necessidade de controlar qualquer um que pense diferente, rotulando difamando, caluniando, implantando provas falsas e por ai vai).

Neste segmento, o [Black Bloc] é, anaforicamente, retomado e recategorizado como uma técnica, reforçando sentidos que o dissociam de uma associação, grupo ou milícia. Ademais, é dado ao [Black Bloc] o papel de [mostrar a eles, políticos, que não são intocáveis]. Com esse enunciado, o *Black Bloc* é vinculado a armas de fogo, uma vez que, no parágrafo anterior, a intocabilidade dos políticos tinha sido relacionada à proibição de armas de fogo por parte dos cidadãos. Com isso, os adeptos da tática passam a ser, de certa maneira, encaixados num campo de sentido relacionado à ação direta e ao uso de violência.

Provavelmente prevendo o estabelecimento dessa relação entre [Black Bloc] e violência por parte do enunciatário, o enunciador ressalvar que [nenhum político sofreu atentado ou foi vítima de violência], dissociando, em alguma medida, o *Black Bloc* desse tipo de intervenção. Após isso, o enunciador reforça o poder do *Black Bloc* e a perversidade da classe política aos nos dizer, dialogando com a memória discursiva do leitor, que [Bastou a técnica Black Bloc mostrar a eles que não são intocáveis [...] que o povo passou a ter terroristas em seu meio.] Isto é, de maneira indireta, o enunciador nos apresenta a voz, de acordo com ele, da classe política que faz do grupo de cidadãos emponderados [terroristas]. Para ratificar essa afirmação, o enunciador indica que o enunciatário consulte uma série de medidas legais, que dão a ver o medo que o governo sente desses cidadãos emancipados e, por consequência, do próprio *Black Bloc*: [consulte as aprovações de leis, de marcos regulatórios etc, que vc vai ver o tamanho do medo e necessidade de controlar qualquer um que pense diferente, rotulando difamando, caluniando, implantando provas falsas e por ai vai].

Vejamos o parágrafo seguinte:

A tática Black Bloc apenas exige que sejam efetuadas mudanças, que o governo governe para o povo e em seu nome e benefício, não através da passividade, mas da reatividade. Prontos para, e em condições de reagir, defender os direitos de muitos, muitas vezes pondo esta defesa, acima da dor, da própria segurança e integridade física. Black Bloc não é ausência de medo, e sim um medo de que se não se for feito algo AGORA, como dizem aqui no Brasil, a coisa role ladeira abaixo. Black Bloc é uma luta por igualdade, por educação, para que um dia exista auto gestão, cada um cuide de seus afazeres, seus direitos seus deveres, sem a necessidade de um governo.

Neste parágrafo, são precisadas algumas das mudanças advogadas pelo *Black Bloc*. Nele, o [Black Bloc] é construído como uma tática que exige um governo voltado para o povo: [A tática Black Bloc apenas exige que sejam efetuadas mudanças, que o governo governe para o povo e em seu nome e benefício.]. Outrossim, sentidos relacionados à presença de certo medo da inércia política, à defesa da igualdade, da educação e ao desejo de uma sociedade sem necessidade de controle governamental são relacionados ao [Black Bloc]: [Black Bloc é uma luta por igualdade, por educação, para que um dia exista auto gestão, cada um cuide de seus afazeres, seus direitos seus deveres, sem a necessidade de um governo.] Aqui, na medida em que se opõe à própria instituição governamental, o *Black Bloc* ganha um quê de grupo anarquista.

No parágrafo seguinte:

Demora até chegarmos lá, entretanto, com a quantidade de impostos que pagamos as exigências começam por, saúde, educação, infra estrutura, cultura, lazer de QUALIDADE para todos. Nosso país se mostrou rico, para erguer estádios, instalações olímpicas, para pagar salários altíssimos a políticos, para sustentar privilégios de algumas centenas, enquanto milhões que dependem de educação e saúde públicos, esperam no padrão "Somalia" o que deveriam ter no padrão "FIFA".

Neste momento do texto, a oposição entre [Black Bloc] e [governo] é novamente reforçada, no entanto, aqui seu eixo se dará em torno da precariedade dos serviços oferecidos pelo Estado e os vultosos gastos deste com a copa do mundo. De início, através do uso do dêitico [lá], que encapsula as informações em relação ao funcionamento social ideal discutido no parágrafo anterior, e de um argumento alicerçado na quantidade de impostos, o enunciador, de certa maneira, cobra e faz exigências ao governo: [Demora até chegarmos lá, entretanto, com a quantidade de impostos que pagamos as exigências começam por, saúde, educação, infra estrutura, cultura, lazer de QUALIDADE para todos.].

Posteriormente, o enunciador argumenta que o país se mostrou rico para [erguer estádios, instalações olímpicas, para pagar salários altíssimos a políticos, para sustentar

privilégios de algumas centenas], mas que não deu atenção à educação e à saúde, deixando ambas no padrão Somália e não no padrão FIFA. Com essa comparação, o enunciador mobiliza o conhecimento de mundo por parte do enunciatário, haja vista que a construção de sentidos desse segmento textual em boa parte depende das informações que o enunciatário possui sobre a Somália e sobre o que vem a ser Padrão FIFA. A Somália é um dos países mais pobres do mundo, com metade de sua população abaixo da linha da pobreza e serviços estatais extremamente precários; já o chamado Padrão FIFA se liga a uma série de exigências de altos níveis de qualidade de serviços e de infraestrutura feitos pela FIFA para que um determinado evento esportivo, como a Copa do Mundo, seja organizado por um país. Esta última expressão tornou-se popular ao longo dos anos de 2013 e 2014, período da Copa do Mundo do Brasil, sendo vista como uma expressão adjetiva relacionada à qualidade. Nesse sentido, há a formação de uma oposição entre *Black Bloc* e Copa do Mundo.

Vejamos o parágrafo que sucede esse trecho:

Black Bloc é ação imediata, para que você tenha seus direitos assegurados e pare de ser sistematicamente assaltado por quem deveria governá-lo. A polícia é arma do estado, então pedimos desculpas à todo policial, não é raiva dos senhores como pessoas, não é rixa com sua corporação, mas os senhores defendem um estado que não é o de direito, alias que de direito não tem nada.

Nesse ponto do texto, é discutida a relação que o *Black Bloc* mantém com a polícia. No início do parágrafo o referente [Black Bloc] é anaforicamente retomado e recategorizado, passando a ser visto como uma ação imediata para assegurar direitos e para defender as pessoas dos “assaltos” do governo. Logo após isso, o objeto discursivo [policiais], através de uma relação de anáfora indireta com Estado/governo, é introduzido no texto. Ademais, esse referente é recategorizado, metaforicamente, como sendo uma [arma do estado], isto é, uma instância responsável por proteger o Estado daqueles que o atacam.

Em razão dessa relação entre o referente polícia e o referente Governo/Estado, temos o estabelecimento de uma oposição entre *Black Bloc* e polícia. O caráter antagônico dessa relação é amenizado pelo enunciador do texto que procura, dialogando com talvez um conhecimento prévio do leitor sobre conflitos entre *Black Blocs* e policiais, mostrar que o problema não é com a polícia, mas com a instância a quem esta representa, o Estado: [pedimos desculpas à todo policial, não é raiva dos senhores como pessoas, não é rixa com

sua corporação, mas os senhores defendem um estado que não é o de direito, alias que de direito não tem nada.].

Por fim, analisamos agora o último parágrafo do texto e a assinatura deste:

Atritos com os senhores pois os senhores cumprem seu dever, e nós como cidadãos temos o dever de nos opor à leis injustas. Somos vocês, mas exigindo dos governantes aquilo que os senhores deveriam exigir mas não podem devido a sua postura. Black Bloc é povo na rua, é cidadão de bem contra o sistema que explora oprime e mata. Não com bandeirinhas, não apenas passivamente mas com a bebida que pisca e com a ira dos injustiçados, a revolta dos sem educação de qualidade, o fôlego dos explorados por uma carga tributaria esdruxula e a garra, gana e humor do povo mais belo da face da terra. Brasileiro. Obrigado a cada um que leu esta mensagem, pelo seu tempo.

Um de muitos. Black Bloc Brasil.

No parágrafo, as razões que levam à oposição entre *Black Bloc* e polícia são aprofundadas e a discussão em torno do conceito e dos motivos para a existência do *Black Bloc* é novamente tematizada. No início do parágrafo, o enunciador, identificando-se através do dêitico [nós], marca a sua oposição em relação às leis injustas que são defendidas pela polícia: [Atritos com os senhores pois os senhores cumprem seu dever, e nós como cidadãos temos o dever de nos opor à leis injustas]. Após isso, o enunciador, colocando-se como representante do *Black Bloc*, cria certa relação de identificação posicional entre [Black Bloc] e [polícia]; esta é a defesa do Estado; aquele, em certo sentido, é a defesa do povo: [Somos vocês, mas exigindo dos governantes aquilo que os senhores deveriam exigir mas não podem devido a sua postura.]

Encaminhando-se para o final do parágrafo, num espécie de síntese, são retomadas e desenvolvidas uma série de atribuições dadas ao *Black Bloc* ao longo do texto [o black bloc é povo na rua, é cidadão de bem contra o sistema que explora oprime e mata.]. Além disso, é ressaltada a diferença dos adeptos da tática *Black Bloc* em relação a outras táticas de protestos: [Não com bandeirinhas, não apenas passivamente mas com a bebida que pisca e com a ira dos injustiçados, a revolta dos sem educação de qualidade]. Por fim, são salientados os sujeitos a quem o *Black Bloc* procura representar [o fôlego dos explorados por uma carga tributaria esdruxula e a garra, gana e humor do povo mais belo da face da terra. Brasileiro]. Por fim, o objeto discursivo é novamente retomado, sendo relacionado com o enunciador do texto que se diz [Um de muitos. Black Blocs Brasil].

Em resumo, a partir da análise, chegamos ao resultado de que uma leitura possível da identidade do *Black Bloc* presente no texto analisado está ligada a identificação deste como uma tática, forma, técnica de protesto que visa realizar transformações sociais no modo de funcionamento político e econômico brasileiro. No texto, o *Black Bloc* é visto como uma escolha de cidadãos de bem que decidiram não se calar diante das injustiças sociais e das condições precárias de educação e de saúde vigentes na sociedade brasileira, exigindo, com certo teor anarquista, mudanças. Os adeptos da tática também são vistos como questionadores da alta cobrança de impostos pelo governo e dos gastos estratosféricos com a Copa do mundo.

4.5 ANÁLISE COMPARATIVA

Terminada a análise dos textos, vejamos agora um estudo comparativo destes. Isto é, observemos os pontos de aproximação e de divergência no que se refere ao investimento ideológico/axiológico do objeto de discurso *Black Bloc* realizado pelas distintas instâncias midiáticas. Sobre isto, seis pontos serão para nós fundamentais na feitura do procedimento comparativo; 1) Definição/conceituação do *Black Bloc*; 2) Quem o compõe; 3) Modo de ação 4) Fundamentação teórica e reivindicações; 5) Relação com a polícia; 6) Postura do Estado diante das ações dos adeptos da tática.

No texto de *Veja*, há, no que se refere à conceituação, um investimento ideológico claramente contrário à tática, com o *Black Bloc* sendo definido como um [bando de inspiração anarquista, defensor da “destruição consciente da propriedade privada” e autodeclarado inimigo do capitalismo], um [Bloco do quebra-quebra] e um [Bando de arruaceiros]. No texto de *Carta Capital*, percebemos um investimento ideológico de teor, no mínimo, mais compreensivo e complexo; como se pode ver através das nomeações: [Tática de guerrilha urbana anticapitalista], [fenômeno complexo], [jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos]. Já no texto do *Black Bloc - RJ*, o *Black Bloc* não é associado tão fortemente com anticapitalismo e com anarquismo, mas sim com cidadãos que não se veem representados pelo governo e que ao mesmo tempo exigem mudanças sociais: [O Black Bloc não sai para implantar o terror, não é milícia, é uma tática usada por cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual], [Black Bloc é uma luta por igualdade, por educação, para que um dia exista auto gestão, cada um cuide de seus afazeres, seus direitos, seus deveres sem a necessidade de um governo] e – [Black Bloc é ação imediata, para que você tenha seus direitos assegurados e pare de ser sistematicamente assaltado por quem deveria governá-lo].

No que se liga aos adeptos da tática, *Veja* nos diz que estes são em sua maioria [Jovens e moradores da periferia], [punks], [egressos de movimentos sociais decadentes, como o MST] e [universitárias de tênis farm]. *Carta Capital* nos diz que estes são em sua maioria [jovens que confiam em coletivos como o MPL e a Marcha das Vadias, mas não em partidos políticos] e [indivíduos com propósitos similares, mas nunca coibidos pela coletividade]. Já o *Black Bloc - RJ* nos fala que o *Black Bloc* é composto por [cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual] e pelo [povo da rua].

Sobre o modo de ação do *Black Bloc*, *Veja* nos fala que este é um grupo violento e baderneiro, que [tem transformado a baderna e a violência em uma assustadora rotina], que esteve [por trás de todas as manifestações violentas que explodiram no Rio de Janeiro], que [queimou catraca], [invadiu prédio público] e [destruiu vidraça]. *Carta Capital*, ao encontro de *Veja*, também nos fala sobre, de acordo com ela, certa radicalidade e extremismo do *Black Bloc*; no entanto em boa parte das vezes, faz isso de maneira sutil e indireta: [uma jovem de rosto coberto vestida de preto tenta destruir um Chevrolet Camaro [...] Outros trajados da mesma forma, paus e pedras nas mãos, estilhaçam a parede de vidro de uma agência bancária], [a face extrema dos encapuzados], [as ações de depredação não seriam violentas por não serem contra pessoas], [antipatia contra qualquer forma de organização que iniba sua liberdade de ação], [“atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval”]. Por fim, o *Black Bloc - RJ*, de certa maneira, contrapõe-se às duas mídias supracitadas, na medida em que constrói as ações da tática *Black Bloc* não como violência gratuita ou baderna, mas sim como uma espécie de necessidade de comunicação em um tempo no qual os governos não ouvem os cidadãos: [Black Bloc é ação imediata, para que você tenha seus direitos assegurados e pare de ser sistematicamente assaltado por quem deveria governá-lo], [é povo na rua, é cidadão de bem contra o sistema que explora, oprime e mata. Não com bandeirinhas, não apenas passivamente mas com a bebida que pisca e com a ira dos injustiçados].

Em relação aos fundamentos teóricos, reivindicações e críticas; *Veja* nos diz que aquilo que embasa as ações do *Black Bloc* são filmes e livros de caráter anarquista e guerrilheiro: o filme [*Brad, Uma noite mais nas Barricadas*] e os livros [Manual do Guerrilheiro Urbano, de Carlos Marighella] e [The Black Bloc Papas]; sobre as reivindicações/críticas do *Black Bloc*, *Veja*, através de citação, diz que os alvos destes são: [“bancos, grandes empresas e a imprensa mentirosa”]. *Carta Capital*, apesar de não salientar a relação entre *Black Bloc* e guerrilha urbana, ressalta bastante a dimensão de ilegalidade da tática, fazendo questão de mencionar que na cartilha utilizada pelos adeptos, [“Manual da

Ação Direta”], há várias diretrizes relacionadas à prisão e a confrontos com a polícia; sobre as reivindicações/críticas do *Black Bloc*, *Carta Capital* menciona o caráter [anticapitalista], o [questionamento da mobilização pelo próprio sistema representativo] e a [“insatisfação com o sistema político econômico”]. O *Black Bloc* - RJ não chega a mencionar fundamentos teóricos para a ação dos adeptos da tática, mas salienta bastante as reivindicações destes: [Exige que sejam efetuadas mudanças, que o governo governe para o povo e em seu nome e benefício], [as exigências começam por saúde, educação, infra estrutura, cultura, lazer de QUALIDADE para todos]; reivindicações que se situam no campo democrático e institucional e não somente no campo revolucionário, como *Veja* e *Carta Capital* dão a entender; no entanto, é importante mencionar que essa dimensão radicalmente transformadora e anarquista também está presente no texto do *Black Bloc* - RJ, só que de maneira relativamente processual, uma vez que o desejo de uma sociedade sem governo é lançado para um futuro distante: [Black Bloc é uma luta por igualdade, por educação, para que um dia exista auto gestão, cada um cuide de seus afazeres, seus direitos, seus deveres sem a necessidade de um governo].

Sobre a relação do *Black Bloc* com a polícia, *Veja* nos diz que um dos objetivos do *Black Bloc* é provocar e confrontar a polícia: [Quando a polícia se aproxima [...] alguns membros lançam morteiros, coquetéis molotov e pedras com estilingues. O objetivo é provocar a polícia. Quando ela reage, eles se dividem: uma turma parte para cima e a outra foge para pichar muros, atear fogo em latões]. Já *Carta Capital* traz a ideia de que o *Black Bloc* é tanto uma forma de ação que confronta a polícia quanto uma tática que visa proteger os manifestantes dos excessos policiais: [quem eram e o que queriam aqueles jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos?], [Num primeiro ato, protegeram os manifestantes da repressão policial, tradição alemã], [pois eles agiriam como “linha de frente no enfrentamento com a polícia”, diz um blog anarquista]. Por último, o *Black Bloc* - RJ vê a tática de forma antagônica com a polícia somente por esta última ser um dos elementos utilizados pelo governo para impedir transformações sociais: [Atritamos com os senhores (policiais) pois (...) temos o dever de nos opor a leis injustas. Somos vocês, mas exigindo dos governantes aquilo que os senhores deveriam exigir].

Por fim, no que se liga à reação do Estado às ações do *Black Bloc*, *Veja* adota uma postura claramente criminalizadora, chegando mesmo a citar alguns crimes pelos quais os adeptos do *Black Bloc* poderiam ser processados: [Embora haja uma definição mais precisa para isso – e ela pode ser resumida na palavra crime –, quase nenhum black bloc está preso hoje no país.], [Com toda essa destruição por que não há vândalos presos?...] Essa decisão

tem de partir de um juiz, que, para tomá-la, precisaria estar amparado numa investigação policial – que até hoje não foi feita, ao menos de forma sistemática], [outra opção seria enquadrar os arruaceiros pelo crime de formação de quadrilha, além de dano ao patrimônio]. *Carta Capital* não chega a exortar de maneira direta a prisão do *Black Bloc*, no entanto, de maneira indireta, realiza um investimento ideológico no qual as ações do *Black Bloc* são vistas, no mínimo, como criminosas: [(...) quando bases policiais e bancos foram destruídos em protestos organizados pelo MPL. O coletivo prestou ajuda jurídica a todos os presos nos protestos, independente do crime a eles imputado. Todas as prisões eram políticas e arbitrárias, diziam.]; além disso, indiretamente chama os adeptos do *Black Bloc* de baderneiros, dando margem para que o leitor possa relacioná-los com o crime de vandalismo, por exemplo: [“era quando havia desentendimentos entre manifestantes que optam por uma tática ou outra, entre os chamados de pacíficos e os chamados de baderneiros”, diz Caio Martins, do MPL.]. O *Black Bloc - RJ* diz que o Estado – a partir do momento em que passou a temer o povo, em virtude, entre outras coisas, da tática *Black Bloc* – passou a acusar manifestantes de terrorismo: [Bastou a técnica *Black Bloc* mostrar a eles [políticos] que não são intocáveis (nota bem, nenhum político sofreu atentado ou foi vítima de violência) que o povo passou a ter terroristas em seu meio]; esta postura do Estado frente ao *Black Bloc*, no texto, é vista como sendo, de certa forma, desproporcional.

Em síntese, *Veja* constrói o *Black Bloc* de uma maneira claramente negativa, colocando-o como uma bando de arruaceiros, hedonistas e proto-revolucionários, que já deveriam, por seu enfrentamento com a polícia e destruição do patrimônio público e privado, ter sido presos. *Carta capital* evita marcar diretamente posição em relação ao *Black Bloc*, no entanto, através das vozes que traz e de algumas passagens de seu texto, dá a entender uma postura reprobatória diante da tática, construindo esta como um modo de ação desorganizado, contraprodutivo e, em certo sentido, mesmo criminoso. Em oposição a isso, o *Black Bloc - RJ* constrói a tática como algo positivo, uma forma que os cidadãos encontraram de exigir seus direitos e lutar por transformações da vida social; evitando criminalizar os adeptos desse modo de reivindicação e nos dizendo que os conflitos do *Black Bloc* com a polícia só se dão em virtude da posição que esta ocupa em relação aos interesses do Estado.

Nesse sentido, é possível notar o quanto o objeto de discurso/signo *Black Bloc* é, antes de tudo, retomando Bakhtin/Volochínov (1998), uma arena de lutas na qual diversas vozes sociais e investimentos axiológicos entram em disputa. No caso, pelo estudo comparativo da construção referencial/sígnica e do investimento axiológico em cada uma das

mídias (hegemônica, contra-hegemônica e radical), imaginamos que tenha sido possível perceber a presença de vozes sociais que, heteroglossicamente, constroem os *Black Blocs* de maneiras bastante diferentes: desde aquela que os concebem como um grupo de vândalos e arruaceiros até aquela que os entendem como heróis responsáveis por transformar a vida social. De fato, a identificação do *Black Bloc* se dará a ver não por fatores transcendentalmente apriorísticos e ontologicamente substanciais – até porque talvez isso seja impossível –, mas, sobretudo, por conta dos jogos de linguagem e de poder no qual esse objeto de discurso/signo se vê imbricado.

Após a realização desse estudo comparativo, passemos agora a discussão da dimensão ético-política do investimento axiológico das três instâncias midiáticas sobre o objeto de discurso/signo *Black Bloc*. Discutamos os resultados, então.

4.6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para discutir a dimensão ético-política da construção discursivo-identitária do *Black Bloc* nos textos por nós analisados, recorreremos à discussão – presente no capítulo 3 desse trabalho – em torno do cenário de crise no qual vivemos, da relação que o *Black Bloc* mantém com este cenário e do funcionamento ideologicamente cínico do contemporâneo. Recorreremos também, na construção de nossa argumentação, como forma de defesa e exemplificação de nossas proposições, a acontecimentos políticos-sociais-jurídicos ocorridos em e/ou posteriores a 2013, como a prisão de adeptos da tática *Black Bloc* em 2013, a repressão aos protestos de professores no Paraná em 2015, etc.

Seguindo o que foi exposto na fundamentação teórica, podemos dizer que vivemos em tempos de ideologia cínica, na qual o desvelamento dos pressupostos da ação não é o suficiente para a feitura de uma reorientação ou modificação dessas mesmas ações. Nesse contexto, um procedimento de crítica da ideologia que vise tão somente desvelar posicionamentos ideológicos mostra-se pouco interessante e, de certa forma, não eficiente em sua intenção transformadora. Como uma possível forma de solução para esse impasse, sugerimos, baseados em Bakhtin/Volochínov (1998) e Žižek (1996), a realização de uma crítica da ideologia que antes de tudo leve em conta a (des)estruturação e as consequências práticas das construções discursivas.

Sabendo disso, para a discussão do investimento ideológico do referente/objeto de discurso *Black Bloc*, discorreremos em particular sobre possíveis consequências ético-

político-jurídicas das construções realizadas pelos textos. Dito isto, os pontos a serem debatidos são: 1) Violência e criminalização do *Black Bloc* no texto de *Veja*; 2) Ideologia cínica na reportagem de *Carta Capital*: O *Black Bloc* é legítimo, mas...; 3) Superestruturas ideológicas: *Veja*, *Carta Capital* e a construção de um horizonte social bipolarizadamente uno; 4) Das problemáticas do heroísmo: o *Black Bloc* por si mesmo.

Ao encontro do que já foi dito, no texto de *Veja*, o *Black Bloc* é construído como um grupo violento de arruaceiros e de baderneiros com tendência anarquista, composto, sobretudo, por punks, por moradores de periferia e por (ex-) militantes de [movimentos sociais decadentes], como o MST. Para o enunciador do texto de *Veja*, os arruaceiros *Black Blocs* já poderiam ter sido presos tanto pelo crime de vandalismo quanto pelo crime de formação de quadrilha. Para pensar a dimensão ideológica dessa construção, dois pontos são fundamentais: a relação entre *Black Bloc* e violência e a (hiper)criminalização do *Black Bloc*.

Em seu texto, *Veja*, de certa maneira, faz silêncio sobre a questão da *violência objetiva* que sustenta o tecido social brasileiro, dando ênfase, sobremaneira, à violência subjetiva do *Black Bloc*. Isto é, o enunciador do texto de *Veja* evita trazer à tona uma discussão sobre – a partir das propostas de Zizek (2014) – o cenário estruturalmente violento de desigualdade social, política e econômica do Brasil contemporâneo, dando especial atenção à violência localizada e espetacularizada do *Black Bloc*. De fato, das vezes em que toca em assuntos sobre o capitalismo e cenário de crises, faz isso de maneira pontual e de forma a desqualificar os intelectuais que buscam pensar o *Black Bloc* nesses termos, de certa maneira, mais complexos. Para *Veja*, o *Black Bloc* é tão somente um grupo de arruaceiros e baderneiros que devem ser, criminalmente, acusados, julgados e punidos.

Ao retratar o *Black Bloc* assim, *Veja* contribui para uma hipercriminalização dos adeptos da tática e para a adoção de uma postura mais repressora do Estado no que se refere ao *Black Bloc* e às manifestações sociais de uma maneira geral. O que pode ter contribuído para a prisão temporária de adeptos do *Black Blocs* no ano de 2013, acusados do crime de formação de quadrilha armada e de incitação à violência⁴⁴ e da justificativa utilizada pelo

⁴⁴ Disponível em: <[http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,integrantes-do-black-bloc-no-rio-sao-presos-e-indiciados-por-formacao-de-quadrilha-armada,1071238.](http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,integrantes-do-black-bloc-no-rio-sao-presos-e-indiciados-por-formacao-de-quadrilha-armada,1071238.;)>.

governador do Paraná para a repressão agressiva contra um protesto de professores no Paraná: a presença do *Black Bloc*⁴⁵.

Não se trata aqui de questionar a pertinência dessas ações impetradas pelo Estado, uma vez que, no espaço desse trabalho não nos cabe fazer isso. O que se quer salientar através dessa discussão é o quanto determinados modos de construção discursiva podem ser (in)consequentes do ponto de vista ético-político.

No texto de *Carta Capital*, como já foi mostrado, o *Black Bloc*, apesar de ser visto a partir de uma perspectiva mais complexa, também é, de certa forma, desqualificado e tem suas ações, em boa parte, vistas como deletérias em relação, pelo menos, ao regime democrático. Desse ponto de vista, o efeito ideológico do texto vai bem ao encontro do modo de funcionamento cínico do social contemporâneo, haja vista que é como se o efeito de sentido do texto pudesse ser sumarizado através do seguinte enunciado “Eu sei que o *Black Bloc* é uma forma de contestação das desigualdades sociais, da truculência da polícia, do capitalismo e que, além disso, ele é tratado de maneira superficial e é hipercriminalizado pela Mídia; mas, mesmo assim, ele é um câncer debelador de movimentos, um destruidor de organizações que lutam pela revolução social e um dessevirço para quem busca conquistas sociais concretas, etc.”. Ou seja, o desvelamento do investimento ideológico da Mídia Hegemônica, a quem *Carta Capital* procura se contrapor, e a discussão mais problematizadora realizada em torno do fenômeno *Black Bloc* não gera, grosso modo, uma grande reordenação de condutas práticas. Por consequência, através dessa discussão de caráter mais “complexo”, *Carta Capital* talvez acaba por deslegitimar de maneira mais virulenta até do que *Veja* a presença do *Black Bloc* no espaço dos protestos e, porventura, no espaço da própria democracia, já que, em certo sentido, acaba por nos levar a conclusão de que, mesmo observado sob o pano de fundo da violência objetiva do capitalismo, o *Black Bloc* não é uma tática interessante para quem deseja reais transformações ou conquistas sociais.

Esse tipo de construção talvez seja um dos fatores que – tendo em vista a, proposta por Hanks (2008), construção sócio-textual do contexto – motivou o

⁴⁵ “O radicalismo e a irracionalidade de pessoas mascaradas e armadas com pedras, bombas de artifício, paus e barras de ferro, utilizados contra os policiais, são responsáveis diretos pelo confronto que se instalou na Praça Nossa Senhora de Salete. [...] E a investigação sobre os atos protagonizados por pessoas ligadas ao movimento black-bloc já está em curso, sob responsabilidade da Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária.” Disponível em: <<http://www.tribunapr.com.br/noticias/parana/saiba-qual-a-posicao-do-governo-do-parana-sobre-confusoes-no-centro-civico/>>.

desentendimento entre os adeptos da tática *Black Bloc* e alguns manifestantes e políticos ligados a partidos de esquerda como PSTU e PSOL, os quais em várias situações criticaram e mesmo, apenas este último, criminalizou, em alguns momentos, o *Black Bloc*. No caso do PSTU, pode-se comprovar isso ao observar o artigo *Uma vez mais sobre a polêmica com o Black Bloc*, publicado no site do partido⁴⁶, no qual críticas são feitas ao modo de ação *Black Bloc*. No caso do PSOL, pode-se comprovar isso ao observar as declarações do então deputado Marcelo Freixo, o qual criticava e se mostrava hostil ao *Black Bloc*⁴⁷.

Tendo em vista isso, interessante notar que, apesar das construções referenciais/sígnicas do *Black Bloc* em *Veja* e em *Carta Capital* serem distintas, seus efeitos ideológicos, de certa maneira, se aproximam. Por conseguinte, talvez seja pertinente dizer que há uma espécie de superestrutura ideológica que amalgama os dois investimentos referenciais/sígnicos, na medida em que por mais que a construção e a maneira de discorrer sobre o *Black Bloc* sejam distintas, a deslegitimação destes e de grupos que fazem uma crítica radical do sistema político-econômico permanece.

Sobre o texto *Black Bloc, questão de escolha*, podemos dizer que a tática *Black Bloc* é vista como uma escolha de cidadãos que decidiram não se calar diante das injustiças sociais e das condições precárias de educação e de saúde vigentes na sociedade brasileira, exigindo, com certo teor anarquista, mudanças. Os adeptos da tática também são vistos como questionadores da alta cobrança de impostos pelo governo e dos gastos estratosféricos com a Copa do Mundo, construindo-se, em razão disso, de certa maneira, como espécie de heróis que combatem as injustiças e as opressões sociais.

Essa construção identitária que faz do *Black Bloc* uma tática utilizada por heróis é problemática na medida em que pode acarretar, mesmo que indiretamente, a legitimação de ações (não somente reações) de violência subjetiva contra a Polícia Militar⁴⁸, vista como

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/node/19924>>;

⁴⁷ “Não dá para concordar com quebra-quebra e claro que a polícia tem que prender quem estiver depredando o patrimônio público ou privado. A polícia tem que agir dentro do que a lei determina.”, então deputado Marcelo Freixo, do PSOL-RJ, sobre os manifestantes que usavam a tática *Black Bloc*. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-18/marcelo-freixo-comportamento-do-comandante-da-pm-foi-patetico.html>>;

⁴⁸ “A Polícia Militar (PM) afirma que o coronel Reynaldo Simões Rossi, comandante do policiamento da área Centro, teve a clavícula quebrada em agressão cometida por um grupo de *black blocs* na noite de sexta-feira.” Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/10/coronel-da-pm-foi-agredido-e-teve-arma-roubada-durante-tumulto.html>>.

braço armado do Estado, e mesmo contra cidadãos indiferentes ou contrários às reivindicações e ao modo de atuação dos adeptos da tática⁴⁹.

Ademais, a oposição que o texto constrói entre *Black Bloc* e Estado – sendo este visto como instância violenta e ilegítima – pode acabar reforçando o universo de crise política no qual vivemos, colaborando para o descrédito das instituições estatais e democráticas de uma maneira geral. Com efeito, isso pode servir de estímulo para agentes políticos que sejam favoráveis a abruptos rompimentos constitucionais, como revoluções e golpes de Estado, o que pode levar a uma revolução, como a francesa de 1789, ou a instauração de uma ditadura à maneira do que ocorreu aqui no Brasil em 1964.

De fato, como nos mostra Lowy (2015), há, motivado pela conjuntura de crises, um crescimento da extrema-direita e do fascismo, no contemporâneo. Este processo, de acordo com o autor, dar-se-ia pela tomada de espaço político gerada pela crise econômica de 2008 e pela crise de confiança nas instituições estatais – crise na/de representação. O *Black Bloc*, na construção que faz de si mesmo, de certa maneira, acaba por reforçar esta conjuntura de esvaziamento e falta de confiança, colaborando, indiretamente, para o recrudescimento da extrema direita e para a radicalização política.

Em resumo, nessa subseção, houve a tentativa de problematizar minimamente a dimensão ético-política da construção referencial-identitária do *Black Bloc* no espaço dos textos que foram por nós analisados. De fato, a intenção não foi aqui contrastar a identidade *Black Bloc* presente nos textos com uma possível verdade extralinguística, a qual, por nossa posição como analistas, teríamos acesso privilegiado; antes de tudo, o objetivo foi discutir possíveis efeitos de sentido e consequências sociais de determinados investimentos discursivos. Cumprido este último objetivo do trabalho, passemos às considerações finais.

⁴⁹ “O incêndio no Fusca foi uma das consequências dos atos de vandalismo cometidos por mascarados na região central. [...] . Black blocs destruíram vidraças de agências bancárias, concessionárias e também um carro da Guarda Civil Metropolitana (GCM).”Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/familia-comemora-ter-escapado-de-fogo-em-fusca-durante-ato-em-sp.html>>.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi discutir de que maneira *mídia hegemônica, contra-hegemônica e radical* construíram discursivamente a identificação do *Black Bloc*. Acreditamos ter conseguido, de uma maneira geral, realizar este objetivo, apesar do muito que ainda poderia ter sido explorado. Mesmo com alguns talvez inescapáveis deslizes, cremos que, através da discussão por nós engendrada, foi possível tanto analisar esses aspectos identitários, quanto, além disso, ao nível teórico, mostrar a pertinência e a produtividade de uma articulação entre Referenciação, perspectiva bakhtiniana de linguagem e crítica da ideologia de base zizekiana. De fato, quando se observam os capítulos deste trabalho a realização destas metas se torna relativamente evidente.

Sobre a identidade do *Black Bloc*, através da análise e da discussão de resultados – presentes no capítulo 4 –, foi possível observar o quanto esta se mostra plural e o quanto, de certa maneira, acaba por ser um ponto de encontro de uma série de questões mais abrangentes relacionados ao social contemporâneo e, conseqüentemente, ao universo de crise no qual estamos inseridos. De fato, como a identidade *Black Bloc*, nas três instâncias midiáticas, é construída através de um jogo de relações articulado com o sistema econômico, com o Estado, com a mídia, etc; a discussão a respeito do *ser* do *Black Bloc* acaba por se tornar uma discussão a respeito dos elementos sociais que lhe são constitutivos e/ou geradores. Não bastando isso, a construção de identidade da tática influencia a forma de apreensão social e jurídica dos adeptos desta, colaborando para a hipercriminalização e/ou desletigitimação destes – o que é feito por *Veja* e por *Carta Capital* – e/ou para a transformação destes em heróis – o que é feito pela página *Black Bloc* - RJ. Em nosso trabalho, buscamos problematizar a construção realizada por cada uma dessas instâncias midiáticas, trazendo à tona, entre outras coisas, possíveis conseqüências ético-políticas da assunção desses discursos.

No que se refere à abordagem funcional da Referenciação e à articulação desta com uma perspectiva bakhtiniana de linguagem – apresentadas particularmente no capítulo 2 – acreditamos que ambas tenham se mostrado bastante interessantes. A abordagem funcional da Referenciação – por salientar a dimensão interacional e pragmática do texto – realmente proporciona uma maior desenvoltura analítica e uma maior acurácia no que liga à investigação da construção de sentidos, quando comparada à abordagem tão somente classificatória, que sustenta, de certa maneira, grande parte dos estudos de texto. O diálogo entre Referenciação e perspectiva bakhtiniana de linguagem também se mostrou bastante

pertinente, na medida em que deu margem a uma maior aproximação e precisão na discussão a respeito do laço entre linguagem e poder; de fato, quando observamos a construção de referentes a partir das ideias de *dialogismo*, *vozes sociais* e *heteroglossia*, vemos o quanto estes, mais do que formas de nomeação do mundo, são lugares de disputa de poder.

Ademais, a convocação das ideias de Zizek, em conjunção com as de Bakhtin e o Círculo, para pensar a questão da crítica da ideologia no contemporâneo – presente no capítulo 3 – também se mostrou bastante válida. Apesar de não resolver todos os problemas desenhados pela ascensão de um modo de funcionamento cínico da ideologia e de uma consequente falência da crítica, acreditamos que a sugestão zizekiana de fidelidade ao *Real* e ao *negativo*, amalgamada a uma discussão da dimensão ético-política de determinadas construções de sentido, mostrou-se científica e socialmente interessante.

Por fim, é importante destacar que este trabalho procurou não desmascarar o *Black Bloc*, mostrando sua face escondida debaixo das palavras; na verdade, coerentemente com as teorias e perspectivas nas quais foi embasado, buscou, antes de tudo, mostrar e questionar a “máscara verbal” com que a *mídia hegemônica*, *contra-hegemônica* e *radical* o “vestiu”. De fato, talvez estes sejam os grandes mascarados, já que, em grande parte, cobrem com máscaras de imparcialidade o “rosto” de suas posições político-sociais. Em nosso entender, a máscara é um atributo de todo e qualquer ser social, que, se dá a ver alguma coisa de seu rosto *real*, é unicamente o silêncio *negativo* dos seus olhos, o qual buscamos, ao longo de todo nosso percurso aqui, “fotografar”. Acreditamos ter conseguido.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora da UNESP e Hucitec, 1988.
- BARBOSA, M. Uma perspectiva dialógica de constituição da referenciação. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 06 n.12, 2010.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi.[S.l]: Zahar, 2005.
- BEAUGRANDE, R. **New Foundations for a Science of Text and Discourse**: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to knowledge and society. Norwood, New Jersey, Ablex, 1997.
- BENTES, A.C. REZENDE, R. C. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). **[Re]Discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- BRANDÃO, I. L. O homem que descobriu o dia da negação. In: RUFFATO, L. (ORG.). **Nos idos de março**: a ditadura militar na voz de 18 autores brasileiros. São Paulo: Geração Editorial, 2014.
- BRESSER-PEREIRA, L.C. **A construção política do Brasil**: sociedade, economia e Estado desde a independência. Rio de Janeiro: Editora 34, 2014.
- CARUJO, C. Democracia, institucionalização e subversão. In: **Revista Sol Nascente**, n. 4, Ago. 2013.
- CARROLL, L. **Alice no país das maravilhas**. [S.l]: Leya, 2009.
- CASTELLS, M.; GERHARDT, K. B. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2000.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2013.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2000
- _____. Processos de referenciação – uma revisão classificatória. In: ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM LETRAS E

LINGÜÍSTICA, 9., 2004, **Comunicação apresentada na XIX ANPOLL**. Alagoas: UFAL, 2004.

_____. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, Vozes, 1980.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 207f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2008.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. 2007. 214f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza. 2007.

COSTA, J. A Tática do Black Bloc. **Revista Mortal**, São Paulo, out. 2010.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEMÉTRIO, A. K. **A maçã no escuro como metáfora da trajetória conceitual da referência no âmbito dos estudos da linguagem**. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza. 2014

DERRIDA, J. **Assinatura, acontecimento e contexto**. [S.l]: Limited Inc, 1991.

DIAS, R. S. Tematização e circulação de enunciados em mídias radicais, de organização e informativas pelos movimentos de resistência global. In: FERREIRA, J.; VIZER, E. (Org.). **Mídia e movimentos sociais**: linguagens e coletivos em ação. Vol. 1. São Paulo: Paulus. Coleção Comunicação, 2007, p. 201-232.

DUCROT, O. **O dizer eo dito**. [S.l]: Pontes Editores, 1987.

DUPUIS-DÉRI, F. **Black Blocs**. Tradução Guilherme Miranda. São Paulo: Veneta, 2014.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma introdução. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora Boitempo, 1997.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FARACO. C. A. **Linguagem e Diálogo**: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FERREIRA, R. R. **Guerra na Língua**: mídia, poder e terrorismo. Fortaleza: EdUECE, 2007.

_____. **Marchas, redes, paradas e primaveras no social contemporâneo**: sujeitos, políticas de representação, antagonismo e subversão na era da complexidade política e os desafios de um pensamento crítico da linguagem. **Fortaleza** 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/index.php/projetos-de-pesquisa/linha-03>. Acesso em 07 out. 2016.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. [S.l]: Ática, 2006.

FIORIN, J. L. A linguagem em uso. In: _____ (org.). **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 165-187.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: Beth Brait (Orgs.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010, p.161-194.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. [S.l]: Zahar, 2002.

GOMES, E. **A constatação da corrupção enquanto performatização de um discurso: uma análise de reportagens de Veja em casos de corrupção política**. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. [S.l]: TupyKurumin, 2006.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Organização Anna Christina Bentes, Renato C.Rezende, Marco Antônio Rosa Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

HARVEY, D. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O neoliberalismo: história e implicações**. Trad. Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013a.

_____. **Para entender o capital**. São Paulo: Boitempo, 2013b.v. 1.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I. G. V. Referenciação. In: **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

IT. **International Transparency** (Transparência Internacional). 2014. Disponível em: <http://www.transparency.org/policy_research/surveys_indices/cpi/2014>. Acesso em 02 fev 2016.

JUDENSNAIDER, E. *et al.* **Vinte centavos: a luta contra o aumento**. São Paulo: Veneta, 2013.

LAGE, A. C. Da subversão dos lugares convencionais de produção do conhecimento à epistemologia de fronteira: que metodologias podemos construir com os movimentos sociais? **E-cadernos ces**. Disponível em:<<http://eces.revues.org/1394>>. Acesso em: 13 set 2015.

LÉ, J. B. **Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital**. 2012. 191f. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

LÖWY, M. Conservatism and far-right forces in Europe and Brazil. **Serviço Social & Sociedade**, n. 124, 2015, p. 652-664.

MAIOR, J. L. Lei geral da copa: explicitação do estado de exceção permanente. In: JENNINGS, Andrew *et al.* **Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?**. Boitempo Editorial, 2015.

MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 10, n. 29, p. 5-34, 1995.

MANSO, B. P.; SOLANO, E.; NOVAES, W. **Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, v. 56, 2005.

_____. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n.1, p. 43-62, 2002.

MARTINS, H. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.) **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. Contexto: problemática ad infinitum: In: SILVA, D. N.; MARTINS FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. (Orgs.) **Nova Pragmática: Modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 190-206.

MEDEIROS, M.; SOUZA, P. H. G. F.; CASTRO, F. A. **A estabilidade da desigualdade de renda no Brasil, 2006 a 2012: estimativa com dados do Imposto de Renda e Pesquisas Domiciliares**. Ciência Saúde Coletiva, 2014.

MELO NETO, J. C. de. **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MOISÉS, J. A. **Democracia e Confiança - Por que os Cidadãos Desconfiam das Instituições Democráticas?** São Paulo: Edusp, 2010.

MOISÉS, J. A.; MENEGUELLO, Rachel (Ed.). **A Desconfiança Política e os seus Impactos na Qualidade da Democracia**. [S.l:s.n.], 2013.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, Mônica M et.al. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, p.17-52.

NATALE, E. A. We're here, We're Queer, We're Anarchists': The Nature for identification and Subjectivity Among Black Bloc. **Anarchist Developments in Cultural Studies "Post Anarchism Today"**, 2010.1

NETTO, J. P. **Que é marxismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

NÓBREGA JÚNIOR, J. M. P. da. A militarização da segurança pública. **Revista de Sociologia e Política**, [S.], v. 18, n. 35, p. 119, 2010.

NOGUEIRA, M. A. Representação, crise e mal-estar institucional. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 1, p. 91-111, 2014.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. Edições Loyola, 1996.

OTTONI, P. R. **Visão Performativa da Linguagem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

PEIXOTO, M. E. G. **O escândalo político como luta social**: uma análise de discurso crítica do evento midiático *Novos Alopados*. 2014. 234f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. Trad. Mônica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. [S.]: Boitempo Editorial, 2001.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

QUADRADO, C. Y. H. **Black Bloc, mídia e identidade**: um estudo sobre como o jornal o Estado de S. Paulo propôs uma identidade ao grupo de manifestantes Black Bloc. 2014. 131f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

RAMOS, A. **A democratização da mídia**: o papel da blogosfera na democratização da comunicação. 2014. 33f. Monografia (especialização em Jornalismo) - Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2014.

RECH, H. L. Slavoj Zizek: Real, Fantasia, Objetos Sublimes da Ideologia, Ato Político e Educação. In: **Revista Dialectus**, v. 1, n. 2, 2013.

ROLNIK, R. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: ROLNIK, Raquel et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROQUE, C. et al. Black Bloc sob a perspectiva das revistas Carta Capital e Veja. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Paraná, **Artigo apresentado no XVII Congresso brasileiro de ciências da comunicação**, Paraná, 2014.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção de sentidos e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C.; (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-168.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SLOTERDIJK, P. **Crítica da razão cínica**. Trad. Marcos Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SOLANO, G. E. A pesquisadora. A pesquisadora-Esther Solano Gallego. In: MANSO, B. P.; SOLANO, E.; NOVAES, W. **Mascarados**: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

THOMPSON, A. K. **Black Bloc, White Riot**: Anti-globalization and the Genealogy of Dissent.[S.I]: AK Press, 2010.

TROPA DE ELITE 2: o inimigo agora é outro. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Zazen Produções, 2010. 115 min, cor.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo, Summus, 1996.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. Col. Os Pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1999.

_____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1988.

ZIZEK, S. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Trad. Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. Introdução: O espectro da ideologia. In: _____. et. al. (org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.7-38.

_____. **A visão em paralaxe**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANEXOS

ANEXO A – O bloco do quebra-quebra



BLACK TROPICAL -- Na Europa, onde o grupo surgiu, coturnos e preto total fazem parte do uniforme dos mascarados; na versão brasileira, entram as sandálias havaianas e as camisetas de time (Foto: Luan Corrêa)

Reportagem de Bela Megale e Alexandre Aragão, com colaboração de Pâmela Oliveira, publicada na edição de VEJA que está nas bancas

O BLOCO DO QUEBRA-QUEBRA

Com slogans anarquistas na cabeça e coquetéis molotov na mão, os black blocs se espalham pelo Brasil e transformam protestos em arruaça. Jovens da periferia, punks e até universitárias de tênis

Farm compõem o bando

No começo, quase ninguém notou a chegada deles. Em 20 de abril de 2001, o mesmo dia em que grupos anarquistas no Canadá protestavam contra a criação da Alca, em Quebec, na Avenida Paulista, em São Paulo, um bando de arruaceiros com o rosto coberto destruiu a marretadas agências bancárias e uma loja do McDonald's. Era a primeira arruaça black bloc no Brasil.

Embora, àquela altura, pouca gente soubesse o que era isso, o bando de inspiração anarquista, defensor da “destruição consciente da propriedade privada” e autodeclarado inimigo do capitalismo, começava a se organizar no país. Hoje, os militantes, por assim dizer, não chegam a duas centenas por aqui. É um grupo pequeno, mas que, engrossado por vândalos de ocasião, em algumas capitais tem transformado a baderna e a violência em uma assustadora rotina.



VIROU ROTINA -- Mascarado destrói vitrine de loja de carros em São Paulo. A cena se repete há mais de dois meses também no Rio de Janeiro, sem que haja quase nenhum baderneiro preso (Foto: Fabio Braga / Folhapress)

Na semana passada, os black blocs estiveram por trás de todas as manifestações violentas que explodiram no Rio de Janeiro e em São Paulo, com exceção da tentativa de invasão do Hospital Sírio-Libânes, esta uma obra de sindicalistas. Na quinta, no Rio de Janeiro, cerca de 200 mascarados depredaram agências bancárias, pontos de ônibus e arremessaram um banheiro químico no meio da rua.

A Avenida Rio Branco, uma das principais vias da cidade, ficou parada por quase sete horas. No dia anterior, em São Paulo, black blocs haviam queimado uma catraca, que levaram durante toda a manifestação como troféu. Na sequência, invadiram o prédio da Câmara Municipal e destruíram suas vidraças.

Por princípio herdado dos seus precursores europeus, muitos dos black blocs desprezam qualquer movimento político organizado, à direita ou à esquerda, o que inclui até os, atualmente em voga, Fora do Eixo e **Mídia Ninja**. Mas, ao menos no Brasil, o fato de saberem do que não gostam não quer dizer que saibam o que querem.

Exemplo disso ocorreu durante a invasão da Câmara Municipal de São Paulo, quando um black bloc abordou aos berros o presidente da Casa, o petista José Américo: “O senhor é a favor da tarifa zero? Quem matou o Amarildo? Abriria mão do seu salário? É contra a Constituição?”.



MISTURA EXPLOSIVA -- Aos black blocs das periferias de grandes cidades se juntaram punks e universitários de classe média, que engrossaram as fileiras do bando nos confrontos com a polícia em São Paulo (Foto: Fernando Cavalcanti)

Se os vândalos paulistanos não conseguiram ainda eleger seu alvo, os do Rio já o fizeram. Há mais de um mês, black blocs lideram um acampamento na porta da casa do governador Sérgio Cabral. Dentro de suas tendas, entre um baseado e um gole de vodca, exigem a renúncia do político.

Por trás dos lenços – pretos, na versão original; de qualquer cor que estiver à mão, na versão brasileira – estão principalmente moradores de periferia. Mas punks e egressos de movimentos sociais decadentes,

como o MST, engrossam as fileiras do bando.

Nessa combinação, a adesão dos primeiros – com suas calças justas e coturnos de cadarços pretos, vermelhos ou amarelos (os brancos são abominados pela associação com os inimigos neonazistas) – contribuiu para aumentar o grau de violência do grupo e levar para dentro dele outros elementos deletérios, como vinho barato e cocaína.

Em São Paulo, completam a babel social estudantes de universidades como USP, PUC e Faap. Na semana passada, uma aluna de ciências sociais da USP engrossava o bloco do quebra-quebra calçando tênis da grife Farm, em média 250 reais o par. “É ótimo para manifestações”, justificava.

7



Manifestantes pela queda do governador do Rio, Sérgio Cabral (Foto: Marcos Arcoverde / Estadão Conteúdo)

Na capital paulista, essa turma heterogênea se reúne em uma casa na Zona Oeste, em festas regadas a cerveja e ao som de **cumbia** – ritmo nascido na periferia de Buenos Aires. Ao final, assistem a filmes como *Brad*, *Uma Noite Mais nas Barricadas*, uma ode ao produtor de vídeo americano morto por um grupo paramilitar durante uma manifestação no México.

No Brasil, os primeiros integrantes dos black blocs viviam nos moldes das antigas comunidades hippies, em bairros como Perus, na Zona Norte de São Paulo. Politizados e interessados por história, liam livros como *Manual do Guerrilheiro Urbano*, de Carlos Marighella, e *The Black Bloc Papers*, que conta o histórico do bando.

Ele surgiu nos anos 80, na Alemanha da Guerra Fria sacudida por protestos antinucleares. Naquele tempo, os black blocs diziam ter um objetivo diferente do atual: o de servir de “escudo humano” para os manifestantes que desafiavam a polícia e apanhavam dela.

Mas o contexto mudou. No fim da década de 90, com o Muro de Berlim despedaçado, o marxismo em baixa e o anarquismo em alta, os black blocs aterrissaram nos Estados Unidos e no Canadá com bandeiras já enegrecidas e gritos bem mais radicais: pela destruição da propriedades, do governo e das empresas privadas.

McDonald’s e Starbucks viraram imediatamente os alvos preferenciais da turma – e até hoje não escapam ilesas de nenhum protesto em que haja um mascarado. Em 2011, os black blocs participaram do *Occupy Wall Street*, em Nova York.

A violência do grupo assustou os manifestantes comuns e serviu para abreviar o movimento – o mesmo processo que pode ter acontecido com as manifestações que começaram em junho no Brasil.

Por aqui, a tática usada pelo grupo nos últimos atos obedece ao padrão de ação dos precursores europeus e americanos. Em turmas de cerca de 100 pessoas, os black blocs assumem a linha de frente dos protestos, a pretexto de compor uma barreira entre os manifestantes e os policiais.

De braços cruzados, movem-se como uma massa uniforme em direção às barreiras de segurança. Quando a polícia se aproxima, emitem em coro e de forma ritmada grunhidos semelhantes a um grito tribal. Nesse momento, alguns membros lançam morteiros, coquetéis molotov e pedras com estilingues.

O objetivo é provocar a polícia. Quando ela reage, eles se dividem: uma turma parte para cima e a outra foge para pichar muros, atear fogo em latões de lixo e destruir estabelecimentos, preferencialmente bancos, concessionárias de carros, lanchonetes de cadeia e tudo o que considerarem “símbolos do capitalismo”.

Placas de sinalização viram armas e orelhões, escudos. Na cartilha apreendida pelo delegado Marco Duarte de Souza, da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, um grupo de black blocs descreve seus alvos: “bancos, grandes empresas e a imprensa mentirosa”.

Devem ser evitadas, segundo o texto, depredações de “carros particulares e pequenos comércios”. Os black blocs acham isso muito bonito e nobre – orgulham-se de dizer que não praticam o que chamam de “vandalismo arbitrário”.

Para eles e seus admiradores confessos – entre os quais professores universitários pagos com dinheiro público –, destruir uma agência bancária a marretadas ou golpes de extintor de incêndio não é vandalismo, mas uma “ação simbólica”, que, inserida na “estética da violência”, simularia a “ruína do capitalismo”. Embora haja uma definição mais precisa para isso – e ela pode ser resumida na palavra crime –, quase nenhum black bloc está preso hoje no país.

Em dois meses de manifestações, mais de 200 agências bancárias foram depredadas, o que causou um prejuízo superior a 100 milhões de reais. No comércio, foi de 38 milhões de reais. Em São Paulo, o governo e a prefeitura gastaram até agora 350.000 reais para consertar vidraças das estações de metrô destruídas, placas de rua e pontos de ônibus. No Rio de Janeiro, o prejuízo superou 1,5 milhão de reais.

Outra opção seria enquadrar os arruaceiros pelo crime de formação de quadrilha, além de dano ao patrimônio. Ocorre que, também nesse caso, é necessário haver uma investigação prévia que comprove que as pessoas se juntaram de modo estável e contínuo para cometer os delitos.

O anarquismo, do qual derivam os black blocs, prega a organização da vida em sociedade fora da moldura do estado – segundo creem, a fonte de todos os males. Os black blocs, no entanto, assimilam apenas o subproduto desse ideário: a improvisação, a baderna e a tolerância para com certos crimes. Tudo aquilo de que o Brasil está louco para se livrar.

A contar pela intensidade da ação policial e da disposição do grupo, inversamente proporcionais, isso não ocorrerá tão cedo. Integrantes dos black blocs já anunciaram que o pior ainda está por vir – e deram até a data, 7 de setembro, quando estão previstas, em dezenas de cidades brasileiras, manifestações de nome preciso e autoexplicativo: Badernaço.

Black bloc em hora de recreio

ANEXO B – O Black bloc está na rua

Manifestações

O Black Bloc está na rua

Nem grupo nem movimento, essa tática de guerrilha urbana anticapitalista pegou carona nos protestos atuais. Como esse fenômeno pode impactar o Brasil

por Piero Locatelli, Willian Vieira — publicado 21/08/2013 15h21

Recomendar

1,2 mil

G+ 8

in Share 1

Tweetar 132

Com um martelo em punho, uma jovem de rosto coberto vestida de preto tenta destruir um Chevrolet Camaro (de 200 mil reais) em uma concessionária na Avenida Rebouças, São Paulo. Outros trajados da mesma forma, paus e pedras nas mãos, estilhaçam a parede de vidro de uma agência bancária. Uma faixa pede a saída do governador Geraldo Alckmin – o A do nome traz o símbolo de anarquia. Até chegarem as bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo



Marcos Méndez

fotos

O bloco não é centralizado nem permanente. São desconhecidos com anseios similares unidos para uma única ação. E, por isso, incontroláveis

da tropa de choque da PM. Sem movimento social ou partido à frente, o protesto reuniu cerca de 200 jovens, deixou lojas pichadas e 20 detidos na terça 30 de julho. Mas as cenas parecem repetidas, a ecoar os eventos que há meses têm chacoalhado o País.

Desde o princípio das manifestações de rua no dia 6 de junho de 2013 em São Paulo contra o aumento nas passagens de ônibus, muito ficou por ser entendido. Seria a carestia a motivação dos protestos que cruzaram a barreira de 1 milhão de pessoas em todo o Brasil ou o esgotamento do sistema político? E os manifestantes, eram jovens anarquistas sem partido ou seriam necessários novos conceitos para dar conta de tantas vozes? De todas as perguntas, a que mais intrigou o País segue sem

resposta clara: em meio ao mar de cabeças e punhos em riste, quem eram e o que queriam aqueles jovens de preto dispostos a destruir bancos e lojas e enfrentar a polícia com as próprias mãos?

Black Bloc foi o termo surgido de forma confusa na imprensa nacional. Seriam jovens anarquistas anticapitalistas e antiglobalização, cujo lema passa por destruir a propriedade de grandes corporações e enfrentar a polícia. Nas capas de jornais e na boca dos âncoras televisivos, eram “a minoria baderneira” em meio a “protestos que começaram pacíficos e ordeiros”. Uma abordagem simplista diante de um fenômeno complexo. Além da ameaça à propriedade e às regras do cotidiano (como atrapalhar o trânsito e a visita oficial do papa), as atuações explicitaram a emergência de uma faceta dos movimentos sociais, de cunho anarquista e autonomista, que vão do Movimento Passe Livre (MPL) e outros coletivos até a face extrema dos encapuzados. Corretos ou não, a tática Black Bloc forçou a discussão sobre o uso da desobediência civil e da ação direta, do questionamento da mobilização pelo próprio sistema representativo. Ignorá-los não resolve a questão: o que faz um jovem se juntar a desconhecidos para atacar o patrimônio de empresas privadas sob risco de apanhar da polícia?

“O que nos motiva é a insatisfação com o sistema político e econômico”, diz Roberto (nome fictício), 26 anos e três Black Blocs na bagagem. Ele não se identifica por razões óbvias: o que faz é ilegal. Roberto já havia ido às ruas contra a alta da tarifa, sem depredar nada. Conheceu a tática e decidiu pelas vias de fato. “Nossa sociedade vive permeada por símbolos. Participar de um Black Bloc é fazer uso deles para quebrar preconceitos, não só do alvo atacado, mas da ideia de vandalismo”, diz. As ações de depredação não seriam violentas por não serem contra pessoas. “Não há violência. Há performance.” Roberto confia em coletivos como o MPL e a Marcha das Vadias. Mas não em partidos políticos. “Não me sinto representado por partidos. Não sou a favor de democracia representativa e, sim, de uma democracia direta.”

Estudar política e quebrar bancos caminham juntos. “Não se trata de depredar pelo simples prazer de quebrar ou pichar coisas, mas de atacar o símbolo representado ali. Quando atacamos uma agência bancária, não somos ingênuos de acreditar que estamos ajudando a falir um banco, mas tornando evidente a insanidade do capitalismo. Política também se faz com as próprias mãos.” Como Roberto, milhares de jovens simpatizam com a causa e o modo de defendê-la. Juntas, as páginas do Black Bloc no Facebook receberam 30 mil “likes”. Novas surgem a cada dia. Páginas fechadas têm centenas de membros. E eles já se encontram fora da internet. Após o protesto em São Paulo no dia 11, participantes fizeram uma reunião espontânea e sem líderes.

“O Black Bloc no Brasil veio para ficar”, afirma Pablo Ortellado, professor da USP. O pesquisador participou de protestos antiglobalização no começo dos anos 2000, quando o termo apareceu pela primeira vez no País. Hoje estuda a emergência de tais grupos. Para entendê-los, diz, é preciso voltar no tempo. A denominação surgiu na Alemanha nos anos 80, com uma pauta (ecologia radical) e uma função específica: isolar manifestantes e polícia, evitando cassetetes e agitadores infiltrados. Em 1999, manifestaram-se com violência em Seattle (EUA), quando a Organização Mundial do Comércio ali se reuniu. Protestos terminaram com pichações e depredação de empresas como Starbucks. “É quando o anarquismo dominou e o Black Bloc ficou associado ao uso da violência como ação direta, passando a ter caráter mais estético, espetacular, de intervenção urbana.” Por aqui, ambos os momentos ocorreram. “No Brasil, eles cumpriram as duas tarefas”, diz Ortellado. Num primeiro ato, protegeram os manifestantes da repressão policial, tradição alemã. Depois, sobrou o modelo americano, de ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático.

No fim de junho, o País viu o MPL conseguir, na base dos protestos nas ruas, baixar a tarifa de ônibus Brasil afora. Sem sua organização, os protestos continuaram com bandeiras confusas e reivindicações mais amplas – exatamente a conjuntura na qual os Black Blocs florescem. Se no começo eles tomavam carona em protestos organizados por entidades com pautas claras, pouco a pouco passaram a agir sozinhos. O protesto de terça 30, por exemplo, teve convocação apócrifa. Tais manifestações tendem a ocorrer cada vez mais desse jeito: instantâneas, acéfalas, impossíveis de controlar. Como não são uma organização, mas uma tática condicionada a contextos políticos, os Black Blocs devem surgir com mais frequência. A Copa do Mundo e as Olimpíadas, com seus espaços delimitados, gastos controversos e simbologias fartas, são alvos esperados.

O arcabouço teórico e prático paira na rede. Uma espécie de biblioteca virtual, com links para o “cânone” do Black Bloc, é replicada nas páginas dos seguidores da tática. Há o “Manifesto Black Bloc”, com máximas de caráter político, e o “Manual de Ação Direta”, espécie de treinamento a distância para a ação direta, com as seções: desobediência civil (e temas como “usando escudos”, “apanhando da polícia” e “lidando com animais”); primeiros socorros (além dos itens “gás lacrimogêneo” e “spray de pimenta”, há dicas de como lidar com queimaduras e traumatismos cranianos); e “leis, direitos e segurança” (“sendo preso”, “na delegacia” e “como deve ser a sua mochila” são os tópicos). Uma frase do manual dá o tom: “Lembre que o que eles fazem conosco todos os dias é uma violência, a desobediência violenta é uma reação a isso e, portanto, não é gratuita, como eles tentam fazer parecer”.



O surgimento de um bloco não é centralizado nem permanente. É o encontro de indivíduos com propósitos similares, mas nunca coibidos pela coletividade. “Uma formação temporária, sem identidade, na qual os indivíduos podem nem saber quem é a pessoa ao lado. Por isso é difícil controlá-los”, diz Saul Newman, professor de teoria política da

Goldsmiths University, de Londres. Newman cunhou o termo pós-anarquismo para abarcar formas de resposta direta, às vezes radicais, a um Estado que interfere cada vez mais na vida de seus cidadãos. A sociedade estaria subestimando esse potencial político. “Ainda que os Black Blocs representem uma minoria no movimento anarquista, são um importante símbolo da emergência de novas formas de políticas antiautoritárias. Seus rostos cobertos se tornaram a imagem do ativismo radical contemporâneo.”

Entre os manifestantes não ligados ao Black Bloc, duas posturas ganham espaço. Por um lado, certo romantismo idealista alimentado pelas redes sociais. Pois eles agiriam como “linha de frente no enfrentamento com a polícia”, diz um blog anarquista. De outro há uma

ojeriza irreduzível. Em uma democracia jovem, desacostumada com manifestações difusas, qualquer protesto fora do script é temido. Durante os atos de junho, não faltaram críticas: eles só seriam válidos se pacíficos, por meio da palavra. “Mas como protestar pela palavra se é ela o suporte por meio do qual o Estado de Direito exerce violência?”, indaga o professor de teoria política Nildo Avelino, do Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas da UFPB. “É preciso criar novas formas de comunicar: o Black Bloc pode ser uma delas.”

Para Avelino, o Black Bloc pode ser visto como a retomada de um tipo de ação praticada pelos anarquistas no século XIX, a propaganda pelo fato, ali para suprir a insuficiência da propaganda oral e escrita quando a prática eleitoral ganhava influência. A razão desse retorno à ação direta adviria da paulatina perda da dignidade imposta pelo capitalismo. O que explica a aceitação dos Black Blocs entre jovens na rede: o fenômeno daria voz a anseios difusos de quebrar a ordem, longe das vias institucionais. Mesma opinião tem o ativista americano John Zerzan, um dos primeiros a defender a tática nos EUA. Em 1999, a mídia associou os protestos de Seattle à sua influência. À época, o centro financeiro da cidade foi destruído. “Não será surpresa ver novas e maiores manifestações do Black Bloc no futuro”, afirma. “Demonstrações pacíficas não alcançam nada. Os protestos de 2003 contra a Guerra do Iraque foram os maiores da história e não conseguiram nada.”

Um veredicto temerário, não só por instaurar o embate físico em detrimento do debate político como regra, mas por alimentar justamente a opressão combatida. Não sendo possível separar ativistas encapuzados de policiais infiltrados e com a expansão da tática, seria possível realizar no futuro ações diretas de massa não violentas, sem embates violentos televisionados e criticados por setores amplos da sociedade? "A proeminência das táticas dos Black Blocs em insurreições recentes ao redor do mundo, inclusive no Brasil, tem alimentado o estereótipo dos anarquistas como destrutivos", alerta Newman. "A mídia e as elites os demonizam e usam seus confrontos espetaculares para deslegitimar protestos mais amplos." Um problema mais sério que as depredações.

A discussão não passou ao largo de quem foi às ruas em junho no Brasil, quando bases policiais e bancos foram destruídos em protestos organizados pelo MPL. O coletivo prestou ajuda jurídica a todos os presos nos protestos, independente do crime a eles imputado. Todas as prisões eram políticas e arbitrárias, diziam. "A gente tentava evitar que houvesse treta entre os manifestantes. Tão ruim quanto o que aconteceu na Paulista, quando os militantes de partidos foram atacados, era quando havia desentendimentos entre manifestantes que optam por uma tática ou outra, entre os chamados de pacíficos e os chamados de baderneiros", diz Caio Martins, do MPL. Movimentos sociais e partidos (do PSTU à CUT), tradicionais portos para insatisfações juvenis nas ruas, mostraram-se contrários à depredação e à tática em geral. Mas, confusa diante dos novos atos, a

"esquerda tradicional" evita falar do assunto. Ninguém os defende, com receio de perder apoio de setores mais conservadores, e poucos os criticam, temendo prejudicar a união da chamada voz das ruas.

Fora do País, o mesmo ocorre. Mal os Black Blocs apareceram nos protestos no Cairo, manifestantes passaram a ser presos aleatoriamente sob a acusação de "terrorismo". O mesmo oportunismo aconteceu com o Occupy Wall Street. Em 2012, o ativista Chris Hedges os descreveu como o câncer que debelou o movimento, até então bem-sucedido em debater a tirania do capitalismo financeiro. O artigo virou um manifesto anti-Black Block. Derrick Jensen, a voz mais crítica contra a tática, concorda. "Sua antipatia contra qualquer forma de organização que iniba sua liberdade de ação faz com que eles tentem destruir até organizações lutando pela revolução social", diz. Jensen é taxativo: para quem busca alcançar conquistas sociais concretas, a tática é um desserviço. "Atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval não vão arranhar o capitalismo", defende. "É preciso estratégia, objetivos. E certa ética."

ANEXO C – Black Bloc, questão de escolha



Black Bloc RJ compartilhou a foto de Imaginariumm.

6 de dezembro de 2013 · 🌐



Imaginariumm

6 de dezembro de 2013 · 🌐

👍 Curtir Página

Black Bloc, questão de escolha.

Todos os dias, desde que você nasceu, sua vida é feita de escolhas. Algumas você aceita, outras você rejeita. Enquanto você não tem forças para escolher por si, seus pais fazem as escolhas. O que você vai comer, vestir, seus horários, etc. Com o passar dos anos, você vai ganhando força e independência. Em teoria muitos cidadãos continuam sem força para decidirem.

Não tem acesso à educação de qualidade, alguns sequer acesso à uma simples água limpa, quem dirá ter forças para decidir os rumos de uma nação. E por causa dos sem voz, que vc decide ser Black Bloc.

Você pode ter as seguintes posturas, concordar passivamente com o que acontece(seja por quais fatores ou motivos forem) vc pode discordar, porém se contentar, quando nada muda. (seja por qualquer motivo ou fator), você pode discordar, querer mudanças, exigi-las e se contentar quando prometem para daqui a dez ou doze anos, ou pode querer mudanças, exigi-las, entretanto cobrar que sejam feitas em tempo hábil. (e ai que o Black Bloc entra).

Ao aderir a tática Black Bloc você esta EXIGINDO o mais rápido possível, mudanças concretas. Black Bloc não é bonde, não é rolê, não é como "um bando de pitboys de preto". Toda ação tem uma causa. Black Bloc não sai para implantar o terror, não e milicia, é uma tática usada por cidadãos de bem, que não mais se sentem representados pela forma de governo atual.

Note, não é por um partido, é porque um conjunto obsoleto de ideias, que ao contrário de muitos países, não se atualiza e moderniza em prol do povo há DÉCADAS. Nosso governo, governa para poucos, visando explorar o máximo de desgraças possíveis, pois isso dá voto e dinheiro. Nossos políticos são uma corporação que se defende ferozmente, aprova leis que beneficiam a si em dias, entretanto, tudo que beneficia o cidadão demora, meses, quando não anos. A classe política sentiu-se intocável, pelo fato do cidadão brasileiro ser proibido de portar armas de fogo.

Bastou a técnica Black Bloc mostrar a eles que não são intocáveis (note bem, nenhum político sofreu atentado ou foi vítima de violência) que o povo passou a ter terroristas em seu meio. (consulte as aprovações de leis, de marcos regulatórios etc, que vc vai ver o tamanho do medo e necessidade de controlar qualquer um que pense diferente, rotulando difamando, caluniando, implantando provas falsas e por ai vai).

A tática Black Bloc apenas exige que sejam efetuadas mudanças, que o governo governe para o povo e em seu nome e benefício, não através da passividade, mas da reatividade. Prontos para, e em condições de reagir, defender os direitos de muitos, muitas vezes pondo esta defesa, acima da dor, da própria segurança e integridade física. Black Bloc não é ausência de medo, e sim um medo de que se não se for feito algo AGORA, como dizem aqui no Brasil, a coisa role ladeira abaixo. Black Bloc é uma luta por igualdade, por educação, para que um dia exista auto gestão, cada um cuide de seus afazeres, seus direitos seus deveres, sem a necessidade de um governo.

Demora ate chegarmos lá, entretanto, com a quantidade de impostos que pagamos as exigências começam por, saúde, educação, infra estrutura, cultura, lazer de QUALIDADE para todos. Nosso pais se mostrou rico, para erguer estádios, instalações olímpicas, para pagar salários altíssimos a políticos, para sustentar privilégios de algumas centenas, enquanto milhões que dependem de educação e saúde públicos, esperam no padrão "Somalia"o que deveriam ter no padrão "FIFA".

Black Bloc é ação imediata, para que você tenha seus direitos assegurados e pare de ser sistematicamente assaltado por quem deveria governá-lo. A polícia é arma do estado, então pedimos desculpas à todo policial, não é raiva dos senhores como pessoas, não é rixa com sua corporação, mas os senhores defendem um estado que não é o de direito, alias que de direito não tem nada.

Atrítamos com os senhores pois os senhores cumprem seu dever, e nós como cidadãos temos o dever de nos opor à leis injustas. Somos vocês, mas exigindo dos governantes aquilo que os senhores deveriam exigir mas não podem devido a sua postura. Black Bloc é povo na rua, é cidadão de bem contra o sistema que explora oprime e mata. Não com bandeirinhas, não apenas passivamente mas com a bebida que pisca e com a ira dos injustiçados, a revolta dos sem educação de qualidade, o fôlego dos explorados por uma carga tributaria esdruxula e a garra, gana e humor do povo mais belo da face da terra. Brasileiro. Obrigado a cada um que leu esta mensagem, pelo seu tempo.

Um de muitos. Black Bloc Brasil.

Curta: [We Are Legion](#)